

O USO DO TEMPO LIVRE E AS PRÁTICAS CULTURAIS NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

RELATÓRIO DA PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA

SÃO PAULO, ABRIL DE 2005

CENTRO DE ESTUDOS DA METRÓPOLE
– CEBRAP –

O USO DO TEMPO LIVRE E AS PRÁTICAS CULTURAIS NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

RELATÓRIO DA PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA

Isaura Botelho

Doutora em Ação Cultural pela ECA/USP e Coordenadora da Área de Difusão do CEM – Centro de Estudos da Metrópole.

Maurício Fiore

Mestre em Antropologia Social pela USP e pesquisador do CEM – Centro de Estudos da Metrópole.

Revisão Editorial: Maristela Debenest

São Paulo, abril de 2005

ÍNDICE

Parte I – Introdução.....	4
O papel das pesquisas sobre práticas culturais.....	4
Democratização x democracia cultural.....	8
O espaço da pesquisa.....	12
Práticas domiciliares x práticas externas.....	14
O acúmulo de práticas culturais.....	16
Parte II – Resultados iniciais.....	18
Índice de práticas culturais.....	18
Níveis de acúmulo de práticas culturais externas.....	32
Exceções.....	38
Práticas relativas ao audiovisual.....	42
Práticas relativas à música.....	56
Uso de Internet e computador.....	70
Leitura por prazer e informação.....	75
Práticas relativas às artes cênicas.....	86
Práticas relativas às artes plásticas e ao patrimônio.....	95
Outros hábitos e práticas de lazer.....	100
Comportamento de algumas variáveis.....	108
Conclusões preliminares.....	112
Anexo - Nota metodológica.....	115

PARTE I - INTRODUÇÃO

O PAPEL DAS PESQUISAS SOBRE PRÁTICAS CULTURAIS

As pesquisas sobre práticas ou consumo cultural constituem hoje, para um grande número de países, importante instrumento para conhecer a evolução dos comportamentos da população. A origem dessas pesquisas enraíza-se em um novo enfoque do campo da cultura, disseminado nos congressos periódicos da UNESCO, a partir dos anos 70. Desde então, internacionalmente o desenvolvimento cultural passa a ser considerado como base do desenvolvimento econômico da sociedade. A França é um dos primeiros países a abraçar esta noção, o que a leva a incluir a cultura no plano de metas nacional. Simultaneamente, a UNESCO conclama seus países-membros a produzirem dados estatísticos sobre a cultura, com vistas a alterar a percepção dos governos nacionais com relação ao setor – conclamação esta a que apenas as nações mais desenvolvidas responderam de maneira mais consistente e periódica.

Nesses países, geralmente o trabalho iniciou-se por programas de estudos descritivos: inventários de animadores e de equipamentos culturais, levantamentos de frequência, estatísticas sobre custos de investimento e de funcionamento de tais equipamentos. Logo a seguir, o movimento foi no sentido de verificar se e como a evolução dos modos de vida – a elevação do grau de instrução, a evolução dos meios de difusão, o aumento e a transformação do tempo de lazer – incidia, direta e indiretamente, sobre o domínio cultural. Além disso, fatores como o novo perfil dos empregos, exigindo tanto maior qualificação técnica quanto maior formação cultural, e a enorme expansão e diversificação da indústria cultural, seja da mídia (cinema, revistas, publicidade, TV) seja do turismo (museus, concertos, teatro, festas culturais), exigiram novas respostas dos governos diante da cultura – já que ela

ancorava itens economicamente fortes na balança de pagamentos de vários países. Com isso, a área cultural foi progressivamente inscrita no conjunto de necessidades nacionais e deixou de ser vista como algo supérfluo e marginal à vida social. Com isto, a cultura passou a exigir maior pragmatismo e objetividade nas decisões relativas ao setor.

Pesquisar a maneira como a cultura é vivida pela população em geral – e traduzir tais resultados em números comparáveis – permitiu, portanto, "quantificar" o setor cultural isoladamente, aprimorando os critérios de intervenção para o poder público. Isto porque tanto os novos contornos da cultura quanto a nova maneira de se tomar decisões em relação a ela introduziram e consolidaram a gestão cultural no campo das políticas públicas.

O tratamento das questões culturais como problemas econômicos e sociais trouxe outra decorrência: novos argumentos e categorias surgiram a partir do momento em que se pôde examinar e avaliar as práticas culturais dos indivíduos em termos de custo/benefício, horas de escuta de música, preferências por atividades praticadas em casa ou ao vivo, hábitos de leitura, frequência ao cinema ou ao teatro, práticas artísticas amadoras etc. Aquilo que era tomado de maneira impressionista passa, a partir de então, a ser considerado de forma objetiva. Conhecer o público tornou-se fundamental para o planejamento de uma política cultural – premissa essa que consolidou a realização periódica de pesquisas sobre práticas e consumo culturais.

Desde as primeiras pesquisas realizadas os resultados apontaram a desigualdade de acesso à cultura tradicional e o peso respectivo das variáveis sociodemográficas – nível de educação, profissão e localização domiciliar – confirmando os dados obtidos por Pierre Bourdieu em seu estudo pioneiro sobre públicos dos museus de arte europeus¹. Trabalhos posteriores revelaram que o acesso à cultura é também fortemente condicionado pelas transmissões e heranças familiares, ou seja, pela bagagem cultural do

¹ BOURDIEU, P.; DARBEL, A. *L'amour de l'art*. Une étude sur les publics des musées d'art européens. Paris: Éditions de Minuit, 1966. Este livro é resultado de pesquisa encomendada pelo Ministério da Cultura da França e que lançou as bases metodológicas para trabalhos posteriores sobre práticas culturais realizadas, não só na França, como em diversos países.

ambiente familiar. Tais resultados são encontrados em todas as pesquisas realizadas na França, Estados Unidos, Itália, Espanha, Polônia, Cidade do México, Portugal, para citar apenas alguns.

A pesquisa sobre "O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo" tem como objetivo contribuir para um melhor conhecimento dos fatores que interferem nas práticas de lazer cultural ou de lazer puro e simples. Ou seja, conhecer melhor o que preside as escolhas que as pessoas fazem em seu tempo livre para ocupá-lo.

A primeira etapa desta pesquisa constou de sondagem realizada num universo de 2002 pessoas residentes na Região Metropolitana de São Paulo, cujos resultados apontaram uma enorme desigualdade de acesso à cultura tradicional e o peso respectivo das variáveis sociodemográficas, como níveis de escolaridade e de renda, faixa etária e localização domiciliar, corroborando os resultados internacionais.

Pesquisas por sondagem, entretanto, não produzem uma fotografia exata dos comportamentos dos entrevistados. Afora problemas de memorização, as pessoas têm a tendência a superestimar suas práticas quando estas se referem a comportamentos socialmente valorizados; ao contrário, tendem a subestimar as demais. Daí a importância de refinar a formulação dos questionários ou trabalhar com pesquisas qualitativas que permitam superar tal problema. Por isso, os dados obtidos nesta primeira fase serão complementados por resultados de uma etapa qualitativa, em curso: a realização de entrevistas em profundidade com uma sub-amostra que corresponde a cerca de 5% do universo da primeira fase, selecionada com base em critérios relativos ao acúmulo de práticas culturais, à escolaridade, à faixa etária e à região de domicílio.

Sabe-se que o limite entre prática cultural e entretenimento é cada vez mais tênue, pois a vida cultural dos indivíduos é vista como um consumo entre outros, com os quais está em permanente competição. Sabe-se também que as variáveis de uma pesquisa quantitativa freqüentemente não revelam modalidades de engajamento dos entrevistados em suas diferentes práticas e consumos: há práticas mais ou menos obrigatórias (escola, profissão, família, amizades etc.); há práticas rotineiras e que não envolvem grande entusiasmo; há práticas associadas ao interesse ou ao prazer; há, enfim, aquelas vividas de maneira mais intensa, como uma paixão. Grande parte das práticas culturais individuais, muitas vezes a maioria delas, não estão ligadas a gostos mas a circunstâncias (como veremos adiante, nos casos da leitura e da freqüência a bibliotecas, por exemplo). Para avaliar mais profundamente a relação entre as atividades e as condições nas quais os indivíduos são levados a consumir ou a praticar, optou-se pela realização da etapa qualitativa, abarcando cerca de cem entrevistas em profundidade com praticantes—tipo representativos da diversidade encontrada na primeira fase. Este segundo momento tem o intuito de propiciar condições para um melhor entendimento sobre os valores atribuídos pelas pessoas a suas atividades, bem como alargar nossa percepção sobre os mecanismos de transmissão de gostos e hábitos culturais.

O pano de fundo da pesquisa “O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo” é a compreensão da “vida cultural” da população como o conjunto de práticas e atitudes que têm incidência sobre a capacidade do homem de exprimir-se, situar-se no mundo, criar seu entorno e se comunicar, já que a vida cultural do indivíduo comporta também atitudes diversificadas em diferentes períodos e momentos de sua vida cotidiana.

A contrapartida desse pano de fundo é a relação entre a pesquisa e a avaliação do atual quadro das diferentes esferas dos poderes públicos, nas quais há uma demanda hegemônica pela formulação de políticas mais eficazes. E sua eficácia depende de mecanismos capazes de não só mapear o universo da produção (tarefa, em princípio, mais fácil), mas também de caracterizar melhor, pela coleta mais rigorosa de dados, a relação que os indivíduos mantêm com os equipamentos e com a vida cultural. Por isso, procurou-se dar atenção não apenas às atividades socialmente legitimadas como culturais – ir ao teatro, ao cinema ou a

espetáculos musicais, por exemplo –, mas também àquelas que são mais diretamente relacionadas ao entretenimento, ao “uso do tempo livre” – fazer palavras cruzadas, crochê ou praticar esportes, e passeios de tipos variados, como ir a parques, visitar amigos, por exemplo. Na fase qualitativa em curso, essas atividades são tratadas em diálogo com os usos (e dificuldades de uso) da metrópole, bem como com as demais práticas culturais.

DEMOCRATIZAÇÃO X DEMOCRACIA CULTURAL

Apesar de incluídas nas pesquisas sobre práticas culturais realizadas nos diversos países, as atividades de lazer costumam ser preteridas nas análises dos resultados, nas quais se privilegia a cultura erudita – que, em função de sua legitimidade, é o segmento sobre o qual as estruturas governamentais se debruçam. Habitados a pensar no quadro dominante, costumamos considerar a cultura erudita como paradigma. Paradigma este que ilumina a reiterada preocupação em avaliar as desigualdades de acesso àquela Cultura, com letra maiúscula, presente nas diferentes pesquisas e estudos. E dá origem às políticas de democratização cultural que, surgidas nos anos 60/70, mantêm-se até hoje como modelo e têm por objetivo superar as desigualdades de acesso da maioria da população à "Cultura com letra maiúscula", a que é considerada a "única" ou a mais “legítima”.

As políticas de democratização da cultura repousam sobre dois postulados básicos: o primeiro define que a cultura socialmente legitimada é aquela que deve ser difundida; o segundo supõe que basta haver o encontro (mágico) entre a obra (erudita) e o público (indiferenciado) para que este seja por ela conquistado. Tais políticas levam em conta fundamentalmente os obstáculos materiais às práticas culturais, como má distribuição ou ausência de espaços culturais e preços elevados dos ingressos, vistos como os entraves básicos a um maior consumo cultural. Mas não atentam para outros fatores, tão decisivos quanto os citados e que não se reduzem à dimensão econômica ou “de oferta”. Há distinções de formação e de hábitos no tecido da vida cotidiana que têm grande

incidência sobre as práticas culturais – a começar pelo fato de a cultura erudita, embora dominante no plano oficial por razões históricas e pelos valores que agrega, ser apenas uma vertente que convive com outras formas de produção e outras tradições populares, tudo bastante infiltrado pela dimensão “industrial” e mercantil dos processos atuais.

Avançar na reflexão sobre o perfil das práticas exige que se parta desta dinâmica de pluralidade (no plano da produção e de suas “raízes”) e de unificação (no plano do controle da distribuição e dos circuitos de consumo), condição para que se estabeleça uma política pública articulada que contemple as várias dimensões da vida cultural, sem preconceitos elitistas ou populistas. Hoje parece claro que investir na democratização cultural não é induzir a totalidade da população a fazer determinadas coisas, mas sim oferecer a todos a possibilidade de escolher entre gostar ou não de algumas delas. Isto implica colocar os meios à disposição, combater a dificuldade/impossibilidade de acesso à produção menos “vendável” e o excesso de oferta da produção que segue as leis do mercado, procurando o que seria uma efetiva “democracia cultural” – algo distinto da “democratização” unidirecional que até aqui orienta as políticas.

A democracia cultural pressupõe a existência de públicos diversos – não de **um** público, único e homogêneo. Pressupõe também a inexistência de um paradigma único para a legitimação das práticas culturais. Novos estudos problematizam o que tem sido aceito como pressupostos de todas as pesquisas até hoje realizadas, as quais tomam como quase inexorável o peso das variáveis classe, renda, faixa etária e localização domiciliar. Estes novos estudos, como o trabalho do sociólogo francês Bernard Lahire², embora não neguem o peso destas variáveis, introduzem questões que sugerem uma abordagem mais qualitativa, em busca de esmiuçar os mecanismos de transmissão de gostos e hábitos culturais, úteis para formular políticas públicas que atendam à diversidade de públicos que compõem cada sociedade.

² LAHIRE, Bernard. La culture des individus. Dissonances culturelles et distinction de soi. Paris: La découverte, 2004.

Lahire afirma que, com relação a todos os indivíduos, em todos os grupos sociais, a fronteira entre legitimidade cultural (a chamada “alta cultura”) e ilegitimidade cultural (a “baixa cultura”, o “simples divertimento”) não separa simplesmente as classes sociais, mas distingue diferentes práticas e preferências culturais próprias a cada indivíduo. A isso ele chama de dissonâncias – vistas muitas vezes como “ruídos” – no comportamento cultural das pessoas. Tais dissonâncias seriam mais prováveis nas classes médias e superiores do que nas populares, em todos os níveis de escolaridade (mesmo se muito mais prováveis naqueles que têm pelo menos nível médio do que entre os menos escolarizados) e em todas as faixas etárias (mesmo que com menor probabilidade quanto mais se avança na idade). Ou seja, em nome da quebra de uma rotina estressante, pessoas com maior nível de renda e de escolaridade se permitem práticas que consideram culturalmente pouco legítimas.

São novas contribuições à Sociologia da Cultura, inaugurada por Pierre Bourdieu em seu estudo sobre os públicos dos museus europeus e, posteriormente, sobre a distinção³. Em Bourdieu, o olhar se dirige principalmente para a distribuição desigual das obras, das competências culturais e das práticas. É uma sociologia das desigualdades e das funções sociais da cultura dominante. Ele chama a atenção, em primeiro lugar, para o desejo de distinção do que é considerado “vulgar” (nos dois sentidos do termo: o “comum” e o “grosseiro”), desejo que se faz acompanhar de um outro, o desejo de legitimidade, de excelência. Já Lahire chama a atenção para o fato de que a noção de cultura “legítima” só pode existir em meio àqueles que acreditam em sua importância, e mesmo na superioridade de certas atividades e de certos bens culturais com relação a outros. Os indivíduos e grupos sociais mais dependentes dos mercados culturais classicamente legítimos ou que estão em condição de se avaliar mais freqüentemente face às normas clássicas de legitimidade – essencialmente o que o autor denomina burguesia e pequena burguesia culturais – são aqueles que mais se ressentem dos efeitos de legitimidade da ordem cultural dominante⁴.

³ BOURDIEU, P.; DARBEL, A. L'amour de l'art. Opus cit. e La distinction: une critique du jugement. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

⁴ LAHIRE, B. op.cit..

Para Lahire, só se pode falar em desigualdade de acesso quando há um forte desejo alimentado coletivamente. Os desejos cultivados nos limites de subgrupos ou de pequenas comunidades jamais constroem condições de percepção de desigualdades sociais. É necessário que estes desejos alcancem populações mais vastas – o que aponta, mais uma vez, a importância da educação, seja ela formal ou informal, no sistema de constituição dos gostos⁵. Ele propõe, assim, um novo olhar sobre as pesquisas de práticas culturais – no caso francesas – que deveriam observar não apenas diferenças de classes sociais, mas atentar também para dissonâncias internas a cada indivíduo.

Vale ressaltar que, entre as contribuições desses autores, a luta contra a "ideologia do dom natural" ou gosto inato configura-se como uma das mais importantes, na medida em que os trabalhos de ambas as linhas apontam a existência de uma correlação estatística entre a hierarquia das artes (ou dos gêneros) e a hierarquia social e escolar dos públicos.⁶

Esses novos aportes referidos, entretanto, não foram ainda suficientes para alterar as pesquisas desenvolvidas. Em geral, todas elas têm como premissa a "democratização cultural", incorporando pouco do debate que pôs em foco a "democracia cultural". A difusão da cultura erudita permanece – em todo o mundo – a prioridade orçamentária dos poderes públicos. Isto faz com que as pesquisas se voltem, em sua essência, para as práticas ditas legítimas socialmente. No caso europeu, por exemplo, para se colocar ao abrigo de acusações de parcialidade com relação às diversas definições de cultura, adota-se geralmente uma delas, escolhida de forma arbitrária, para orientar a constituição de uma "nomenclatura de atividades"⁷. Isto significa dizer, um arrolamento de atividades culturais de natureza diversa.

⁵ A importância da educação formal se deve ao fato de a escola ter um público cativo, o que a torna um espaço privilegiado de transmissão de conhecimento. Idem.

⁶ LAHIRE, Bernard. *La culture des individus*. Dissonances culturelles et distinction de soi. Paris: La découverte, 2004.

⁷ Para maiores detalhes ver "Les pratiques culturelles en Europe" de Jean-Michel Guy, pesquisador do Ministério da Cultura da França. In: *Participation à la vie culturelle en Europe*. Tendances, stratégies et défis. Paris: La documentation Française, 1993.

Nossa preocupação é com a produção de um conhecimento mais aprofundado sobre o significado da vida cultural para as pessoas. E nosso enfoque lança um olhar específico sobre as políticas públicas. Nesse sentido, demos ênfase – embora não exclusiva – às práticas eruditas, tradicionais ou clássicas na primeira etapa da pesquisa, tratando do universo do entretenimento, das relações de sociabilidade e dos usos da metrópole na fase qualitativa, em curso.

O ESPAÇO DA PESQUISA

Na região metropolitana de São Paulo não há correspondência biunívoca entre crescimento urbano e distribuição dos equipamentos culturais. A área que, para efeitos desta pesquisa, chamamos de Centro Expandido⁸ é aquela que congrega todas as vantagens: concentração de equipamentos culturais, melhor sistema de transporte, população de maior renda e escolaridade. Ao desequilíbrio na distribuição devem acrescentar-se outras formas de geração de diferenças no uso dos equipamentos culturais pela cidade, fatores decisivos na definição do uso de algum teatro, museu, cinema ou centro cultural por parte da população. Ou seja, a análise da localização, da distribuição espacial do equipamento e da vizinhança a seu público potencial é apenas um dos aspectos a considerar especificamente, ao lado da apreciação de outros fatores⁹.

Os resultados da primeira etapa da presente pesquisa sobre a RMSP demonstraram o peso da localização domiciliar: quem mora no Centro Expandido tem 2,6 vezes mais chances de ser um grande praticante cultural do que quem reside em outras regiões, além de ter 50% menos chance de não ter tido alguma prática cultural externa ao domicílio nos doze meses precedentes.

⁸ Ver no Anexo os distritos da RMSP que correspondem a este recorte específico.

Demonstraram também que a intensidade da vida cultural da população não se caracteriza pelo predomínio de práticas legitimadas, aquelas ditas de elite, com as quais se preocupam os gestores culturais dos equipamentos da cidade (teatro, museus, bibliotecas, por exemplo), mas principalmente pelo recurso a equipamentos e produtos da indústria cultural, sobretudo eletrônicos.

Néstor Garcia Canclini, em sua pesquisa sobre o consumo cultural na Cidade do México (cuja região metropolitana apresenta enormes semelhanças com a de São Paulo), menciona o fato de que as grandes cidades apresentam uma enorme fragmentação das condutas: as pessoas consomem em cenários de escalas diferentes e com lógicas distintas. Reconhece ainda haver naquela cidade a mesma disparidade entre crescimento urbano e a estrutura e distribuição dos equipamentos culturais apontada para São Paulo. Para Canclini, essa disparidade levaria o cidadão a privilegiar o consumo de bens simbólicos em domicílio ao invés de sair de casa e fruí-los numa relação direta, ao vivo. Resultado em tudo semelhante ao que encontramos em nossa pesquisa sobre a RMSP, como veremos a seguir.

Canclini crê existir aí indício do que ele chama de “desurbanização”. A irracionalidade da urbanização é então compensada pela alta eficácia das redes tecnológicas, que terminam por estabelecer uma nova diagramação dos espaços e dos intercâmbios urbanos, exigindo uma reinvenção de laços sociais e culturais. Essa nova diagramação cultural da cidade (na qual a televisão é a protagonista) é funcional por compensar a desarticulação da cidade e sua gradual descentralização, bem como o isolamento dos habitantes de suas periferias, assegurando maneiras de contato com a informação e o saber, dentre outras formas de manutenção de vínculos culturais comuns, numa cidade construída sobre migrações permanentes¹⁰. Outro resultado comum às duas pesquisas é o

⁹ Para mais detalhes sobre a distribuição de equipamentos na cidade de São Paulo, ver o artigo de Isaura Botelho “Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública”, disponível no sítio www.centrodametropole.org.br e publicado na revista *Espaço e debates*. SP: USP/NERU, 2003.

¹⁰ CANCLINI, N. G. (coord.). *El consumo cultural en México*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1993.

fato de o uso da metrópole estar muito mais relacionado ao tempo do trabalho do que ao do lazer – algo que as entrevistas qualitativas realizadas na segunda etapa começam a confirmar.

PRÁTICAS DOMICILIARES X PRÁTICAS EXTERNAS

As práticas culturais dos indivíduos foram divididas, para efeito de análise, entre aquelas realizadas em casa (domiciliares) e aquelas que exigem deslocamento (externas)¹¹. Estas últimas dependem de investimento de tempo e dinheiro, o que as torna mais distintas, já que denotam maior envolvimento do indivíduo com a atividade. O sair de casa associado a atividades legitimadas como cultas é o que os pesquisadores franceses convencionaram chamar de "saída cultural" (frequência a concertos, espetáculos, museus, exposições), considerada a mais distintiva das práticas culturais¹².

A pesquisa na RMSP mostrou o predomínio das práticas domiciliares, fenômeno massivo em escala internacional que vem sendo chamado, pela literatura especializada, de “cultura de apartamento” ou “cultura em domicílio”. Uma das razões da generalização deste tipo de prática é a disseminação e o barateamento dos equipamentos eletrônicos – o que permite uma

¹¹ As atividades consideradas como práticas domiciliares foram: informática (uso de computador, acesso à Internet, jogos eletrônicos); leitura (revista, jornal, livro por prazer); audiovisual (televisão, vídeo/DVD); música. As práticas externas foram: ir ao cinema, ao circo, ao teatro, a espetáculos de dança (balé, dança moderna, popular), apresentações musicais (popular, concerto, ópera), visita a museus, a exposições de arte, a cidades históricas e frequência a centros culturais e bibliotecas. As pesquisas francesas adotam seis tipos de «saídas de casa» consideradas notadamente culturais, e que permitem comparação de resultados nas três pesquisas feitas: idas ao teatro, a concertos de música clássica, a pelo menos um espetáculo de dança, visitas a exposições, a monumentos históricos e, finalmente, a museus.

¹² Na pesquisa *Les pratiques culturelles des Français*, o critério adotado baseia-se na quantificação cumulativa das seguintes práticas: ter ido, pelo menos cinco vezes durante o ano, a um concerto clássico, ao teatro ou à ópera, a museus, a uma exposição ou galeria de arte; e ter ido pelo menos duas vezes por mês ao cinema.

diversidade maior de práticas de cultura e de lazer em domicílio sem necessidade de despender tempo em deslocamento e dinheiro, bem como propicia a simultaneidade de atividades como, por exemplo, escutar música enquanto se lê ou se faz outra coisa.

A “cultura de apartamento” poderia sugerir a hipótese de concorrência entre práticas que implicam “sair de casa” e aquelas realizadas em domicílio. Poder-se-ia imaginar que as práticas domiciliares prejudicariam a intensidade das externas, substituindo-as, tal como aconteceria com a menor frequência ao cinema porque existe a televisão e, mais recentemente, o vídeo e o DVD. No entanto, os dados apontaram que cerca de 97% daqueles que têm alto índice de práticas externas são grandes ou médios praticantes domiciliares¹³. Verificou-se que cerca de 97,1% dos “pouco praticantes ou não–praticantes” domiciliares são também pouco ou não–praticantes externos. Ou seja, os resultados indicam que alguém com grandes práticas domiciliares tem chances significativamente maiores de também realizar práticas externas: quem pratica mais em casa, também sai para praticar fora.

A competição, portanto, não ocorre no nível suposto. Os dados apontam que um grande obstáculo para ter diversas práticas culturais fora de casa é não estar vinculado a uma atividade profissional ou de formação. E aqui não se considera apenas o desemprego, mas também a aposentadoria e as atividades domésticas. São casos em que a insuficiência de recursos financeiros assumem peso importante. Mas também o isolamento, o baixo nível de informação – propiciado pela falta de convívio com a própria cidade – podem ser consideradas condições que interferem negativamente na relação com o mundo exterior ao espaço doméstico. Quem se relaciona fora do ambiente doméstico, quem se informa (pela leitura de jornais e revistas) e quem circula pela cidade terá maior tendência a buscar mais informação sob outras formas, tanto em práticas culturais domiciliares – como fazer novas leituras, ouvir novos discos – quanto em práticas externas – como ir ao cinema, ao teatro, a concertos, espetáculos diversos etc. Ou seja, a

¹³ Tendo de arbitrar estes níveis de acúmulo de práticas, definiu-se que o “grande praticante” tem de 5 a 8 práticas domiciliares e de 8 a 14 práticas externas; o “médio praticante” acumula de 3 a 4 práticas domiciliares com 4 a 7 práticas externas; o “pouco praticante” é aquele que tem apenas 1 ou 2 práticas domiciliares e de 1 a 3 práticas externas; e, finalmente, o “não praticante” é aquele que não tem nenhum dos dois tipos de prática (ver Quadro 1).

associação significativa entre a pertença ao grupo dos grandes praticantes externos e uma intensa e diversificada prática domiciliar indica que as diversas práticas alimentam-se mutuamente, tal como se observou em outros países.

O ACÚMULO DE PRÁTICAS CULTURAIS

Toda prática cultural exige a acumulação prévia de um mínimo de informação e, na maior parte dos casos, de conhecimentos. Como ir ao teatro quando se ignora a existência de um, perto de casa, ou quando nada se sabe de sua programação? Como comprar um livro numa livraria se não se conhece seu autor nem seu título? Aquilo a que chamamos correntemente «nível cultural» tem peso determinante sobre as condições de recepção da obra e sobre as diversas modalidades de práticas culturais: por exemplo, as expectativas de uma pessoa com relação a um espetáculo bem como a sua satisfação dependem, em grande medida, de seu nível de informação e das maneiras pelas quais esse indivíduo chegou a tal nível e/ou obteve essa informação.

As mesmas categorias da população – e freqüentemente os mesmos indivíduos – têm tendência a acumular diversas formas de participação na vida cultural – tendência freqüentemente observada no domínio cultural que é referida na literatura como “lei do acúmulo”: Mais além desta constatação, espera-se que uma análise mais detalhada, com base nas entrevistas em profundidade, possa colocar em evidência a complexidade destas relações de complementaridade/substituição entre as atividades que acontecem no espaço doméstico e as atividades “concorrentes”, que acontecem no espaço exterior – especialmente no caso do

audiovisual, como ver um filme em casa ou ir vê-lo no cinema; mas também em outros campos, como escutar um disco ou ir ao concerto, consultar um CD-ROM ou Internet ou ir ao museu, assistir a um programa cômico ou a uma novela na TV ou ir ao teatro)¹⁴.

É interessante observar, por exemplo, a relação entre ir ao cinema e assistir a vídeo ou DVD. Como se verá adiante, os dados da pesquisa indicam que ir ao cinema é a prática cultural externa mais popularizada: cerca de 35% dos entrevistados foram ao cinema pelo menos uma vez no ano anterior e 19,4% foram de uma a quatro vezes por mês¹⁵. E cerca de metade desses freqüentadores de cinema também assistiu filmes em vídeo ou DVD no período, o que corresponde a mais de 1 em cada 10 entrevistados.

¹⁴ Paul Di Maggio em seu artigo “Social structure, institutions, and cultural goods” (in: BRADFORD, G. et alli. The Politics of Culture: policy perspectives for individuals, institutions, and communities) utiliza a expressão “the more-more principle” para referir-se a esse fenômeno, citando ROBINSON, John P. et alli. Public Participation in the Arts: Final Report on the 1982 Survey. Washington, D.C.: Report to the National Endowment for the Arts, Research Division, 1985.

¹⁵ Apesar disso, o cinema registra alta porcentagem de entrevistados que nunca o freqüentaram na vida, cerca de 17%, o que significa dizer quase 1 em cada 5 entrevistados. E também é alta a porcentagem dos que não foram ao cinema no ano precedente: 65%.

PARTE II – RESULTADOS INICIAIS

A sondagem que constituiu a primeira etapa da pesquisa sobre " O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo" abrangeu vinte e dois tipos de práticas culturais, dentre as muitas que os 2002 entrevistados poderiam ter realizado nos doze meses precedentes. Essas atividades, por suas características, foram agrupadas em duas categorias: práticas domiciliares (oito atividades realizadas em casa) e práticas externas (quatorze, realizadas fora de casa).

ÍNDICE DE PRÁTICAS CULTURAIS

Para que as práticas culturais domiciliares e externas pudessem ser analisadas conjuntamente de maneira objetiva, desenvolveu-se um índice de pontuação: cada prática cultural foi considerada uma variável dicotômica (sim recebeu o valor 1 e não, o valor 0)¹⁶. Não se fez qualquer ponderação das práticas, ou seja, cada uma delas tem pontuação máxima de um ponto. Embora as

¹⁶ **Práticas domiciliares consideradas na pontuação:** 1. Costume de assistir TV, 2. Ter visto filmes em vídeo ou DVD pelo menos uma vez por mês. 3. Usar computador regularmente. 4. Ter acesso à Internet. 5. Ouvir música. 6. Ler jornal pelo menos algumas vezes por semana. 7. Costume de ler revistas. 8. Ter lido algum livro por prazer nos últimos doze meses; **Práticas externas consideradas na pontuação** (ter feito uma delas pelo menos uma vez nos últimos 12 meses) : 1. Ter ido ao cinema. 2. Ter ido ao circo. 3. Ter ido a um teatro especialmente para ver uma peça. 4. Ter assistido a uma peça teatral em qualquer outro lugar. 5. Ter ido a um espetáculo de balé clássico. 6. Ter ido a qualquer espetáculo de dança (moderna ou popular). 7. Ter ido a um museu. 8. Ter ido a uma exposição de arte. 9. Ter ido a uma cidade histórica a passeio. 10. Ter ido a um espetáculo de música popular. 11. Ter ido a um espetáculo de música clássica ou erudita. 12. Ter ido a uma ópera. 13. Ter ido a uma Casa de Cultura ou Centro Cultural. 14. Ter ido a uma biblioteca (para mais detalhes ver nota metodológica no Anexo).

práticas externas sejam mais distintivas por expressarem um maior engajamento do indivíduo, como se ressaltou anteriormente, não se deu a elas peso diferencial uma vez que também se levou em conta o papel da chamada "cultura em domicílio" nas metrópoles.

Desenvolveu-se ainda outro índice de pontuação para indicar o acúmulo de práticas por parte dos entrevistados (a soma de diversas atividades praticadas, fossem domiciliares ou externas)¹⁷.

Esses índices são obviamente uma construção arbitrária que equaliza informações de natureza distinta (como o hábito de ler revistas e de assistir à ópera). Devem, portanto, ser vistos como ferramenta para avaliar o grau de ecletismo e de acúmulo dessas atividades entre os entrevistados e não como qualificação das diversas práticas culturais.

A pesquisa apontou uma significativa diferença entre as práticas domiciliares e externas: **o índice médio de práticas culturais domiciliares foi cerca de quatro vezes mais alto que o de práticas externas** – predomínio já esperado, pois entre as atividades realizadas em casa estão as que envolvem o uso de equipamentos eletrônicos em conexão com os meios de comunicação de massa, como a televisão, e hábitos que não exigem deslocamentos, como ouvir música. Essa diferença tem distribuição semelhante entre os grandes recortes da amostra – idade, escolaridade e classe: os mais jovens, os mais escolarizados e os mais ricos são os que apresentam maior acúmulo de práticas (tanto domiciliares como externas).

¹⁷ **Índice de práticas domiciliares** = $\frac{\text{Informática} + \text{Leitura} + \text{Audiovisuais} + \text{Música}}{8} \times 100$

Índice de práticas externas = $\frac{\text{Cinema} + \text{Artes Cênicas/Dança} + \text{Patrimônio/Artes} + \text{Outros}}{14} \times 100$

As fórmulas foram criadas para que os índices tivessem valores que variassem entre 0 e 100 e, desta forma, facilitassem a análise dos dados. Assim, ao se analisar os dados, deve-se sempre levar em consideração que um índice de práticas externas de 56%, por exemplo, significa que o entrevistado realizou 56% das 14 práticas externas levantadas, ou seja, algo em torno de 7 a 8 práticas. Para mais detalhes sobre a construção dos índices, ver o Anexo - Nota metodológica.

Na média geral, os entrevistados realizaram entre uma e duas práticas culturais externas nos doze meses anteriores à pesquisa (dentre as quatorze selecionadas). Cerca de 4 em cada 10 entrevistados afirmaram não ter realizado qualquer uma delas no período considerado.

Com relação às práticas domiciliares, no ano precedente os entrevistados afirmaram ter realizado, em média, cerca de quatro (aproximadamente 50%) das oito pesquisadas.

QUADRO 1 - PORCENTAGEM MÉDIA DE ACÚMULO DE PRÁTICAS DOMICILIARES E EXTERNAS

ACÚMULO DE PRÁTICAS	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/ E
Externas	12,7	12,7	12,8	19,4	16,5	13,0	12,1	6,2	5,3	15,4	29,6	22,0	11,0	5,4
Domiciliares	46,6	47,5	45,7	53,4	53,9	50,4	43,7	33,1	32,3	54,0	74,5	64,3	44,7	30,8

Indicador de leitura: considerando todos os entrevistados, a taxa define que, em média, as pessoas acumularam 46,6% das práticas domiciliares e apenas 12,7% das práticas externas; no caso das pessoas das classes A/B, houve em média um acúmulo de 64,3% de práticas domiciliares e de 22% das práticas externas.

Como se pode ver, as atividades realizadas em casa são determinantes, considerem-se as variáveis idade, escolaridade ou renda. No caso da variável gênero, uma pequena surpresa: os homens têm um pouco mais de práticas domiciliares que as mulheres, sendo que as pesquisas internacionais apontam o contrário. Poderíamos supor, a partir desse dado, que a mulher tem hoje papel decisivo na composição do orçamento familiar, embora mantenha a maioria das responsabilidades domésticas.

Pode-se observar que a relação entre a quantidade de práticas domiciliares e externas decresce progressivamente à medida que os entrevistados vão entrando na vida adulta, com os compromissos de trabalho e de sustento da família que a acompanham. Ser jovem e escolarizado é um dos principais preditores de um grande praticante cultural, da mesma forma que ser idoso é, em si, um fator de desestímulo ao sair de casa, independente dos fatores renda e escolaridade. Faixa etária, nível de escolaridade e renda indicam aqui claramente o seu peso, o que já era esperado.

Na expressiva variação interna dos pólos relativos aos recortes idade, classe e escolaridade (tanto nas atividades realizadas em casa como fora), em relação ao acúmulo de práticas domiciliares observa-se que o maior diferencial localiza-se entre os entrevistados de alta e de baixa escolaridade: uma variação de 52,2 pontos percentuais. Este grau de variação é indicativo do peso determinante que a variável escolaridade tem, relativamente às demais, no acúmulo de práticas culturais pelos indivíduos – como se verá mais adiante.

Em função do acúmulo diferencial de práticas domiciliares e externas dos entrevistados e visando sua classificação em grupos que possibilitassem, por um lado, a obtenção de uma amostra mais significativa para as desagregações pelas diversas variáveis (sexo, classe, escolaridade etc.) e, por outro, a composição de uma sub-amostra para a segunda fase da pesquisa, os dois índices foram escalonados em quatro níveis, da seguinte forma:

**QUADRO 2 - ESCALA DE PRÁTICAS CULTURAIS POR GRUPOS DE ENTREVISTADOS-TIPO
(Construída a partir da amostra)**

ENTREVISTADO-TIPO	PERCENTUAL DE PRÁTICAS ACUMULADAS PELOS ENTREVISTADOS	VARIAÇÃO DO NÚMERO ABSOLUTO DE PRÁTICAS COMPUTADAS
Muito praticante	de 50,1% a 100%	De 5 a 8 práticas domiciliares De 8 a 14 práticas externas
Médio praticante	De 26% a 50%	De 3 e 4 práticas domiciliares De 4 a 7 práticas externas
Pouco praticante	De 0,1% a 25%	De 1 a 2 práticas domiciliares De 1 a 3 práticas externas
Não praticante	0	Nenhuma prática domiciliar Nenhuma prática externa

Indicador de leitura: os entrevistados que acumularam mais da metade (50,1% ou mais) das práticas domiciliares (8) ou externas (14) foram considerados muito praticantes. Quanto aos que ficaram abaixo deste limiar, foram divididos entre os outros três grupos. Aqueles que não responderam afirmativamente a nenhuma das práticas pesquisadas foram considerados não-praticantes.

O escalonamento do nível de acúmulo de práticas foi arbitrário e teve objetivo estritamente analítico. Assim, por exemplo, a tipificação de um entrevistado como pouco praticante externo não significa que tenham sido desconsideradas as práticas que ele possa ter tido; o intuito é apenas diferenciá-lo tanto daquele que nada praticou como do entrevistado que acumulou mais práticas do que ele.

Esse escalonamento assimétrico (com foco especial nas práticas externas, por seu significado de engajamento diferencial) permitiu dar mais visibilidade aos entrevistados que responderam ter realizado cumulativamente metade mais uma das diversas práticas culturais no ano anterior – constituindo o grupo dos muito praticantes. Levando em conta que a grande maioria dos

entrevistados não chegou a 25% de respostas positivas, ultrapassar metade das práticas pesquisadas foi um referencial importante, como se vê na Tabela 1:

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DOS QUATRO GRUPOS DE ENTREVISTADOS-TIPO NA AMOSTRA

ENTREVISTADO-TIPO	NÍVEL DE ACÚMULO	
	PRÁTICAS DOMICILIARES	PRÁTICAS EXTERNAS
Muito praticante	33,3%	3,5%
Médio praticante	32,1%	15,4%
Pouco praticante	33,3%	40,5%
Não praticante	1,3%	40,6%
TOTAL	100,0%	100,0%

Indicador de leitura: 40,6% dos entrevistados não tiveram nenhuma prática cultural externa nos últimos doze meses, enquanto apenas 1,3% não tiveram nenhuma prática domiciliar. Além disso, enquanto um terço dos entrevistados acumulou muitas práticas domiciliares (isto é, de cinco a oito das pesquisadas), apenas 3,5% acumularam muitas práticas externas (isto é de 8 a 14 das atividades pesquisadas).

Observa-se que as práticas domiciliares estão disseminadas no conjunto da amostra, abrangendo cerca de 99% dos entrevistados, indicando a predominância da chamada “cultura em domicílio”. Os níveis de acúmulo de práticas domiciliares dividiram os entrevistados “praticantes” em três grupos de porte quase equivalente, enquanto os níveis de acúmulo de práticas externas definiram cerca de 80% dos entrevistados como não-praticantes ou pouco praticantes (isto é, com 1 a 3 atividades realizadas nos doze meses anteriores). Mesmo entre os muito praticantes externos, as práticas domiciliares têm incidência dez vezes maior do que as atividades realizadas fora de casa.

A freqüência práticas domiciliares e externas combinadas, realizadas pelos entrevistados–tipo no ano precedente, e seu peso relativo no conjunto da amostra estão apresentados no Quadro 3:

QUADRO 3 - FREQUÊNCIA COMBINADA DE PRÁTICAS DOMICILIARES E EXTERNAS ENTRE ENTREVISTADOS–TIPO

Não praticante domiciliar e muito praticante externo ----	Pouco praticante domiciliar e muito praticante externo 0,1%	Médio praticante domiciliar e muito praticante externo 0,3%	Muito praticante domiciliar e muito praticante externo 3,1%
Não praticante domiciliar e médio praticante externo ----	Pouco praticante domiciliar e médio praticante externo 0,9%	Médio praticante domiciliar e médio praticante externo 3,6%	Muito praticante domiciliar e médio praticante externo 10,8%
Não praticante domiciliar e pouco praticante externo 0,3%	Pouco praticante domiciliar e pouco praticante externo 10,0%	Médio praticante domiciliar e pouco praticante externo 14,8%	Muito praticante domiciliar e pouco praticante externo 15,4%
Não praticante domiciliar e não praticante externo 1,0%	Pouco praticante domiciliar e não praticante externo 22,3%	Médio praticante domiciliar e não praticante externo 13,4%	Muito praticante domiciliar e não praticante externo 4,0%

Indicador de leitura: no total da amostra, 3,1% conjugam nível alto de práticas domiciliares e externas; 4% conjugam um nível alto de práticas domiciliares com um nível baixo de prática externas; apenas 1% se definem como não–praticantes nas duas modalidades; 10% conjugam pouca prática domiciliar e externa; o maior percentual ocorre entre os pouco praticantes domiciliares e não–praticantes externos: 22,3%.

Trabalhando com subconjuntos construídos em função de agrupamentos de **freqüência das práticas culturais externas** (expressas nas **linhas** do Quadro 3, acima) pode-se observar que:

- entre os entrevistados que compõem o subconjunto dos muito praticantes externos (que representa 3,5% do total de entrevistados da amostra, como se viu na Tabela 1), observa-se que 88,6% deles são também muito praticantes domiciliares (e representam 3,1% da amostra total); sendo que 8,5% deles são médio praticantes domiciliares (e

representam 0,3% do total da amostra) e 2,9 % são pouco praticantes domiciliares (e representam 0,1% da amostra) – corroborando a forte relação entre esses dois tipos de prática, levando-nos a concluir que elas se alimentam mutuamente;

- entre os entrevistados que compõem o subconjunto dos pouco praticantes externos (que representa 40,5% do total da amostra, como se viu na Tabela 1), 38% são muito praticantes domiciliares (representando 15,4% do total da amostra).

Já em relação a subconjuntos construídos em função da **freqüência das práticas culturais domiciliares** (expressas nas **colunas** do Quadro 3, na página anterior) pode-se observar que:

- no subconjunto dos entrevistados muito praticantes domiciliares (que representa 33,3% do total da amostra, como se viu na Tabela 1), 58% são não–praticantes ou pouco praticantes externos (representando respectivamente 4,0% e 15,4% do total da amostra), enquanto 10% são muito praticantes externos (e representam 3,1% do total de entrevistados).
- entre os entrevistados que compõem o subconjunto dos não praticantes externos (que representa 40,5% do total da amostra, como se viu na Tabela 1), 42,8% são muito ou médio praticantes domiciliares (representando 17,4% do total da amostra).

Evidencia-se assim que a chance de um entrevistado pouco praticante domiciliar ser um grande ou um médio praticante externo é muito pequena. Já o inverso é provável, como indica a cifra de 88,6% encontrada entre os entrevistados que, além de terem alto nível de práticas externas, são também grandes praticantes domiciliares. Por outro lado, ser um grande praticante domiciliar não garante um alto nível de práticas externas, pois apenas 10% destes são também muito praticantes externos. O que se

verificou, na verdade, é que os muito praticantes externos desenvolvem igualmente práticas domiciliares, que são muitas vezes alimentadoras do sair, como a leitura periódica de jornais e revistas, a audição de notícias etc.

**TABELA 2 – CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS GRUPOS DE ENTREVISTADOS-TIPO
(Classificados a partir do acúmulo de práticas culturais externas)**

GRUPOS DE ENTREVISTADOS-TIPO	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Não praticante	100,0	45,3	54,7	2,7	7,5	33,4	32,4	23,9	75,6	20,7	3,7	13,3	40,2	46,5
Pouco praticante	100,0	49,5	50,5	12,4	12,0	37,7	30,1	7,8	40,9	43,7	15,4	33,4	43,9	22,7
Médio praticante	100,0	49,0	51,0	17,0	15,8	36,4	24,0	6,9	14,7	46,9	38,4	58,7	33,6	7,7
Muito praticante	100,0	40,2	59,8	7,4	14,7	31,3	38,7	7,9	2,9	21,0	76,1	73,0	19,5	7,5
TOTAL DA AMOSTRA	100,0	47,4	52,6	9,0	10,9	35,5	30,4	14,2	49,7	34,0	16,3	30,5	40,0	29,6

Indicador de leitura: Observe-se, por exemplo, que cerca de um quarto do grupo de não praticantes é composto por entrevistados com mais de 60 anos, e cerca de 1 em cada 10 entrevistados desse grupo pertence às classes A/B. A leitura da tabela deve ser feita sempre de maneira comparativa com a distribuição total da amostra. Dessa forma, percebe-se que os entrevistados de 15 a 19 anos são sub-representados no grupo de não praticantes e sobre-representados no grupo de médio praticantes, pois perfazem apenas 2,7% no primeiro e 17% no segundo, sendo sua participação no total da amostra de 9,0%.

Quando observados do ponto de vista das variáveis sociodemográficas, os agrupamentos dos entrevistados mostram o peso da escolaridade e da renda como preditores do nível de práticas externas dos indivíduos. No entanto, a escolaridade é claramente o fator decisivo, uma vez que mais de um em cada 10 entrevistados não praticantes de saídas culturais pertence às classes A/B (13,3%) – e 33,4% dos pouco praticantes também têm esse nível de renda. As mulheres, embora apresentem nível alto de não práticas em relação ao homens, são maioria dentre os muito praticantes externos: nesse grupo cerca de 6 em cada 10

(59,8%) são do sexo feminino. Chama a atenção o fato de 7,5% dos muito praticantes pertencerem às classes D/E, as menos favorecidas. Já os mais jovens se concentram entre os pouco e médio praticantes, sendo o grupo com faixa etária entre 40 e 59 anos o mais sobre-representado entre os muito praticantes.

Não foi possível, a partir de uma análise estritamente quantitativa, verificar associações entre as diversas práticas. Com a exceção de relações esperadas, como o hábito de usar um computador e o acesso à Internet, não foram encontradas associações significativas entre práticas específicas. Entretanto, uma comparação da disseminação das 22 práticas¹⁸ entre o grupo dos muito praticantes e o conjunto da amostra propicia uma idéia de quanto algumas práticas estão mais associadas àquele grupo, ou seja, como algumas são muito mais prováveis no grupo de muito praticantes do que no restante da amostra.

¹⁸ Ver nota 10.

QUADRO 4 - PARTICIPAÇÃO RELATIVA DE MUITO PRATICANTES E DE POUCO PRATICANTES NAS PRÁTICAS EXTERNAS E PARTICIPAÇÃO ESTIMADA NO TOTAL DE PÚBLICO DE CADA ATIVIDADE

PRÁTICAS EXTERNAS (referentes aos 12 meses anteriores)	% de muito praticantes que disseram ser frequentadores	Participação relativa dos muito praticantes no público da prática (Projeção)	% de pouco praticantes que disseram ser frequentadores	Participação relativa dos pouco praticantes no público da prática (Projeção)
Foi à ópera	27,4%	46,4%	0,8%	15,8%
Foi a um concerto de música clássica	42,6%	34,3%	1,7%	16,0%
Foi a uma apresentação de balé clássico	31,8%	29,9%	2,0%	22,0%
Foi a um espetáculo de dança	73,5%	27,5%	4,8%	21,0%
Foi a uma Casa/Centro de Cultura	68,0%	22,2%	6,1%	23,2%
Foi a um museu	87,9%	21,9%	10,4%	29,9%
Foi a um teatro assistir uma peça	89,1%	21,2%	10,6%	29,3%
Foi a uma exposição de arte	84,4%	19,7%	11,5%	31,2%
Assistiu a uma peça de teatro em qualquer outro lugar	66,2%	19,3%	10,7%	36,3%
Foi a uma cidade histórica	65,0%	15,0%	17,3%	46,3%
Foi a um circo	37,3%	14,7%	9,9%	45,4%
Foi a um show de música popular	76,8%	13,8%	20,0%	41,8%
Foi a uma biblioteca	75,0%	12,4%	26,1%	50,2%
Foi ao cinema	94,0%	9,4%	47,3%	54,7%

Indicador de leitura: o quadro indica que o percentual dos muito praticantes entre todos os que mencionaram ter ido à ópera é muito maior do que entre os que afirmaram ter ido ao cinema, por exemplo. Apenas 0,8% dos pouco praticantes foram à ópera e quase a metade deles foi ao cinema. Ou seja, ir à ópera está muito mais associado ao grupo dos muito praticantes do que ir ao cinema, ainda que quase todos os muito praticantes tenham realizado esta última atividade. Ainda assim, a projeção para o público de ópera indica que os pouco praticantes representariam 15,8% dos que foram à ópera.

O Quadro 4 indica o que poderíamos chamar de graus de “democratização” das práticas externas mencionadas. De forma decrescente temos das práticas mais elitizadas até a mais popular – que se revelou ser ir ao cinema, seguida de ir a uma biblioteca e a um show de música popular. Ou seja, o ato de ir ao cinema está mais bem distribuído entre os diferentes grupos do que qualquer outra prática externa; inversamente, ir à ópera é, dentre as práticas pesquisadas, a que tem maior associação com o grupo dos muito praticantes. Se imaginarmos um público de ópera, podemos supor que cerca da metade é formado por muito praticantes e raramente pode-se encontrar um pouco praticante (que, nesse caso pode ser um apaixonado por esse gênero musical, não demonstrando maior interesse por outras formas de expressão artística). No cinema, ao contrário, mais da metade dos entrevistados mencionou apenas essa prática – ou mais duas, no máximo. Em outras palavras, ter ido assistir a uma ópera ou a um concerto de música clássica são práticas mais associadas ao universo dos que acumulam um grande número de práticas do que ter ido apenas à biblioteca ou ao cinema.

Na verdade, o Quadro 4 demonstra visualmente o que já se sabe: os mais escolarizados e com maior renda são aqueles que têm a possibilidade de conhecer os códigos específicos das manifestações artísticas eruditas – sejam aqueles internos às formas de expressão, sejam aqueles que regem os códigos sociais de consumo mais distintivo – sendo portanto os que compõem o grupo dos grandes praticantes das saídas culturais. À medida que as práticas são mais populares aumenta a proporção dos médio e pouco praticantes na composição dos respectivos públicos.

No entanto, além de configurarem uma escala de práticas da "cultura do sair", os resultados são também bastante ilustrativos da existência de uma significativa zona híbrida entre pólos extremos: os grandes praticantes e os pouco praticantes externos. Zona híbrida de duas faces. Uma delas, refere-se aos pouco praticantes: observa-se que eles representam parcelas não desprezíveis do público das atividades mais legitimadas, como a ópera, o concerto, o balé – comportamentos culturais dissonantes em relação aos esperados de pessoas com menor acúmulo de práticas culturais externas. A outra face é relativa aos muito

praticantes: estes também representam parcelas significativas de atividades menos distintivas, como ir ao circo, à biblioteca ou ao cinema – ou ver TV, como se observa no quadro sobre práticas domiciliares (Quadro 5, na próxima página).

Vale aqui lembrar um alerta de Bernard Lahire sobre os resultados das pesquisas sobre práticas e consumo cultural. Embora ele se refira às realizadas na França, consideramos que suas observações também se aplicam a outros contextos socioculturais: é muito mais provável que as pesquisas encontrem um perfil cultural consonante “por baixo” (de baixa legitimidade) do que um perfil “pelo alto” (de forte legitimidade), pois é muito difícil encontrar pessoas que desenvolvam exclusivamente práticas altamente legitimadas, absolutamente “consonantes”. Não apenas porque estas se correlacionam a níveis altos de escolaridade e de renda, mas também porque pessoas com tais características permitem-se práticas que consideram culturalmente pouco legítimas em nome da quebra de uma rotina considerada estressante. Práticas de relaxamento, correspondentes a “esvaziar a cabeça”, são freqüentes em todos os meios sociais.

Com relação às práticas domiciliares, realizou-se outro exercício: comparar o grupo dos muito praticantes externos com os que não tiveram nenhuma prática externa. Dessa maneira, pôde-se perceber quais das práticas domiciliares estão mais relacionadas aos muito praticantes. Nota-se, no Quadro 5, que o uso do computador e o acesso à Internet são as práticas mais elitizadas.

QUADRO 5 - PARTICIPAÇÃO RELATIVA DE MUITO PRATICANTES E DE NÃO PRATICANTES EXTERNOS NAS PRÁTICAS DOMICILIARES E PARTICIPAÇÃO ESTIMADA NO PÚBLICO DE CADA PRÁTICA

PRÁTICAS DOMICILIARES	% de muito praticantes externos que disseram ter tido essa prática	Participação relativa dos muito praticantes externos no público da prática (Projeção)	% de não-praticantes externos que disseram ter tido essa prática	Participação relativa dos não-praticantes externos no público da prática (Projeção)
Ter acesso à Internet	75,6%	8,9%	8,8%	12,1%
Hábito de usar computador	70,2%	8,5%	9,1%	12,9%
Hábito de ler jornal	78,0%	7,9%	20,1%	23,8%
Ter lido pelo menos um livro por prazer no último ano	86,4%	7,4%	22,8%	22,8%
Hábito de assistir vídeo ou DVD	67,3%	7,4%	13,0%	16,8%
Hábito de ler alguma revista	78,7%	6,9%	24,9%	25,3%
Hábito de ouvir música	77,5%	3,7%	65,4%	36,0%
Hábito de assistir televisão	94,5%	3,5%	90,4%	39,3%

Indicador de leitura: similarmente ao apontado no Quadro 4, observa-se aqui um índice crescente de “democratização” das práticas domiciliares. Assim, o acesso à Internet está mais restrito ao grupo dos muito praticantes do que o hábito de assistir TV, mesmo considerando que mais de 10% do grupo de não-praticantes também têm acesso à rede mundial de computadores.

Aqueles que mais se informam e têm práticas domiciliares mais distintas (como ler jornais, ler por prazer, assistir vídeo ou DVD) são também aqueles que mais intensificam e diversificam suas saídas culturais, como se verificou no Quadro 4.

Trata-se de um resultado recorrente nas pesquisas internacionais, sugerindo existir uma grande chance de alguém envolvido com práticas altamente distintas, como ir a uma ópera, por exemplo, ser um ativo praticante cultural. Reforça-se aqui a observação feita

anteriormente sobre a retroalimentação existente entre práticas externas e práticas domiciliares intensas e diversificadas – fenômeno consignado como "lei do acúmulo", já referido.

NÍVEIS DE ACÚMULO DE PRÁTICAS CULTURAIS EXTERNAS

Qualquer tentativa de explicação sobre os fenômenos relacionados ao fazer cultural que se baseie exclusivamente em dados quantitativos deve ter como pressuposto os limites inerentes a esse tipo de metodologia. A resposta positiva do entrevistado à indagação de ter tido determinada prática e o seu posterior agrupamento em índices unificados são construções analíticas – ou seja, opções – cujas conclusões devem respeitar o limite desse tipo de informação. Tendo tal preocupação como pressuposto, a análise geral do que favorece ou não o acúmulo de práticas culturais externas aponta para as variáveis idade, escolaridade e classe social como as mais explicativas para a concentração de pessoas nos grupos dos muito ou dos não–praticantes. Entretanto, deve-se compreender o efeito dessas variáveis em conjunto, ou seja, como variáveis interdependentes. Verificou-se, sem surpresa, que os mais jovens têm uma chance maior de estar no grupo dos muito praticantes, o que indica esta condição etária como favorecedora. No entanto, esse resultado pode estar exclusivamente relacionado ao fato de os entrevistados mais jovens serem, na média, mais escolarizados que os mais velhos. O contrário também poderia ser verdadeiro, ou seja, os mais escolarizados teriam mais chances de ser muito praticantes pelo fato de constituírem, também na média, um grupo mais jovem.

Há ainda que se investigar os possíveis efeitos de outras variáveis no acúmulo de práticas culturais. Por exemplo, se o entrevistado está trabalhando ou mora no Centro Expandido da cidade de São Paulo. A simples desagregação dessas variáveis em uma grande quantidade de cruzamentos, com o objetivo de verificar sua associação com a pertença a determinado grupo, mostra-se

exaustiva e, em certo sentido, resulta em dados de pouca relevância estatística. Por isso, nesta pesquisa, foram construídos modelos de regressão logística com resposta binária, ferramenta estatística que se mostrou a mais útil para esse tipo de problema. Nela, a pertença ou não a determinado grupo pode ser prevista por testes com diversas variáveis simultâneas. O efeito de uma variável é controlado pelas demais em um modelo que prevê, com precisão determinada, a importância de cada uma delas na probabilidade de pertencer ao grupo em questão.

Os modelos apresentados a seguir têm como único objetivo apontar variáveis que serão mais bem exploradas no momento em que os dados da pesquisa estiverem completos. Portanto, não se trata de dar respostas fechadas que resultem em explicações de tipo causa-efeito, nem tampouco de descobrir quais variáveis realmente são importantes e quais são descartáveis: as probabilidades resultantes dos modelos de regressão não invalidam os cruzamentos gerais da pesquisa. Ou seja, não há contradição entre o fato da maior parte do grupo de muito praticantes ser composto por entrevistados mais jovens e o fato de que a variável “idade do entrevistado(a)” não figure entre as que constaram como relevantes na regressão logística.

Grupo com alto nível de práticas externas

Dentre as variáveis mais importantes para que um entrevistado faça parte do grupo com alto índice de práticas externas (cerca de 3,5% da amostra total), o nível de escolaridade se mostrou a mais importante. Independentemente das demais variáveis, uma pessoa com um alto nível de escolaridade tem 36 vezes mais chances de ser um grande praticante se comparada a alguém com baixo nível de escolaridade. Mesmo se o nível de escolaridade for médio, este indivíduo tem cerca de 6 vezes mais chances tornar-se um grande praticante do que quem tem baixo nível de escolaridade.

A escolaridade é, portanto, um preditor extraordinário para identificar um indivíduo com grande número de práticas culturais externas. De fato, se aleatoriamente procurássemos um grande praticante, o filtro mais eficiente seria buscar alguém que tivesse chegado ao nível superior. Verifica-se que ter o ensino médio já aumenta em muito as chances de pertença ao grupo, se comparado com o nível mais baixo de escolaridade. Nesse sentido, tudo aponta para a pouca probabilidade de se encontrar um grande praticante de atividades culturais fora de casa dentre os entrevistados com baixa escolaridade.

Testamos também outras variáveis cuja interferência, independentemente das demais, aumentasse a probabilidade de a pessoa ter tido alto nível de práticas culturais externas nos doze meses precedentes. Os resultados apontaram que a chance de ser adepto de práticas culturais externas aumenta quando a pessoa:

- já realizou algum trabalho de natureza artística (3,6 vezes mais chances de que alguém que não detém essa característica);
- participou de um grupo teatro (2,3 vezes mais provável);
- mora no Centro Expandido da cidade de São Paulo (2,6 vezes mais provável);
- tem pais com pelo menos nível médio de escolaridade (1,9 vezes).

A significativa associação entre o acúmulo de práticas culturais e outras práticas associativas e de lazer revela a importância de traços biográficos particulares. Isto se aplica tanto ao caso de práticas artísticas amadoras (ter realizado trabalho artístico ou participado de grupo de teatro) quanto a atividades de natureza associativa ou de lazer (partido político, defesa do meio-ambiente, associações esportivas). Esse tipo de participação ou de atividade pode levar o indivíduo a inserir-se em diferentes universos culturais que influenciam suas práticas de maneira decisiva. Grosso modo, *quanto mais se faz, mais se faz*. Tais resultados apontam para a necessidade de se refinar a obtenção de informações sobre os mecanismos de transmissão de gosto, o que pode levar a uma diversificação de instrumentos de intervenção pública.

Há que se notar ainda que variáveis que pareciam muito relacionadas ao grupo dos muito praticantes, como classe e idade, não estão presentes no modelo. Isto indica a intensidade do efeito do nível de escolaridade, mais preponderante; ou seja, os níveis de escolaridade se sobrepõem, no caso dos muito praticantes, a outras clivagens sociais clássicas. Além disso, o fato de o nível de escolaridade dos pais ter permanecido no modelo evidencia a importância do *background* familiar, o que já havia sido constatado em outras pesquisas internacionais.

Uma hipótese confirmada pelos resultados da pesquisa foi que os moradores do Centro Expandido tendem a apresentar índices de práticas externas mais elevados do que os habitantes das outras regiões. Sabemos que esta é a região mais bem aquinhada em termos de quantidade e de diversidade de equipamentos. Por outro lado, esta é a região que concentra os níveis mais altos de escolaridade e renda da RMSP, o que define uma concentração de efeitos positivos sobre a população ali residente. Qualquer afirmação, no entanto, requer uma análise mais cuidadosa, pois as grandes disparidades regionais da RMSP tornam difícil a determinação dos efeitos de variáveis espaciais em conjunto com as demais, como classe e escolaridade. De qualquer maneira, a pesquisa revelou uma tendência significativa de concentração dos muito praticantes no Centro Expandido, mesmo quando estes não detêm as principais características dos grandes praticantes, ou seja, alta escolaridade e faixa etária mais jovem. A concentração de equipamentos nessa região (BOTELHO, 2003) permanece neste caso como uma das explicações, mas, além dela, pode-se supor que redes de sociabilidade em locais mais escolarizados e com mais praticantes culturais tenham algum tipo de participação no fenômeno.

Grupo com nenhuma prática cultural externa

Todas as grandes clivagens sociais foram bastante significativas para o grupo de entrevistados que não tiveram qualquer prática externa no ano anterior, o que torna mais explícita a sua composição social. Faixa etária, escolaridade e classe foram as variáveis que mais conseguiram prever a chance de um entrevistado estar no grupo de não–praticantes.

O recorte etário revela que, com o envelhecimento, aumenta progressivamente a chance de os indivíduos pertencerem a esse grupo, independente de outras variáveis. À medida que se avança na idade mais aumentam as chances de não se ter atividades culturais que impliquem em sair de casa, preferindo as práticas domiciliares, o que corrobora resultados das pesquisas internacionais. A chance de alguém que tem mais de 60 anos de idade ser um não praticante externo é cerca de 13 vezes e meia maior do que a de alguém que está na faixa etária dos 15 aos 19 anos. Ou seja, ser jovem é um grande preditor da cultura do sair. Da mesma forma, quanto mais se descende na escala classe social, e menor é o nível de escolaridade, maiores são as chances de pertencer ao grupo de não–praticantes externos. Nesse caso também, nenhuma surpresa, pois são atividades que exigem dispêndio de tempo e dinheiro; além disso, o nível de escolaridade, sabemos, é um dos mais fortes preditores das atividades que exigem deslocamento. A chance de alguém com baixo índice de práticas domiciliares acumuladas pertencer ao grupo dos não–praticantes externos é cerca de 4 vezes maior do que a de alguém com alto índice de práticas domiciliares acumuladas. Já havíamos observado anteriormente a alimentação mútua entre as práticas e esta se confirma nas regressões feitas.

Inversamente, morar no Centro Expandido de São Paulo, ter tido experiências de formação ou expressão artísticas ao longo da vida (ou estar tendo, no momento da pesquisa) são fatores que diminuem a probabilidade de um entrevistado, independentemente das demais variáveis, pertencer ao grupo com nenhuma prática cultural externa nos doze meses anteriores. Ou seja, escrever um texto de natureza literária, ter feito um curso de dança, ter participado de um grupo de teatro ou estar aprendendo

um instrumento musical são atividades que estimulam o indivíduo a sair e a participar da vida cultural. Pode-se dizer que o aprendizado ou prática (amadora ou profissional) de arte e também o domicílio em determinadas regiões compõem um conjunto de variáveis “protetoras contra a não–prática”.

Com base em dados resultantes de levantamento sobre práticas culturais nos Estados Unidos, o departamento de pesquisas do National Endowment for the Arts promoveu um estudo específico sobre o que eles chamam de socialização e participação nas artes, cujas conclusões apontam para a importância da experiência direta nas práticas artísticas ao longo da formação dos jovens. Qualquer tipo de experiência de socialização e participação nas artes durante o período de formação do indivíduo provavelmente irá se refletir em atividades correlacionadas na vida adulta, não necessariamente como artista, mas sim como público. Ter vivenciado experiências continuadas, seja na aprendizagem de um instrumento musical, de dança, artes plásticas, seja naquilo que é por eles chamado de “apreciação das artes” – história da arte com atenção aos diversos códigos de cada manifestação artística – é mais importante na formação de um apreciador destas expressões do que eventuais idas a espetáculos, concertos ou a museus.

O estímulo às práticas amadoras – principalmente na escola, espaço ainda privilegiado de transmissão de conhecimento – assume portanto papel fundamental nas políticas culturais e educacionais. De acordo com o mesmo estudo, aqueles que mais participam são exatamente os que mais demandam maior participação em atividades de natureza cultural ou artística; no entanto, os não–praticantes que também clamam por maior participação são aqueles que tiveram experiências de socialização nas artes ao longo de seu período de formação, diferentemente daqueles que nunca tiveram contato com esse tipo de experiência. Do ponto de vista das recomendações resultantes do estudo, a mais incisiva delas é a de se reforçar a socialização dos jovens nas diversas

expressões artísticas de forma a conquistá-los como público na vida adulta, já que para os norte-americanos o público é o principal patrono das artes¹⁹.

EXCEÇÕES

Como o nível de escolaridade e a faixa etária confirmaram ser os dois melhores preditores para a pertença ou não aos grupos dos adeptos das atividades culturais praticadas fora de casa, nosso interesse se voltou para as exceções que surgiram e que vão de encontro ao que seria esperado. Assim, quatro subgrupos foram identificados a partir desta “dissonância”²⁰ com relação ao que se poderia esperar: a) entrevistados com alto nível de escolaridade e nenhuma prática cultural fora de casa nos doze meses anteriores à pesquisa; b) entrevistados com baixo nível de escolaridade e médio ou alto índice de práticas; c) entrevistados jovens (15 a 24 anos) com nenhuma prática; d) entrevistados com mais de 60 anos e médio ou alto índice de práticas.

Estas dissonâncias não devem ser vistas como “erros” ou “ruídos” a serem eliminados, mas sim como variações internas aos indivíduos (percursos de vida, história familiar, formações diferenciadas, bem como rede de relacionamentos diversificados ou não, grupos de pertença, por exemplo). Assim a atenção às variações dos comportamentos culturais de cada indivíduo problematizam o olhar dirigido à realidade dos comportamentos sociais, forçando um refinamento da análise da sondagem. Esses quatro subgrupos foram determinantes para a seleção da amostra qualitativa da segunda etapa da pesquisa.

¹⁹ OREND, Richard J. Socialization and Participation in the Arts. New Jersey: Princeton University Press/National Endowment for the Arts, 1989.

²⁰ Bernard Lahire consagra este termo em seu alentado livro La culture des individus. Dissonances culturelles et distinction de soi. Paris: Éditions La découverte, 2004.

Alto nível de escolaridade e nenhuma prática cultural externa

Este é um subgrupo que vai de encontro a todas as expectativas, já que o alto nível de escolaridade é, em princípio, um dos mais importantes preditores para que alguém seja adepto das saídas culturais. No entanto, alguns fatores aumentam a probabilidade de um entrevistado com alto nível de escolaridade pertencer ao grupo com nenhuma prática cultural externa nos últimos doze meses. Entre eles, o fato de ter poucas práticas culturais domiciliares, bem como ter pais com baixo nível de escolaridade. As análises internacionais apontam a bagagem cultural herdada dos familiares como um dos indicadores mais significativos para distinguir os grandes praticantes das saídas culturais, fator que ultrapassa a renda em importância e que cria a diferença, aqui fundamental, no caso dos que têm alta escolaridade e um nível pouco significativo de práticas fora de casa²¹. Além disso, o fato de alguém com alto nível de escolaridade não ter emprego pode ser considerado como um obstáculo a tornar-se um praticante externo: o contato com o mundo exterior funciona como "fator de proteção", pois estimula o estar fora de casa, enquanto o desemprego traz, em si, problemas de ordem psicológica e financeira que dificultam a participação da vida cultural extra-domiciliar.

Baixo nível de escolaridade e nível médio ou alto de práticas externas

Aqui temos a contraface do subgrupo anterior e que vai, portanto, de encontro às expectativas geradas pelas experiências em outros países, já que o nível de escolaridade é um dos preditores fundamentais. Daí o interesse em perceber quais seriam os fatores que permitiriam a existência de pessoas com estas características. Claro que devemos considerar a possibilidade de este subgrupo concentrar jovens ainda em formação e, portanto, com níveis ainda baixos de escolaridade.

²¹ Ver BOURDIEU, P. (op. cit.); DONNAT, O.. Les français face à la culture: de l'exclusion à l'éclectisme. Paris: Editions la découverte, 1994; DONNAT, O. Les pratiques culturelles des Français. Enquête 1997. Paris: La documentation Française, 1998; Les pratiques culturelles des Français. 1973-1989. Paris: La documentation Française, 1990.

Observou-se que ser um grande praticante domiciliar aumenta a probabilidade de um entrevistado com baixo nível de escolaridade ser um adepto das atividades realizadas fora de casa (independentemente de qualquer outra variável). Na prática, isto significa ter 5 vezes mais chances de pertencer ao conjunto dos médio e dos muito praticantes externos do que aqueles que não são grandes praticantes domiciliares. Por outro lado, viu-se também que alguém que pertença à classe C terá mais do que o dobro de chances de estar entre os médio e muito praticantes externos do que quem pertence às classes D/E. Nenhuma surpresa até aí.

Ter participado ou estar participando de cursos ou grupos artísticos (como ter feito um curso de dança, tocar ou estar aprendendo um instrumento musical), ou de uma associação esportiva aumentam a probabilidade de se tornar um praticante das saídas culturais, independentemente de outras variáveis. Ao lado disso, o fato de residir no Centro Expandido diminui de maneira significativa a chance de um entrevistado ter poucas práticas externas acumuladas.

A variável gênero tem papel importante neste caso: em que pese uma significância pequena, as mulheres têm menos chances de serem grandes ou médios praticantes quando têm baixo nível de escolaridade.

Jovens (15 a 24 anos) sem nenhuma prática cultural externa

No caso deste subgrupo, a surpresa é o fato de se associarem categorias inesperadas. Ser jovem indica, como vimos, uma propensão ao sair e nos deparamos com 21,2% de pessoas que, mesmo com esse *plus*, têm um cotidiano distanciado destas práticas. Aqui, o que pareceu relevante para explicar a pertença a este agrupamento foram, mais uma vez, o nível de escolaridade e o fato de pertencer às classes D/E. Ou seja, um jovem (15 a 24 anos) com baixo nível de escolaridade tem praticamente 13 vezes menos chances de ser um adepto de práticas culturais externas do que um jovem com alto nível de escolaridade. Ter filhos aparece aqui como um importante fator que interfere na liberdade de sair de casa (2,5 vezes mais chance de não ter saído), embora na nossa

amostra esse grupo de jovens acumule também o fato de serem pouco escolarizados, somando assim duas dificuldades que prejudicam sua relação com o mundo cultural externo ao domicílio²².

Entrevistados com mais de 60 anos e médio ou alto nível de práticas externas

Como já mencionado, as pesquisas indicam um predomínio das práticas domiciliares entre aqueles com mais de 60 anos. A aposentadoria, que os afasta da sociabilidade do ambiente de trabalho (a qual alimenta a sociabilidade amigável), a diminuição dos rendimentos financeiros, os problemas inerentes à idade aliados às dificuldades de locomoção numa grande cidade, representam um conjunto de fatores que desestimula o sair de casa. Portanto, encontrar um conjunto de pessoas que têm práticas em desacordo com as expectativas mereceu uma atenção especial. As características desse subgrupo são o fato de acumularem vantagens que lhes garantem uma vida cultural significativamente participativa: têm um alto índice de práticas domiciliares (o que aumenta em 12 vezes as chances de ser um ativo praticante externo), aliado a um alto nível de escolaridade e renda. Nesse caso, o gênero teve representatividade: as mulheres com mais de 60 anos, que acumulam um alto índice de práticas domiciliares e que são também altamente escolarizadas, são mais culturalmente ativas exatamente naquilo que é mais distintivo – as saídas culturais – do que os homens. Elas têm cerca de 10 vezes mais chances do que os homens de ser grandes praticantes externas.

²² 43,4% dos jovens com baixo nível de escolaridade tem filhos, sendo essa porcentagem respectivamente menor para escolaridade média e alta, 17,2% e 6,3%

PRÁTICAS RELATIVAS AO AUDIOVISUAL

CINEMA

Entre as práticas culturais que exigem a saída de casa, o cinema foi a mais disseminada entre os entrevistados – resultado, em certa medida, já esperado. Mesmo assim, a porcentagem dos que afirmaram nunca ter ido ao cinema foi bastante alta, atingindo cerca de 1 em cada 5 entrevistados (17,1%). Um olhar mais detido sobre esse subgrupo (ver Tabela 3, a seguir) revela que ele é composto basicamente por indivíduos com baixo nível de escolaridade e pertencentes predominantemente às classes D/E e C. Quase a metade de todos os entrevistados afirmou não ter ido ao cinema nos doze meses anteriores à pesquisa. Esse outro subgrupo também tem, preponderantemente, baixo nível de escolaridade e se situa nas classes mais baixas.

Esses dois subconjuntos de entrevistados somados perfazem, na média, 64,8% da amostra – percentual que chega a 87,1% nas classes D/E e a 86,7% entre os de baixa escolaridade.

TABELA 3 - FREQUÊNCIA AO CINEMA NO ANO ANTERIOR À PESQUISA²³

FREQUÊNCIA AO CINEMA (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Foi ao cinema	35,1	36,6	33,7	55,9	55,9	37,9	28,0	14,2	13,0	48,4	74,3	60,3	32,1	12,9
Não foi	47,9	48,7	46,9	20,5	26,7	47,1	58,5	60,0	59,9	41,6	23,9	35,6	53,2	53,1
Nunca foi ao cinema	17,0	14,6	19,1	23,6	17,4	14,8	13,4	25,4	26,8	9,8	1,8	4,1	14,2	34,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Verificou-se também que pouco mais de 4% dos entrevistados pertencentes às classes A/B afirmaram nunca ter ido ao cinema em suas vidas, índice que atingiu quase 2% entre o grupo com alto nível escolaridade. Estas porcentagens, embora baixas, são surpreendentes com relação à expectativa baseada em preditores de práticas culturais externas, como escolaridade e renda. Ressalte-se ainda que a porcentagem de entrevistados das classes mais altas e escolarizadas que não freqüentou cinema no ano anterior à pesquisa foi significativo: quase um quarto dos entrevistados com nível alto de escolaridade e pouco menos que 40% das classes A/B afirmaram não ter ido ao cinema naquele período.

Se considerarmos freqüentador assíduo aquele que afirmou ir ao cinema pelo menos uma vez por mês, teremos quase um quinto dos entrevistados nessa categoria (19,4% dos entrevistados, Tabela 4). Numa projeção dos dados da pesquisa para o universo da

²³ Em decorrência do arredondamento automático da primeira casa decimal realizado pelo *software* empregado na análise dos dados, eventualmente podem ocorrer pequenas diferenças nas somatórias gerais de todas as tabelas.

população acima de 15 anos residente na RMSP, estaremos lidando com mais de dois milhões e meio de freqüentadores de cinema, número bastante expressivo²⁴.

TABELA 4 - INTENSIDADE DA FREQUÊNCIA AO CINEMA NO ANO ANTERIOR

FREQUÊNCIA COM QUE FOI AO CINEMA (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Toda semana	3,0	2,1	3,7	7,3	2,8	2,7	2,0	3,0	0,7	3,4	8,6	6,0	2,1	1,0
+ de 1 vez por mês	7,1	8,0	6,4	12,0	13,8	7,9	4,9	2,0	1,5	8,3	21,8	15,1	4,9	1,9
Todo mês	9,3	10,4	8,3	18,9	16,9	10,9	5,4	1,6	2,7	13,5	20,5	16,0	8,2	3,8
Mais raramente	15,7	16,1	15,3	17,7	22,4	16,3	15,7	7,7	8,0	23,1	23,3	23,2	16,9	6,2
Não foi ao cinema nos últimos doze meses ou nunca foi	64,9	63,4	66,3	44,1	44,1	62,1	72,0	85,8	87,0	51,5	25,7	39,7	67,9	87,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Ainda com relação aos freqüentadores de cinema, a divisão etária exerceu influência decisiva, independentemente de classe ou nível de escolaridade. Isso pode ser verificado no Quadro 6, a seguir: em todos os níveis de escolaridade os jovens predominam sobre os freqüentadores de cinema de meia-idade. Reiteramos o fato de que ser jovem significa mais disposição para ter atividades fora de casa, da mesma forma que os idosos, com mais de 60 anos, se predispõem mais às práticas domiciliares.

²⁴ Dados de mercado apontam a existência de 313 salas de cinema e 4 milhões e meio de ingressos vendidos anualmente na RMSP.

QUADRO 6 – ASSOCIAÇÃO ENTRE FAIXA ETÁRIA E ESCOLARIDADE DOS FREQUENTADORES ASSÍDUOS DE CINEMA NO ANO ANTERIOR

FAIXAS DE IDADE	NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)		
	Baixo	Médio	Alto
Entrevistados de 15 a 24 anos	12,5	38,9	68,6
Entrevistados de 25 a 59 anos	4,6	18,1	49,4

Indicador de leitura: dentre os frequentadores assíduos estas são as duas faixas etárias mais representativas. O quadro mostra que, por exemplo, 12,5% dos jovens com nível baixo de escolaridade são frequentadores de cinema, contra 4,6% dos entrevistados com o mesmo nível de escolaridade, mas na faixa de 25 a 59 anos.

VÍDEO OU DVD

Quatro em cada 10 entrevistados (40,8%) afirmaram ter assistido um filme em fita VHS ou em DVD nos doze meses anteriores à sondagem. Se considerarmos como espectador assíduo aquele que o faz pelo menos uma vez por mês, 3 em cada 10 entrevistados (31,6%) podem ser considerados público fiel a esta prática (ver Tabela 5). Este índice é bastante superior ao do público assíduo de cinema (que somou 19,5% da amostra), mas é próximo daqueles 35% de entrevistados que foram pelo menos uma vez ao cinema no ano precedente. Se esses dados não nos permitem inferir que a prática doméstica “rouba” frequentadores das salas de cinema, eles nos sugerem a adesão ao gênero cinematográfico, de qualquer forma. Por outro lado, a preponderância da prática domiciliar, mais que questão de gosto ou preferência, pode configurar as dificuldades de deslocamento, a sensação de insegurança na região metropolitana e o custo dos ingressos – apontando, inclusive, para uma certa complementaridade entre as duas práticas, como se verá mais adiante.

A diversificação dos suportes para os gêneros artísticos e culturais sugere o questionamento da legitimidade relativa até agora atribuída a cada um desses suportes: é mais importante ver um filme numa sala de cinema ou ter a possibilidade de construir um repertório próprio a partir de novos suportes? Vale lembrar que esses novos suportes podem até mesmo estimular a busca por formas de fruição consideradas mais qualificadas, como desejar assistir um filme na grande tela de uma sala de cinema ao invés de assisti-lo no televisor.

TABELA 5 - FREQUÊNCIA DE USO DE VIDEOCASSETE OU DVD NO ANO ANTERIOR

FREQUÊNCIA COM QUE ASSISTIU FILMES EM VÍDEO/DVD (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Várias vezes por semana	5,6	6,0	5,1	7,1	10,7	7,1	3,3	1,5	2,6	7,5	10,5	9,8	5,2	1,5
Uma vez por semana	13,9	15,9	12,3	16,1	19,2	16,9	12,1	5,7	5,7	19,3	28,1	24,8	13,2	3,9
Uma vez por mês	12,0	13,4	10,9	13,5	17,5	13,4	13,1	1,7	6,5	14,9	23,2	21,4	12,3	2,2
Menos de uma vez por mês	8,9	7,8	9,9	13,8	10,7	9,8	8,8	2,3	5,3	13,0	11,1	12,0	9,1	5,4
Não sabe / não assistiu no ano precedente	59,6	56,5	61,6	49,5	41,9	52,1	62,6	88,8	79,8	44,8	26,6	32,0	59,7	86,9
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

A análise mais detida sobre a população que não assistiu vídeo ou DVD nos doze meses anteriores à pesquisa revela um perfil com baixo nível de escolaridade e pertença às classes sociais mais baixas. Há que se considerar nesse subgrupo a alta porcentagem dos entrevistados que afirma não possuir um aparelho de videocassete ou DVD no domicílio (34,8%, segundo a Tabela 6, a seguir). A idade também constitui variável significativa: os entrevistados de 20 a 39 anos (que correspondem a 46,4% da

amostra) representam 58,2% dos que têm o hábito de assistir ao vídeo ou DVD. Para os mais velhos, a proporção é inversa: a população com mais de 40 anos (44,7% da amostra) representa apenas 31,5% dos praticantes.

Dos 80,6% dos entrevistados que nunca foram ao cinema, foram raramente ou não foram nos doze meses anteriores à pesquisa, 19,7% assistiram filmes em vídeo ou DVD ao menos uma vez por mês, como se vê a partir dos dados apresentados na Tabela 6. Isto poderia indicar que cerca de 1 em cada 10 entrevistados satisfaria em casa sua “demanda” por ver filmes²⁵.

A Tabela 6 aponta para um dado significativo: daqueles que foram raramente, não foram no ano anterior ou jamais foram ao cinema, a grande maioria também não assistiu a vídeo ou DVD no período pesquisado. Embora não seja possível checar se há coincidência entre os que não vão ao cinema e os não vêem vídeo ou DVD em casa, a associação é sugestiva.

TABELA 6 - ASSOCIAÇÃO ENTRE FREQUENTADORES ASSÍDUOS DE CINEMA E AQUELES QUE ASSISTIRAM FILMES EM VÍDEO OU DVD NO ANO ANTERIOR

FREQUÊNCIA AO CINEMA (nos 12 meses anteriores)	ASSISTÊNCIA A VÍDEO/DVD (nos 12 meses anteriores) (%)					TOTAL (%)
	Várias vezes por semana	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Menos de uma vez por mês	Não assistiu no período	
Pelo menos uma vez por mês	2,3	5,8	3,6	1,9	5,8	19,4
Foi raramente, não frequentou no período ou nunca foi ao cinema	3,3	8,1	8,4	7,0	53,8	80,6
TOTAL	5,6	13,9	12,0	8,9	59,6	100,0

²⁵ Na verdade, o fator decisivo para a perda de público do cinema está mais diretamente relacionado à televisão aberta, fator este já identificado desde os anos 50/60 nos Estados Unidos e nos anos 70/80 no Brasil.

A Tabela 7 mostra a relação entre frequência pelo menos mensal ao cinema e faixa etária dos entrevistados que assistiram filmes em vídeo ou DVD pelo menos uma vez por mês no ano precedente.

TABELA 7 - ASSOCIAÇÃO ENTRE FREQUÊNCIA ASSÍDUA AO CINEMA E FAIXA ETÁRIA DAQUELES QUE ASSISTIRAM FILMES EM VÍDEO OU DVD PELO MENOS UMA VEZ POR MÊS NO ANO ANTERIOR

FREQUÊNCIA AO CINEMA (nos 12 meses anteriores)	ASSISTÊNCIA PELO MENOS MENSAL A VÍDEO/DVD (nos 12 meses anteriores) POR FAIXA ETÁRIA				
	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 39 anos	40 a 59 anos	+ de 60 anos
Pelo menos uma vez por mês	44,4	49,6	39,0	24,7	27,6
Foi raramente, não freqüentou no período ou nunca foi ao cinema	55,6	50,4	61,0	75,3	72,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Observe-se que não há competição, mas complementaridade entre frequência assídua ao cinema e hábito de ver filmes em vídeo ou DVD, especialmente nas faixas mais jovens (até 39 anos), nas quais se concentram os mais aficionados pela tela grande, como se constatou na Tabela 4. Metade dos entrevistados de 20 a 24 anos que viram filmes em vídeo ou DVD com frequência pelo menos mensal também foram ao cinema com assiduidade no ano anterior à pesquisa. Entre os entrevistados de 25 a 29 anos que viram vídeos ou DVDs, quase 4 em cada 10 também freqüentaram o cinema, índice que sobe para mais de 4 em cada 10 dos que têm entre 15 e 19 anos. Observe-se, ainda, que quem não viu ou viu poucos vídeos ou DVDs também não foi ao cinema, especialmente nas faixas etárias mais jovens. Já entre os entrevistados acima dos 40 anos de idade, mais de 7 em cada 10 viram filmes em vídeo ou DVD mas não foram assíduos freqüentadores de cinema no ano precedente.

O hábito de assistir filmes em vídeo ou DVD não está exclusivamente relacionado à posse do aparelho de reprodução – embora tais equipamentos estejam presentes em cerca de 56% dos domicílios pesquisados, atingindo, inclusive, cerca de 8% das

classes D/E. Como indicam os dados da Tabela 8, cerca de 4% dos entrevistados não têm nenhum dos aparelhos em casa mas assistem filmes em vídeo ou DVD ao menos uma vez por mês; por outro lado, embora cerca de 1 em cada 5 entrevistados tenha um aparelho em casa não o usou para ver filmes nenhuma vez nos doze meses considerados.

TABELA 8 - POSSE DE APARELHO VIDEOCASSETE/DVD E FREQUÊNCIA DE ASSISTÊNCIA A FILMES NO ANO ANTERIOR

POSSE DE APARELHO VIDEOCASSETE OU DVD	ASSISTÊNCIA A FILMES EM VÍDEO/DVD (nos 12 meses anteriores) (%)					TOTAL (%)
	Várias vezes por semana	Uma vez por semana	Uma vez por mês	Menos de uma vez por mês	Não assistiu nos últimos 12 meses	
Possui videocassete ou DVD em casa	5,3	13,2	12,6	7,4	19,9	58,3
Não possui	0,9	2,2	1,2	2,6	34,8	41,7
TOTAL	6,2	15,3	13,8	10,0	54,6	100,0

TELEVISÃO

O hábito de assistir TV e a posse de televisor são absolutamente disseminados em todas as classes sociais. O aparelho de TV em cores está presente em cerca de 96% dos domicílios (entre as classes D/E, esse número atinge 87%); já o hábito de assistir TV é relatado por 93,5% dos entrevistados, sendo que 86,9% destes declararam ver televisão com frequência (pelo menos algumas vezes por semana).

TABELA 9 - FREQUÊNCIA DE AUDIÊNCIA A TELEVISÃO NO ANO ANTERIOR

FREQUÊNCIA COM QUE ASSISTIU TV (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Diariamente	69,1	65,7	72,2	68,6	66,6	66,3	69,9	76,9	68,0	68,9	73,1	79,7	69,7	57,5
Algumas vezes por semana	17,8	20,7	15,3	17,1	19,8	21,5	16,2	11,0	18,1	17,6	17,6	12,2	18,4	22,9
Mais raramente	6,6	7,3	5,9	8,7	5,4	7,4	6,7	3,9	6,4	7,1	6,0	4,7	6,9	8,1
Não costuma assistir	6,5	6,2	6,7	5,5	8,2	4,8	7,2	8,3	7,5	6,4	3,4	3,5	5,0	11,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Além de maciça, a audiência a TV é bastante freqüente: 69,1% dos entrevistados disseram que costumam ver TV diariamente e 17,8% fazem-no algumas vezes por semana. Apenas 6,6% dos entrevistados afirmaram assistir televisão raramente. As freqüências distribuem-se de maneira praticamente equânime pelos diferentes níveis de escolaridade, classe ou idade – ou seja,

não há clivagens significativas entre essas variáveis e o hábito de assistir TV. Observe-se, entretanto, que os entrevistados mais velhos são os mais assíduos telespectadores: 76,9% vêem TV diariamente, resultado já esperado.

Já a minoria que afirmou não ter hábito de assistir TV (6,5%) é composta principalmente por indivíduos com baixo nível de escolaridade e pertencentes às classes mais baixas. Para esse grupo restrito não há recortes etários ou de gênero significativos.

Como se observa nas Tabelas 10 e 11, a seguir, não há diferença sensível entre a audiência durante os dias úteis e nos finais de semana, o que de certa maneira surpreende, pois, tendo em vista as dificuldades de deslocamento na metrópole, supor-se-ia que as pessoas assistissem mais televisão nos fins-de-semana. Homens e mulheres assistem televisão em porcentagens praticamente iguais, com uma insignificante superioridade masculina, tanto durante a semana como nos fins-de-semana.

Apenas 4,1% dos entrevistados afirmaram não ter TV em cores em casa e, destes, 1,8% têm o hábito de assisti-la. Os entrevistados que afirmaram ter um aparelho de televisão em cores e que costumam assisti-la perfazem 91,8% da amostra, enquanto os que afirmaram não ter TV e nem hábito de assisti-la somam apenas 2,3%.

Os grandes consumidores de programação televisiva (assistem, em média, mais de 42 horas de TV por semana) estão distribuídos de maneira bastante equânime pela amostra, não obstante a existência de pequenas diferenças pontuais (índices maiores na classe C, nos níveis mais baixos de escolaridade, entre mulheres, jovens e entre os que têm mais de 60 anos).

TABELA 10 - TEMPO DE AUDIÊNCIA A TELEVISÃO NOS FINAIS DE SEMANA

TEMPO MÉDIO DE AUDIÊNCIA A TV NOS FINAIS DE SEMANA	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					Nível de escolaridade (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Até 2 horas diárias	30,6	31,8	29,5	31,0	26,0	31,4	32,2	28,4	31,3	28,4	32,8	28,2	30,0	33,8
De 2 a 6 horas diárias	35,5	36,0	35,0	32,3	31,9	37,7	35,7	34,1	33,1	36,4	40,8	44,2	32,3	30,7
Mais de 6 horas diárias	24,5	23,8	25,2	27,1	30,9	23,7	21,5	26,5	25,0	25,3	21,2	22,6	29,6	19,5
Não sabe ou não assiste	9,4	8,4	10,4	9,6	11,2	7,2	10,6	10,9	10,6	9,8	5,2	4,9	8,0	16,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

O tempo médio diário que os entrevistados estimaram gastar assistindo TV deve ser visto com certo cuidado, haja vista que tal resposta exige um cálculo rápido e, provavelmente, pouco preciso. No entanto, o fato de um entrevistado declarar que assiste a muitas horas de TV diariamente é bastante significativo, principalmente no final de semana (geralmente os dias com maior tempo livre). Constatou-se que cerca de 24,5% dos entrevistados afirmaram assistir mais de 6 horas diárias de TV nos finais de semana e 15,2% gastam esse mesmo tempo diariamente nos chamados dias úteis (Tabelas 10 e 11). Associado, o grupo de entrevistados que afirmou assistir mais de 6 horas diárias de TV tanto no final de semana quanto nos dias úteis corresponde a 10,8% da amostra²⁶.

Os grandes consumidores de programação televisiva (assistem, em média, mais de 42 horas de TV por semana) estão distribuídos de maneira bastante equânime pela amostra, não obstante a existência de pequenas diferenças pontuais (índices maiores na classe C, nos níveis mais baixos de escolaridade, entre mulheres, jovens e entre os que têm mais de 60 anos).

²⁶ Esse dado, que não consta de tabela, foi obtido através do cruzamento entre os entrevistados que viram mais de 6 horas de TV nos dias de semana com aqueles que viram mais de 6 horas de TV nos fins de semana.

TABELA 11 - TEMPO DE AUDIÊNCIA A TELEVISÃO NOS DIAS ÚTEIS

TEMPO MÉDIO DE AUDIÊNCIA A TV DURANTE A SEMANA	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Até 2 horas diárias	41,1	44,7	37,8	32,5	31,1	44,8	45,4	35,5	39,6	35,6	56,9	48,2	35,7	41,1
De 2 a 6 horas diárias	36,6	36,1	37,1	43,2	36,7	36,4	34,0	38,5	36,5	39,4	31,2	35,8	39,9	33,0
Mais de 6 horas diárias	15,2	12,6	17,6	18,8	22,2	13,3	12,8	17,4	15,6	18,0	8,3	12,4	19,0	12,9
Não sabe ou não assiste	7,1	6,6	7,6	5,5	9,9	5,5	7,7	8,6	8,3	7,0	3,6	3,6	5,4	13,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

A disseminação do hábito de assistir TV supera os resultados de outras pesquisas internacionais, demonstrando ser essa uma prática de acesso quase universal no País, cuja importância exige um olhar mais acurado por parte dos poderes públicos, já que o equipamento está presente em todos os lares e é visto por todos.

RÁDIO

A pesquisa mostra também que a audição ao rádio não foi abandonada em função da televisão: 93% dos entrevistados possuem aparelho de rádio, 58,4% ouvem programas radiofônicos diariamente e 15%, algumas vezes por semana. Isto faz da audiência ao rádio a segunda prática mais disseminada na região metropolitana de São Paulo. Como no caso da televisão, o rádio é uma mídia de massa. Tudo indica que a escuta musical (Tabela 14, página 55) é o principal motivo de consumo, seguido da busca

por informação. Este fato indica a necessidade de maior atenção a essa mídia, muito pouco atendida pelos estudos acadêmicos, que enfatizam a TV como se o rádio tivesse perdido o seu papel. Os dados não confirmam essa hipótese.

Assim como no caso da televisão, a posse de um aparelho de rádio é um dado importante, mas não foi desprezível a porcentagem de entrevistados que costuma ouvir rádio sem tê-lo em casa – lembrando que tanto o hábito de ouvir rádio no automóvel e em aparelhos portáteis é bastante difundido, quanto o acesso à programação pode ser feito pela internet. Também como na TV, há um contingente expressivo de entrevistados (7,9%) que possuem o aparelho mas não têm o hábito de utilizá-lo.

TABELA 12 - POSSE E HÁBITO DE OUVIR RÁDIO

POSSE DE RÁDIO	OUVE RÁDIO(%)			Não ouve rádio (%)	Não sabe/ Não opinou (%)	TOTAL (%)
	Diariamente	Algumas vezes por semana	Raramente			
Não possui rádio no domicílio	1,9	0,8	0,8	3,5	0,2	7,2
Possui rádio no Domicílio	56,5	14,2	14,0	7,9	0,3	92,8
TOTAL	58,4	15,0	14,8	11,4	0,5	100,0

Assim como ocorreu com a audiência a TV, o costume de ouvir rádio apresentou uma distribuição razoavelmente uniforme na amostra. No entanto, enquanto hábito diário ele é mais significativo entre os entrevistados de classes mais altas, mais escolarizados e mais jovens. As classes A/B, por exemplo, concentraram proporcionalmente a maior porcentagem dos que afirmaram ouvir rádio diariamente (79,7%), enquanto nas classes D/E essa porcentagem ficou próxima dos 50%. No recorte etário, parte-se de uma porcentagem de 86,4% para os jovens de 15 a 19 anos até atingir 57,6% para pessoas com mais de 60 anos. Quanto a diferenças de gênero podemos ver que também são equilibradas: mulheres e homens têm níveis semelhantes de escuta, embora a frequência diária seja ligeiramente superior para as primeiras.

TABELA 13- FREQUÊNCIA DE AUDIÊNCIA A RÁDIO

FREQUÊNCIA COM QUE OUVIU RÁDIO (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Diariamente	58,4	57,3	59,3	68,4	66,7	59,1	56,7	47,5	50,3	64,8	69,5	79,7	54,4	51,4
Algumas vezes por semana	15,0	16,2	14,0	17,7	14,3	18,3	13,0	10,1	16,6	15,1	10,2	12,2	17,2	16,9
Raramente	14,8	16,1	13,6	8,7	9,7	15,2	15,9	19,0	17,2	11,9	13,3	4,7	17,3	14,2
Não sabe ou não ouve rádio	11,4	10,1	12,5	5,2	9,0	7,3	13,8	22,1	15,3	7,9	6,7	3,5	10,9	16,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Parece haver uma relação direta entre o hábito de ouvir música e a audiência de rádio. Como mostra a Tabela 14, mais da metade de todos os entrevistados disseram ouvir rádio e música diariamente.

TABELA 14 - ASSOCIAÇÃO ENTRE FREQUÊNCIA DE AUDIÊNCIA A RÁDIO E AUDIÇÃO DE MÚSICA

FREQUÊNCIA COM QUE OUVIU RÁDIO (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	FREQUÊNCIA COM QUE OUVIU MÚSICA (nos 12 meses anteriores) (%)			Nunca ouve música/Não sabe (%)
		Diariamente	Algumas vezes por semana	Raramente	
Diariamente	58,4	52,0	2,5	2,7	1,2
Algumas vezes por semana	15,0	1,6	12,1	1,1	0,3
Raramente	14,8	1,2	2,6	10,4	0,6
Nunca ouve rádio / Não sabe	11,8	0,7	1,1	2,7	7,2
TOTAL	100,0	55,5%	18,4%	16,8%	9,3%

PRÁTICAS RELATIVAS À MÚSICA

Ouve-se muita música. O hábito de ouvir música diariamente ou algumas vezes por semana foi relatado por cerca de 3 em cada 4 entrevistados (73,9%). O fato de afirmar ter ouvido música é importante em si mesmo, já que é muito pouco provável que alguém não ouça música em algum momento do dia, mesmo que indiretamente. Ao afirmar que o faz, o entrevistado confere a essa prática um determinado valor, pois diferencia um momento específico de seu cotidiano em que se dedica a essa atividade. Esse é um dos motivos que podem explicar por que entrevistados com níveis mais altos de escolaridade, pertencentes às classes mais altas e mais jovens tenham maior probabilidade de fazer parte do grupo que afirmou ouvir música (Tabela 15).

TABELA 15 - FREQUÊNCIA DE AUDIÇÃO DE MÚSICA NO ANO ANTERIOR

FREQUÊNCIA COM QUE OUVIU MÚSICA (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/ E
Diariamente	55,5	53,7	57,0	67,3	63,9	58,7	51,0	43,1	47,5	62,1	65,9	65,3	52,8	49,0
Algumas vezes por semana	18,4	19,8	17,1	22,3	18,6	19,6	17,6	14,6	19,7	18,2	14,7	14,5	21,1	18,7
Raramente	16,8	17,5	16,2	6,6	12,8	16,0	20,7	20,3	19,8	13,6	14,8	14,3	18,2	17,6
Nunca	9,3	8,9	9,7	3,8	4,7	5,7	10,7	22,0	13,0	6,1	4,7	5,9	7,9	14,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

O envolvimento com a prática musical amadora, como ter estudado ou estudar um instrumento musical ou canto, ou cantar, também é mais significativo entre os jovens, os que têm maior escolaridade e maior renda. Em que pesem as diferenças de renda e escolaridade, as porcentagens de jovens entrevistados envolvidos com tais práticas foram relevantes: na faixa dos 15 aos 25 anos,

além de ouvir música, tocam ou aprendem a tocar instrumentos e cantam mais do que qualquer outra faixa etária – como se comprova pelas Tabelas 16 e 18, a seguir.

Para conhecer a extensão destas práticas, foi necessário tratar não só dos amadores em atividade – isto é, os que as praticaram nos doze meses precedentes à pesquisa – como também daqueles que, embora tendo tido acesso a práticas musicais ao longo da vida, abandonaram-nas no ano precedente. Para tanto, na etapa qualitativa procurou-se explorar a marca deixada por estas atividades e em que medida elas tiveram impacto sobre a relação atual desses indivíduos com a cultura, principalmente sobre sua frequência a “lugares culturais”. Supõe-se ser possível assim obter indicações sobre os efeitos “indiretos” da ação dos poderes públicos no nível da sensibilização e da formação artística.

TABELA 16 - APRENDIZADO E PRÁTICA DE INSTRUMENTO MUSICAL

APRENDIZADO DE MÚSICA	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Toca ou está aprendendo a tocar instrumento musical	15,0	22,5	8,1	22,2	22,8	14,4	12,3	11,6	8,9	18,4	26,2	20,1	14,3	10,5
Não toca e não está aprendendo a tocar instrumento musical	85,0	77,5	91,9	77,8	77,2	85,6	87,7	88,4	91,1	81,6	73,8	79,9	85,7	89,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

É forte a predominância masculina, e sobretudo de jovens entre 15 e 24 anos, no aprendizado de instrumento musical. No entanto, é significativa a porcentagem de adultos e de idosos que tocam ou estão aprendendo a tocar um instrumento. Esse pequeno

porém representativo grupo indicaria um “rejuvenescimento” destas faixas etárias mais velhas, com maior presença no mercado consumidor e com direitos também ampliados?

A quantidade de amadores cresce proporcionalmente ao nível do diploma e da renda: tanto os níveis alto e médio de escolaridade, bem como as classes A/B seguidas da C têm o maior número de praticantes. Mas não é desprezível o percentual de 10,5% de amadores nas classes D/E. Uma hipótese possível seria a de que esta prática cultural, embora distintiva por exigir o acesso ou a posse (permanente ou eventual) de instrumento musical, está entre as mais disseminadas na população. Vale lembrar também que alguns instrumentos rítmicos têm preços acessíveis e são parte constitutiva de várias festas e manifestações populares – do carnaval à folia de reis – presentes na região metropolitana de São Paulo.

Como em outros aspectos pesquisados, a faixa dos 25 aos 39 anos marca um sensível decréscimo na porcentagem de praticantes, indicando os efeitos da passagem à vida adulta sobre as possibilidades de prática de diversas atividades culturais.

TABELA 17 - POSSE DE INSTRUMENTO MUSICAL

POSSE DE INSTRUMENTO MUSICAL	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Têm instrumento musical no domicílio	27,0	30,9	23,5	33,8	33,5	26,2	29,2	15,2	15,4	34,2	47,5	42,2	27,3	10,9
Não têm instrumento musical no domicílio	63,0	69,1	76,5	66,2	66,5	73,8	70,8	84,8	84,6	65,8	52,5	57,8	72,7	89,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Observa-se que 27% dos entrevistados têm instrumento musical em casa e 15% tocam ou estão aprendendo algum tipo de instrumento, enquanto 63,4% afirmam ter o hábito de cantar, como se vê na Tabela 18.

TABELA 18 - HÁBITO DE CANTAR

HÁBITO DE CANTAR	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Têm o hábito de cantar	63,4	55,0	71,0	76,0	72,4	69,2	58,3	44,8	57,0	73,6	61,5	66,0	63,4	60,7
Não têm esse hábito	36,6	45,0	29,0	24,0	27,6	30,8	41,7	55,2	43,0	26,4	38,5	34,0	36,6	39,3
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Cantar é uma prática dissociada do aprendizado formal. Canta-se por prazer: mais de 6 em cada 10 entrevistados afirmam fazê-lo, principalmente em casa; e as mulheres o fazem mais do que os homens.

Quando observados sob a ótica das variáveis sociodemográficas usuais, esses cantores amadores distribuem-se de forma relativamente equilibrada entre as classes sociais e embora predominante nas camadas mais jovens – pois o hábito decresce com o avanço na idade – cantar permanece como prática bastante difundida, mesmo entre pessoas com mais de 60 anos.

Canta-se em festas, em karaokês, na igreja – prática esta que predomina nas classes D/E e decresce à medida que o nível de renda aumenta. Cantar, assim, é tanto uma atividade solitária quanto de sociabilidade.

TABELA 19 - LOCAL EM QUE COSTUMA CANTAR²⁷
(Múltipla escolha não estimulada)

LOCAIS EM QUE COSTUMA CANTAR	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Em casa sozinho	55,6	47,6	62,8	69,1	63,8	61,2	51,2	36,2	48,9	64,4	57,5	59,8	56,5	50,0
Festa de amigos	17,1	18,5	15,7	27,1	23,5	17,1	15,6	8,8	12,7	21,9	20,4	20,4	17,8	12,6
Igreja	16,8	10,3	22,7	12,9	10,9	18,8	16,5	19,5	19,1	16,9	9,5	13,4	15,0	22,8
Karaokê / videokê	14,5	13,9	14,9	18,3	23,7	17,3	11,5	3,8	6,9	21,2	23,2	21,8	14,8	6,3
Bares	3,1	3,4	2,6	3,9	8,8	3,2	1,6	0,6	1,0	5,3	4,1	4,4	2,3	2,4

TABELA 20 - ESTUDO DE CANTO NO ANO ANTERIOR

ESTUDO DE CANTO (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	1,7	1,6	1,8	1,1	2,9	2,2	1,5	0,3	0,7	3,2	1,7	2,3	1,9	0,8
Não	7,1	6,2	8,0	9,1	4,4	5,4	8,0	10,4	3,4	9,1	14,4	11,6	6,2	3,8
Nunca estudou	91,2	92,1	90,3	89,8	92,7	92,4	90,5	89,3	95,9	87,7	83,9	86,2	91,9	95,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

²⁷ Outros locais citados não atingiram 1%.

Embora o aprofundamento qualitativo não fosse o objetivo desta fase da pesquisa, com o intuito de mapear de maneira consistente aspectos do gosto musical dos entrevistados perguntou-se se tinham preferências por gêneros musicais específicos e quais eram essas preferências.

Trata-se de dados relativos ao gosto, cuja análise mais minuciosa só ganhará maior sentido quando realizada em conjunto com dados mais refinados a esse respeito, na fase qualitativa do trabalho. No entanto, pode-se observar que entre 7 e 8 em cada grupo de 10 entrevistados têm preferências musicais definidas (Tabela 21, a seguir), indicando a importância que essa manifestação artística tem na vida da população.

A tipologia de gêneros musicais resultou das menções espontâneas e múltiplas dos entrevistados e não foi, portanto, submetida a controles mais acurados. Ainda assim, ela indica clivagens interessantes em relação ao gosto musical, possibilitando inferências sobre fatores envolvidos na constituição das preferências, relativos tanto à transmissão familiar e ao nível de escolaridade e de renda (eventualmente ao gênero, embora em menor grau), quanto às diversas facetas da difusão no mercado da música.

As respostas e menções (apresentadas na Tabela 21, a seguir), apontam uma maior assertividade dos entrevistados de maior escolaridade e renda em relação a seu gosto musical, a exemplo do já constatado em estudos internacionais: 78,2% dos entrevistados com nível alto de escolaridade e 77,4% dos das classes A/B afirmaram ter preferências musicais. Comparando-se a média de menções a cada gênero no total da amostra às menções dos que têm nível alto de escolaridade, observam-se diferenciais bastante elevados (para mais ou para menos) e em maior número, denotando que esse grupo é o mais assertivo quanto a suas preferências, provavelmente por deter um repertório mais amplo de códigos da linguagem musical: , os mais escolarizados citaram um maior número de gêneros musicais, atingindo média de cerca de 4,4 gêneros, contra 3,7 e 2,7 dos entrevistados com médio e baixo nível de escolaridade, respectivamente. Do ponto de vista do recorte etário, não houve diferenças significativas, guardado apenas um número menor de gêneros citados pelos entrevistados com mais de 60 anos.

No conjunto da amostra verifica-se o predomínio da música popular brasileira (sertaneja, MPB, samba, pagode, rock nacional, entre outros) face a outros gêneros populares, fazendo emergir traços caracterizados como nacionais nos discursos sobre identidade. Tal predomínio também pode refletir a obrigatoriedade de veiculação de música brasileira na programação das rádios – política pública transformada em obrigação legal e vigente no período anterior à pesquisa e durante sua realização.

A música romântica, que ocupa o terceiro lugar na preferência geral (21,4%), é o gênero com distribuição mais equilibrada entre todos os recortes da amostra; note-se apenas uma maior concentração entre o público feminino (25,1%) e, inversamente, o relativo desprestígio do gênero na faixa dos 15 aos 19 anos (16,1%). Na verdade, a categoria música romântica comporta vários gêneros (tangos e boleros, parcelas da MPB, das canções sertanejas bem como do samba), o que talvez explique tal distribuição.

O recorte etário, como já era esperado, revelou-se determinante na definição de preferências musicais:

- há gêneros tipicamente "jovens" (ou dirigidos especialmente ao público de 15 a 24 anos, faixa que concentra os ouvintes mais assíduos de rádio, como se viu na Tabela 13, página 55), como rap e hip-hop, rock brasileiro e internacional, axé e timbalada, pagode, música pop, techno e dance; nessa categoria, há gêneros preferidos especialmente pelo estrato de 15 a 19 anos, como o funk e o heavy metal / hardcore;
- em contrapartida, há gêneros preferidos por pessoas maduras, com mais de 40 anos de idade, como a música sertaneja (37,5% de menções entre 40 e 59 anos) e a religiosa; já o clássico e erudito, o instrumental, o chorinho, o tango e o bolero (estes últimos, gêneros românticos bastante difundidos em meados do século passado) bem como a ópera são gêneros associados tipicamente aos entrevistados com mais de 60 anos; ressalte-se que para a música religiosa bem como para a erudita, a instrumental e a ópera, os recortes de escolaridade e renda são mais significativos na constituição das preferências;

- na faixa etária que corresponde à vida profissional adulta (de 25 a 59 anos), a preferência recaiu sobre a MPB, o jazz, blues e soul, a new age (sem esquecer o já mencionado gosto pela música sertaneja no grupo de 40 a 59 anos); nessas três categorias musicais, entretanto, as clivagens escolaridade e classe são mais importantes.

Já os recortes de escolaridade e classe revelam seu peso fundamental na preferência por alguns dos gêneros musicais:

- mais além das preferências etárias assinaladas, níveis altos de escolaridade e de renda são os principais diferenciais dos apreciadores de MPB, jazz, blues e soul, new age, música erudita, instrumental, ópera, rock brasileiro e internacional; observe-se que alguns subgêneros desses gêneros não fazem parte do universo da canção, exigindo uma apreciação mais estrita da linguagem propriamente musical – o que também pode explicar sua preferência por parte de pessoas mais maduras, quando a observamos em associação com diferenças etárias relativas ao hábito de cantar retratadas na Tabela 18 (página 59);
- ao contrário, o maior grupo de aficionados por música religiosa (27,7% contra 16,3% no total da amostra) é formado por pessoas das classes D/E, enquanto a música sertaneja, além das significativas clivagens por faixa etária, concentra seu mais alto número de apreciadores entre entrevistados de escolaridade baixa: 36,6% (contra 29,2% na média);

No universo masculino e feminino, embora não se observaram clivagens tão freqüentes, as menções dos entrevistados apontaram algumas diferenciações significativas:

- há gêneros de música predominantemente masculinos, como o rock brasileiro e internacional, o reggae, o rap e o hip-hop, o heavy metal/hardcore – todos também associados ao público mais jovem (dos 15 aos 24 anos);
- por contraste, há gêneros predominantemente femininos, com destaque para a música religiosa (citada por 21% das mulheres, contra 11% dos homens) e também para MPB, música romântica, tangos e boleros.

TABELA 21 - GÊNEROS MÚSICAIS PREFERIDOS
 (Múltipla escolha não estimulada)

GÊNEROS MÚSICAIS ²⁸	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (ANOS) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Têm gênero(s) de música preferido(s)	73,5	74,3	72,9	77,1	76,7	73,8		67,7	68,8	78,3	78,2	77,4	73,9	69,0
Sertaneia	29,2	27,5	30,8	7,2	18,8	29,2	37,5	33,6	36,6	24,5	16,8	26,0	32,0	28,8
MPB	22,2	20,7	23,6	14,2	20,5	24,5	26,1	14,6	11,6	25,8	47,2	36,5	18,8	12,1
Romântica	21,4	17,4	25,1	16,1	21,9	21,5	23,8	19,1	19,9	23,4	21,9	24,0	20,3	20,3
Samba	19,0	20,4	17,7	25,8	28,2	17,1	17,8	14,9	17,5	22,5	16,3	20,8	19,9	15,9
Música religiosa	16,3	11,0	21,0	10,8	9,7	15,9	19,2	19,4	17,6	17,3	10,1	12,0	14,7	22,7
Pagode	15,0	15,7	14,4	27,2	22,0	13,9	13,6	8,0	14,3	18,3	10,6	13,6	17,3	13,4
Forró, xote e frevo	14,1	14,8	13,5	12,2	19,8	16,7	13,4	6,3	16,1	13,2	10,2	10,0	16,2	15,6
Rock brasileiro	14,1	17,9	10,7	28,3	21,4	17,8	8,7	1,6	4,3	21,1	29,1	22,8	13,3	6,1
Rock internacional	14,0	17,8	10,6	27,0	23,1	16,6	9,9	1,1	5,0	19,5	29,8	22,0	14,0	5,7
Pop	8,6	9,8	7,5	16,0	14,1	9,2	6,8	1,9	3,1	13,3	15,5	12,8	9,2	3,3
Reggae	8,4	12,1	5,1	16,8	18,5	9,4	4,9	0,4	4,6	11,9	12,5	10,7	8,3	6,1
Axé / Timbalada	7,2	6,3	8,1	15,9	14,1	6,5	5,3	2,5	6,4	9,3	5,2	5,8	8,5	6,9
Rap e hip-hop	7,0	10,3	4,0	23,3	19,7	4,9	2,8	0,7	4,3	11,7	5,0	6,3	8,5	5,6
Clássica e erudita	7,0	6,5	7,4	1,1	0,9	5,1	9,3	15,1	3,3	6,3	19,5	14,2	4,5	2,8
Jazz, blues e soul	6,3	6,9	5,8	4,5	6,0	6,1	8,2	3,8	1,5	6,8	19,7	13,6	4,5	1,0
Música country	6,1	5,9	6,3	4,0	6,3	6,9	7,1	3,0	3,8	7,9	9,2	8,6	6,6	2,7
Techno / dance music	5,8	6,2	5,5	15,7	11,6	5,4	3,7	0,9	1,8	10,3	8,8	8,0	6,3	3,1
Instrumental	5,7	5,2	6,2	2,5	3,8	4,5	7,6	8,4	2,8	4,8	16,4	11,0	3,9	2,7

²⁸ Outros gêneros citados registraram porcentagens inferiores a 1%.

Chorinho	4,3	4,6	4,1	---	3,0	2,5	6,4	8,4	2,9	4,5	8,4	7,1	3,5	2,6
Tangos e boleros	3,8	2,9	4,6	1,7	---	2,2	4,4	10,8	3,1	3,3	6,9	5,8	3,0	2,7
Funk	3,3	3,7	2,8	8,5	5,3	3,0	2,5	0,6	1,9	5,3	2,9	2,9	3,4	3,5
Ópera	2,4	2,7	2,1	0,5	---	1,9	3,1	5,1	1,3	1,7	7,0	4,7	1,7	0,8
Heavy metal / hardcore	2,4	3,8	1,1	6,3	4,4	2,2	1,9	---	0,8	3,4	5,2	3,8	2,0	1,4
New age / nova era	1,8	1,9	1,8	0,6	0,5	1,9	2,9	1,3	0,5	1,9	5,7	3,8	1,1	0,8

Para avaliar a frequência a apresentações musicais, estas foram agrupadas em três tipos: show de música popular, concerto de música erudita e ópera. Como esperado, o show de música popular foi o que concentrou maior porcentagem de frequência: aproximadamente 1 em cada 5 entrevistados afirmou ter frequentado uma apresentação desse tipo nos doze meses precedentes e pouco mais da metade o fez alguma vez durante a vida (Tabela 22).

Em que pese o predomínio de entrevistados mais ricos e escolarizados entre o público frequentador de shows de música popular – seja entre os que afirmaram ter frequentado na vida seja no ano precedente –, deve-se ressaltar uma porcentagem significativa de frequentadores entre os entrevistados mais pobres e menos escolarizados.

TABELA 22 - FREQUÊNCIA A SHOW DE MÚSICA POPULAR NO ANO ANTERIOR

FOI A SHOW DE MÚSICA POPULAR (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	19,4	22,3	16,8	34,4	29,6	18,7	17,0	9,1	10,3	24,8	35,7	29,0	17,2	12,5
Não	37,3	39,6	35,3	22,6	39,5	43,3	40,2	23,9	33,6	40,3	42,4	42,4	38,7	30,2
Nunca foi	43,3	38,1	47,9	43,0	30,9	38,1	42,7	67,1	56,1	34,9	21,9	28,6	44,1	57,3
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Já a frequência à ópera e a concertos de música erudita, como também se esperava, foi drasticamente menor. Como já se mencionou, esses dois tipos de prática estão relacionados aos grandes praticantes e a níveis de escolaridade mais altos, sendo portanto muito raras. Apesar disso, as porcentagens de frequência a concertos e à ópera foram maiores do que as esperadas. Bastante altas num contexto como o brasileiro, essas porcentagens aparentemente podem ser explicadas pela marcante influência da cultura européia, notadamente de imigrantes italianos, na RMSP.

TABELA 23 - FREQUÊNCIA A CONCERTO DE MÚSICA ERUDITA NO ANO ANTERIOR

FOI A CONCERTO DE MÚSICA ERUDITA (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		Idade (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	4,3	3,3	5,3	1,6	3,6	4,0	5,8	4,2	1,4	4,3	13,3	10,1	2,4	1,0
Não	6,9	6,9	6,9	2,1	2,8	6,7	8,4	10,5	2,8	6,3	20,6	14,6	4,4	2,3
Nunca foi	88,8	89,8	87,8	96,3	93,6	89,3	85,8	85,2	95,8	89,4	66,1	75,3	93,2	96,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

TABELA 24 - FREQUÊNCIA A ÓPERA NO ANO ANTERIOR

FOI A ÓPERA (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	2,1	1,8	2,3	0,6	1,5	1,7	3,3	1,8	0,7	1,5	7,5	4,8	0,8	0,9
Não	6,4	5,9	6,8	0,5	3,5	4,7	7,7	13,9	3,7	4,7	18,3	12,9	3,9	3,1
Nunca foi	91,5	92,3	90,9	98,9	95,0	93,6	89,0	84,4	95,7	93,8	74,2	82,3	95,3	96,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Entre os dados a ressaltar, observa-se que apesar de a frequência aos diferentes tipos de apresentações musicais ser proporcionalmente mais alta entre mais escolarizados e mais ricos, é considerável a porcentagem da população com essas características que afirmou não ter ido a espetáculos musicais. Cerca de 1 em cada 5 entrevistados com alto nível de escolaridade afirmou nunca ter ido a um show de música popular. Cerca de 2 em cada 3 entrevistados desse grupo afirmaram nunca ter ido a um

concerto na vida – sendo que, entre os que já foram, 60,7% não o fizeram nos doze meses anteriores. Cerca de 3 em cada 4 entrevistados com alto nível de escolaridade afirmaram nunca ter ido à ópera e, dentre aqueles que já foram no passado, 71% não o fizeram no ano precedente.

A análise pelo recorte etário indica que os jovens foram mais aos shows de música popular e menos aos concertos de música clássica e ópera, como seria o esperado.

O cruzamento das respostas sobre frequência aos três gêneros de apresentação indica que 40,7% dos entrevistados nunca freqüentaram qualquer dos espetáculos musicais pesquisados. O inverso – ou seja, aqueles que afirmaram ter, nos últimos doze meses, freqüentado os três gêneros de espetáculo ao menos uma vez – corresponde a apenas 0,8% da amostra²⁹.

Os significativos percentuais de frequência a concertos e ópera entre os entrevistados levaram-nos a focalizar mais de perto as características dos freqüentadores de cada um dos três gêneros de apresentação. É sabido que baixas freqüências dificultam a desagregação de dados fazendo com que as análises assumam erros amostrais muito elevados – caso da frequência a espetáculos de ópera (2,1% da amostra) e de música clássica ou erudita (4,3% dos entrevistados) na pesquisa. Mesmo considerando os erros amostrais, há que se registrar a significativa participação de entrevistados com escolaridade mais baixa entre os freqüentadores de espetáculos de música erudita e ópera: quase a metade dos que freqüentaram concertos no ano anterior e cerca de 4 em cada 10 dos que foram à ópera naquele período não tinham nível superior, como demonstra o Tabela 25.

²⁹ Esse dado foi obtido através do cruzamento entre entrevistados que foram (ou não foram) a um show de música popular, a um espetáculo de música erudita e a um espetáculo de ópera nos últimos 12 meses.

TABELA 25 - CARACTERIZAÇÃO DOS FREQUENTADORES DE APRESENTAÇÕES MUSICAIS

TIPO DE APRESENTAÇÃO MUSICAL FREQUENTADA (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Show de música popular	100,0	54,4	45,6	16,0	16,6	34,3	26,5	6,7	26,5	43,7	29,8	45,5	35,5	19,0
Concerto de música erudita	100,0	35,7	64,3	3,3	8,9	32,8	41,1	31,9	15,9	33,8	50,3	71,1	21,8	7,0
Ópera	100,0	41,6	58,4	2,5	7,7	28,7	49,0	12,1	16,3	24,3	59,4	71,9	25,7	12,4

Chama a atenção nesta tabela a predominância de um público feminino, bastante superior ao dos homens, no que se refere a concertos de música erudita e ópera, formas bastante raras de participação na vida cultural. Esta prática, que evolui fortemente na faixa dos 25 a 39 anos, aumenta ainda mais a partir dos 40 anos. Ainda que haja queda nos índices para aqueles com mais de 60 anos – que vimos ser previsível no caso de outras práticas – estes ainda se mantêm em níveis significativos, sobretudo no caso dos concertos de música erudita, confirmando os resultados de pesquisas internacionais que indicam o “envelhecimento” dessas práticas musicais. Não é surpresa o fato de este público se concentrar nos extratos de alto nível de escolaridade e renda. No entanto, os índices de adeptos na Classe C não deixa de ser expressivo, da mesma forma que aqueles pertencentes às classes D/E. com níveis de escolaridade médio e baixo. Isso nos remete às observações já referidas do sociólogo Bernard Lahire, sobre a heterogeneidade da composição dos públicos e da necessidade de um refinamento nos instrumentos de análise.

USO DE INTERNET E COMPUTADOR

O uso de computador é uma prática pouco disseminada na RMS, se tomarmos como referência os 63,2% de entrevistados que afirmaram não usar habitualmente o equipamento e os 69,6% que declararam não ter acesso à Internet. Há que se considerar também os 8,1% que afirmaram usar raramente um computador. Esses percentuais revelam que 7 em cada 10 entrevistados não usam computador ou o usam raramente – indivíduos que pertencem principalmente ao grupo de baixo nível de escolaridade e das classes econômicas mais baixas (Tabela 26).

TABELA 26 - USO DE COMPUTADOR

FREQÜÊNCIA DE USO DO COMPUTADOR (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Diariamente	18,1	20,5	15,9	16,4	26,2	23,3	16,2	3,8	2,5	21,7	57,6	39,7	13,5	1,8
Algumas vezes por semana	10,6	13,1	8,5	26,6	13,5	12,6	6,2	3,2	3,6	16,2	20,6	16,2	11,0	4,5
Raramente	8,1	7,9	8,3	14,2	10,8	7,6	8,7	2,1	3,4	13,9	10,1	11,7	9,0	3,1
Não usa	63,2	58,6	67,4	42,8	49,5	56,6	68,9	90,8	90,5	48,2	11,7	32,4	66,5	90,6
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

O acesso a Internet segue o mesmo padrão, ou seja, é muito maior nas classes mais altas e entre os escolarizados, especialmente entre os mais jovens, como mostra a Tabela 27.

TABELA 27 - ACESSO A INTERNET

ACESSO À INTERNET (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Com acesso	29,8	32,8	27,0	41,0	40,8	34,5	27,5	7,1	7,1	38,5	80,1	61,7	23,2	5,5
Sem acesso	70,2	67,2	73,0	59,0	59,2	65,5	72,5	92,9	92,9	61,5	19,9	38,3	76,8	94,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Ressalte-se que a variável idade está entre os principais preditores para uso do computador e acesso à Internet. As porcentagens de usuários de computador e Internet diminuem progressivamente com a faixa etária: a mais baixa porcentagem de uso concentra-se na população com mais de 40 anos. No entanto, ainda que o grupo de jovens com 15 a 24 anos concentre a maior quantidade de usuários de computador, quase 60% desses jovens não usa o equipamento, ou só o usa raramente, quase a mesma proporção dos que não têm acesso à Internet (58,6%). Vale salientar que a maior parte desses jovens (59,7%) está cursando ou cursou o ensino médio – diante dos diversos programas de distribuição de equipamentos de informática para as escolas por parte das secretarias de educação do estado e do município, era de se esperar que esses índices fossem superiores.

A escolaridade, entretanto, é variável fundamental quando se trata da faixa superior aos 40 anos (na qual 82,5% dos entrevistados afirmaram não usar computador e 78,3% não ter acesso a Internet): embora apenas 15,5% dos entrevistados desse grupo etário tenham escolaridade superior, estes representam 54,6% dos entrevistados com mais de 40 anos que usam computador e 51,2% dos que acessam à Internet.

Ainda que exista a óbvia relação entre ter o equipamento e usá-lo, muitos entrevistados usam o computador e acessam a Internet embora não disponham de meios para isso em sua casa. Como mostram as Tabelas 28 e 29, mais de 11% dos entrevistados

usam computador com certa freqüência e 10,3% têm acesso à Internet, embora não possuam o equipamento no domicílio. Por outro lado, quase 7% têm computador em casa mas nunca o utilizam.

TABELA 28 - USO E POSSE DE COMPUTADOR

FREQÜÊNCIA DE USO DO COMPUTADOR (nos 12 meses anteriores)	Têm computador no domicílio (%)	Não têm computador no domicílio (%)	TOTAL (%)
Diariamente	11,1	6,9	18,0
Algumas vezes por semana	5,5	5,1	10,6
Raramente	4,3	3,8	8,1
Não usa computador	6,8	56,5	63,2
TOTAL	27,7	72,3	100,0

TABELA 29 - ACESSO A INTERNET E POSSE DE COMPUTADOR

ACESSO A INTERNET (nos 12 meses anteriores)	Têm computador no domicílio (%)	Não têm computador no domicílio (%)	TOTAL (%)
Com acesso	19,4	10,3	29,7
Sem acesso	8,3	62,0	70,3
TOTAL	27,7	72,3	100,0

Cerca de 1 em cada 10 entrevistados têm acesso à Internet em espaços alternativos à casa: o trabalho, a escola, a faculdade, a casa de parentes ou amigos ou órgãos públicos que colocam equipamentos de informática à disposição para a população. Assim 10,3% dos que não possuem computador em casa garantem seu acesso à Internet – o que se verifica preponderantemente no trabalho (Quadro 7).

QUADRO 7 - LOCAIS DE ACESSO A INTERNET
(Múltipla escolha não estimulada)

LOCAL EM QUE TEM ACESSO À INTERNET ³⁰	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/ E
Domicílio	17,6	20,1	15,3	22,5	16,2	18,8	21,1	5,1	3,5	18,3	58,9	46,6	7,8	0,9
Trabalho	14,0	16,5	11,7	6,0	23,1	18,4	13,7	1,6	1,6	14,1	51,1	30,9	10,0	1,8
Escola	2,5	2,9	2,2	13,5	2,9	2,3	0,5	--	0,6	4,9	3,3	2,9	3,2	1,1
Casa de amigos	2,0	1,9	2,0	4,9	3,7	2,4	1,0	--	0,7	3,4	3,1	2,7	2,1	1,0
Faculdade	1,9	1,8	2,1	3,0	7,8	1,9	0,5	--	--	--	11,8	4,9	0,8	0,3
Casa de parentes	1,0	0,6	1,3	1,7	1,9	0,9	0,6	1,0	0,6	1,8	0,5	0,7	1,4	0,7
Órgãos públicos	0,9	1,2	0,6	2,2	1,7	1,1	0,4	--	0,4	1,5	,9	1,0	1,3	0,2
Trabalho de parentes	0,2	0,1	0,2	0,5	1,1	--	--	--	--	0,5	--	0,3	0,2	--
Escola de informática	0,2	0,1	0,4	2,1	0,5	--	--	--	--	0,7	--	--	0,5	0,2
Cybercafé	0,2	0,3	0,1	--	1,0	0,2	--	--	--	0,1	0,3	0,3	0,5	0,1

Ao focar a análise no grupo de 15 a 24 anos (Tabela 30), vê-se que cerca de 1 em cada 5 desses jovens tem acesso à Internet, mesmo sem ter computador em casa.

³⁰ Outros locais registraram porcentagens iguais ou inferiores a 0,1%.

TABELA 30 - ACESSO A INTERNET E POSSE DE COMPUTADOR ENTRE ENTREVISTADOS DE 15 A 24 ANOS

ACESSO A INTERNET (nos 12 meses anteriores)	Têm computador no domicílio (%)	Não têm computador no domicílio (%)	TOTAL
Com acesso	22,0	18,9	40,9
Sem acesso	5,3	53,8	59,1
TOTAL	27,3	72,7	100,0

Entre os locais alternativos em que têm acesso à Internet, os mais jovens mencionaram, nesta ordem: o trabalho, a escola, casa de amigos ou de parentes, órgão público, escola de informática, faculdade, local de trabalho de parentes, cybercafé.

QUADRO 8 - LOCAIS DE ACESSO A INTERNET ENTRE ENTREVISTADOS DE 15 A 24 ANOS QUE NÃO TÊM COMPUTADOR EM CASA (Múltipla escolha não estimulada)³¹

LOCAIS DE ACESSO ALTERNATIVOS À CASA	% de menções
Trabalho	40,8
Escola	26,2
Casa de amigos	19,0
Casa de parentes	9,5
Órgão público	9,4
Escola de informática	6,6
Faculdade	4,7
Trabalho de parentes	3,3
Cyber café	1,4

³¹ Outros locais apresentaram porcentagens inferiores a 1%.

LEITURA POR PRAZER E INFORMAÇÃO

Neste aspecto, foram pesquisadas três ordens de práticas: a leitura de livros, a leitura de jornais e revistas e a frequência a bibliotecas. Os entrevistados foram também interrogados sobre ter escrito algum texto literário (exceto redações escolares), seja alguma vez na vida, seja nos doze meses anteriores.

LIVROS E BIBLIOTECAS

Um dado inesperado: como a Tabela 31 indica, 4 em cada 10 entrevistados (40,5%) afirmaram ter lido algum livro por prazer³² no ano precedente – num país em que, supõe-se, lê-se pouco. Mesmo que a quantidade de leitores entre os entrevistados mais pobres e menos escolarizados seja bem menor que nas demais faixas de renda e escolaridade, sua proporção foi surpreendente. A variável gênero também oferece uma indicação interessante: as mulheres lêem mais por prazer do que os homens.

³² Leitura por prazer é aquela que se faz sem obrigação profissional ou escolar.

TABELA 31 - LEITURA DE LIVRO POR PRAZER

LEITURA POR PRAZER (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Leu algum livro por prazer	40,5	36,0	44,7	48,9	48,2	42,2	36,9	32,9	23,3	51,8	69,2	54,6	41,4	24,9
Não leu qualquer livro por prazer no período	59,5	64,0	55,3	51,1	51,8	57,8	63,1	67,1	76,7	48,2	30,8	45,4	58,6	75,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Em que pesem os percentuais de leitores de livros por prazer entre os entrevistados, deve-se ressaltar que a maior parte deles disseram não ter lido mais de 5 livros no último ano, como indica a Tabela 32, a seguir.

TABELA 32 - QUANTIDADE DE LIVROS LIDOS POR PRAZER NO ANO ANTERIOR

QUANTIDADE DE LIVROS LIDOS POR PRAZER (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Até 5	29,5	25,7	32,9	38,8	39,6	31,1	24,4	22,8	19,0	39,2	41,1	35,1	31,7	20,7
De 6 a 10	6,1	5,6	6,6	6,6	4,8	5,9	7,4	4,7	2,4	7,2	15,0	10,8	5,1	2,6
De 11 a 15	1,9	1,9	1,9	--	1,7	2,2	2,1	2,2	0,8	1,7	5,6	3,2	1,8	0,6
De 16 a 20	1,0	0,6	1,5	1,7	0,8	1,2	0,6	1,5	0,6	1,3	1,9	1,5	1,2	0,4
Mais de 20	1,8	1,8	1,7	1,2	1,2	1,5	2,4	1,8	0,3	2,0	5,7	3,6	1,2	0,6
Não sabe/não lembra	0,2	0,3	0,1	0,6	--	0,4	--	--	0,1	0,4	--	0,3	0,3	--
Não leu	59,5	64,0	55,3	51,1	51,8	57,8	63,1	67,1	76,7	48,2	30,8	45,4	58,6	75,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Outro dado surpreendente no campo da leitura: cerca de um terço dos entrevistados (32,3%) afirmaram nunca ter ido a uma biblioteca, como mostra a Tabela 33, adiante. Neste caso, a faixa etária parece decisiva, pois 9 em cada 10 entrevistados que nunca freqüentaram biblioteca têm mais de 25 anos e cerca de 6 em cada 10 têm mais de 40 anos. A universalização progressiva do acesso à educação nas últimas décadas é a explicação mais óbvia para esses resultados, visto que freqüentar biblioteca é, para grande parte da população, uma prática relacionada à idade escolar (cerca de 88,4% dos entrevistados entre 15 e 24 anos afirmaram já ter ido a uma biblioteca).

No entanto, encontrar na RMSP mais de 10% de jovens com 15 a 19 anos que afirmam nunca ter ido a uma biblioteca exige uma análise mais cuidadosa destes dados, pois cerca de um terço deles (37,2%) cursaram ou cursam o ensino médio. Tais

resultados apontam ou para lacunas no sistema de ensino ou para um descompasso entre a pergunta e a resposta dada pelos entrevistados. Há também que se mencionar os problemas enfrentados tanto pelas bibliotecas públicas quanto as escolares, principalmente em relação aos acervos pouco atualizados – pois que não existe um sistema periódico de aquisições. Vale lembrar também que os livros para leitura por prazer foram incorporados muito recentemente ao acervo das bibliotecas escolares, nos quais ainda hoje predominam livros didáticos ao lado de romances de leitura obrigatória.

Foi também surpreendente verificar que 4,3% da população altamente escolarizada nunca foi a uma biblioteca na vida. Os 50,6% com alto nível de escolaridade que não freqüentaram biblioteca nos doze meses anteriores. É interessante ver que a porcentagem dos que não foram a uma biblioteca nos últimos doze meses é maior nas classes A/B (54,6%) e C (48,3%) do que nas classes D/E (36%). O hábito de ir à biblioteca não é internalizado como uma prática para o correr da vida. Parece tratar-se de uma prática ligada, fundamentalmente, à vida escolar.

TABELA 33 - FREQUÊNCIA A BIBLIOTECA NO ANO ANTERIOR

FREQUÊNCIA A BIBLIOTECA (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	21,1	21,2	21,1	55,2	28,4	19,8	16,6	7,1	9,7	26,3	45,0	30,1	21,3	11,7
Não	46,6	47,7	45,6	34,1	59,2	54,3	46,2	26,3	35,1	61,3	50,6	54,6	48,3	36,0
Nunca foi	32,3	31,1	33,3	10,7	12,4	26,0	37,1	66,6	55,1	12,4	4,3	15,3	30,5	52,3
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Poder-se-ia supor que houvesse uma relação entre a leitura por prazer e a freqüência a bibliotecas. O cruzamento desses dados, entretanto, não aponta nessa direção: cerca de dois terços dos que leram algum livro por prazer não freqüentaram biblioteca

nos doze meses anteriores (Tabela 34). A pesquisa não indicou, portanto, uma associação positiva entre ter ido à biblioteca e ter lido algum livro por prazer no período considerado, visto que mais de um quarto da amostra (26,8%) leu por prazer e não foi a biblioteca no ano anterior.

TABELA 34 - ASSOCIAÇÃO ENTRE FREQUÊNCIA A BIBLIOTECA E LEITURA DE LIVRO POR PRAZER NO ANO ANTERIOR

FREQUÊNCIA A BIBLIOTECA (nos 12 meses anteriores)	LEITURA POR PRAZER (nos 12 meses anteriores) (%)		TOTAL (%)
	Leu algum livro por prazer	Não leu qualquer livro por prazer	
Foi a biblioteca	13,7	7,4	21,1
Não foi a biblioteca no período	19,8	26,8	46,6
Nunca foi a uma biblioteca	7,0	25,3	32,3
TOTAL	40,5	59,5	100,0

No total da amostra, o percentual dos que nunca foram ou não foram a uma biblioteca no último ano e não leram por prazer é de 52,1%. Por outro lado, 16,5% dos jovens de 15 a 24 anos que afirmaram ter ido a biblioteca no ano anterior não leram qualquer livro por prazer, como indica o Quadro 9, a seguir. Uma possibilidade de explicação seria que, para esses jovens, freqüentar biblioteca parece ser uma prática mais associada a uma atividade de natureza obrigatória, em função da escola ou do trabalho, do que uma busca espontânea por leitura e informação.

No entanto, se cruzarmos a freqüência à biblioteca com os níveis de escolaridade daqueles que leram por prazer no ano anterior, verificamos que, nesse caso, os que freqüentaram bibliotecas têm índices maiores de leitura. Ou seja, aqui, o fato de ter ido à biblioteca aumenta a chance de ter lido por prazer. Os dois quadros que se seguem mostram que quanto mais baixo o nível de escolaridade maior a relação entre essas duas práticas, e quanto mais se avança na idade, maior é a relação entre elas.

QUADRO 9 – ASSOCIAÇÃO ENTRE FREQUÊNCIA A BIBLIOTECA E FAIXA ETÁRIA DAQUELES QUE LERAM POR PRAZER NO ANO ANTERIOR

FREQUÊNCIA À BIBLIOTECA (nos 12 meses anteriores)	FAIXA ETÁRIA DOS LEITORES DE LIVRO POR PRAZER (%)				
	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 39 anos	40 a 59 anos	+ de 60 anos
Foi a biblioteca	59,8	58,8	66,9	68,1	85,7
Não foi a biblioteca	35,5	44,0	36,1	30,9	28,8

Indicador de leitura: Entre os entrevistados que têm entre 15 e 19 anos e que foram a uma biblioteca no último ano, 59,8% leram pelo menos um livro por prazer nesse período; ao mesmo tempo, 35,5% dos entrevistados desta mesma faixa etária que não foram a uma biblioteca, leram pelo menos um livro por prazer.

QUADRO 10 – ASSOCIAÇÃO ENTRE FREQUÊNCIA A BIBLIOTECA E NÍVEL DE ESCOLARIDADE DAQUELES QUE LERAM POR PRAZER NO ANO ANTERIOR

FREQUÊNCIA À BIBLIOTECA (nos 12 meses anteriores)	ESCOLARIDADE DOS LEITORES DE LIVRO POR PRAZER (%)		
	Baixo	Médio	Alto
Foi a biblioteca	50,7	64,1	76,1
Não foi a biblioteca	20,4	47,4	64,2

Indicador de leitura: Entre os entrevistados com nível baixo de escolaridade que foram a biblioteca, 50,7% leram pelo menos um livro por prazer no último ano, prática constatada em apenas 20,4% daqueles com a mesma escolaridade que não foram a biblioteca.

LEITURA DE JORNAIS

A leitura habitual de jornais pelo menos algumas vezes por semana é uma prática de 34,3% dos entrevistados. Esta foi a frequência adotada para definir a existência do hábito de ler jornais.

Como esperado, a porcentagem de leitores habituais é maior entre os mais escolarizados e de classes mais altas. É interessante notar também que a maior porcentagem está entre os homens e na faixa etária dos 20 aos 59 anos, período que abrange desde o ingresso na vida adulta até a plenitude da vida profissional (Tabela 35, na próxima página). A periodicidade semanal de campeonatos esportivos, como os de futebol profissional, pode ter incidência no maior percentual de homens entre os leitores de jornal. Além disso, a maior concentração de leitores entre jovens no início da maturidade (dos 20 aos 39 anos), faixa etária que concentra o maior número de praticantes culturais (externos e domiciliares), corrobora resultados de pesquisas internacionais: esse é o segmento que mais busca informações sobre a programação cultural nos periódicos.

TABELA 35 - LEITURA DE JORNAL NO ANO ANTERIOR

FREQÜÊNCIA DE LEITURA DE JORNAL (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Diariamente	16,0	20,5	11,9	7,5	10,2	14,5	21,3	18,0	7,2	15,8	43,2	33,4	10,5	5,3
Algumas vezes por semana	18,3	20,7	16,1	17,2	22,0	21,7	16,7	11,1	12,3	24,7	23,1	21,3	19,2	13,9
Raramente	29,2	29,2	29,2	30,8	35,4	31,0	28,1	21,6	30,5	32,6	18,3	26,2	32,8	27,4
Nunca	36,5	29,6	42,8	44,6	32,4	32,8	34,0	49,2	50,0	27,0	15,5	19,0	37,4	53,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

A chance de encontrar alguém com baixo nível de escolaridade que leu algum livro por prazer no ano anterior à pesquisa é cerca de três vezes maior entre os entrevistados que afirmaram ler jornal diariamente ou algumas vezes por semana do que entre aqueles que nunca lêem ou lêem raramente – o que se aplica também, em menor proporção, aos outros níveis de escolaridade.

É interessante observar que o fato de ler jornal tem maior associação com a leitura por prazer justamente entre os entrevistados de níveis de escolaridade mais baixos (ver Quadros 11 e 12).

QUADRO 11 – ASSOCIAÇÃO ENTRE LEITURA DE JORNAL E ESCOLARIDADE DAQUELES QUE LERAM LIVRO POR PRAZER NO ANO ANTERIOR

FREQÜÊNCIA DE LEITURA DE JORNAL (nos 12 meses anteriores)	ESCOLARIDADE DOS LEITORES DE LIVRO POR PRAZER (%)		
	Baixo	Médio	Alto
Leu jornal pelo menos algumas vezes por semana	40,8	58,6	72,8
Não leu jornal ou leu raramente	19,1	47,3	63,0

Indicador de leitura: Entre os entrevistados com nível alto de escolaridade que leram jornal pelo menos uma vez por semana, 72,8% leram pelo menos um livro por prazer no último ano, contra 63,0% dos que têm o mesmo nível de escolaridade e não costumam ler jornal.

QUADRO 12 – ASSOCIAÇÃO ENTRE LEITURA DE JORNAL E IDADE DAQUELES QUE LERAM LIVRO POR PRAZER NO ANO ANTERIOR

FREQÜÊNCIA DE LEITURA DE JORNAL (nos 12 meses anteriores)	FAIXA ETÁRIA DOS LEITORES DE LIVRO POR PRAZER (%)				
	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 39 anos	40 a 59 anos	+ de 60 anos
Leu jornal pelo menos algumas vezes por semana	68,6	63,6	55,7	57,5	58,0
Não leu jornal ou leu raramente	43,4	40,8	34,5	34,6	22,2

Indicador de leitura: Entre os entrevistados que têm entre 15 e 19 anos que costumam ler jornal, 68,6% leram pelo menos um livro por prazer no último ano, contra 43,4% dos que estão na mesma faixa etária e não costumam ler jornal.

LEITURA DE REVISTAS

A pesquisa indagou ao entrevistado se tinha o costume de ler revistas, independentemente do tipo de publicação e da frequência de leitura. Os leitores de revistas são predominantemente do gênero feminino, da classe A/B e concentram-se na faixa dos 15 aos 24 anos de idade, como indica a Tabela 36.

TABELA 36 - LEITURA DE REVISTAS NO ANO ANTERIOR

LEITURA DE REVISTAS (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Têm hábito de ler revistas	40,1	34,0	45,6	49,2	48,6	43,7	34,8	30,1	27,6	47,4	62,9	54,9	38,8	26,5
Não têm o hábito de ler revistas	59,9	66,0	54,4	50,8	51,4	56,3	65,2	69,9	72,4	52,6	37,1	45,1	61,2	63,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Vale ressaltar que entre os entrevistados das classes D/E encontra-se uma porcentagem maior de leitores habituais de revistas (26,5%) do que de jornais (19,2%), enquanto entre os entrevistados da classe A/B observam-se índices equivalentes de leitura de revistas (54,9%) e jornais (54,7%). Mesmo entre os entrevistados economicamente enquadrados na classe C há um certo equilíbrio entre os leitores habituais de revistas (38,8%) e os de jornais (40,5%).

Entre os entrevistados com nível baixo de escolaridade o hábito de ler revistas (27,6%) supera o de ler jornais (19,5%), enquanto entre os de escolaridade alta há uma pequena preponderância dos leitores habituais de jornais (66,5%) em relação aos de

revistas (62,9%). Disso infere-se que há mais chances de encontrar um leitor de revistas do que de jornais entre os indivíduos de menor renda e escolaridade.

PRODUÇÃO DE TEXTO LITERÁRIO

A produção de algum texto literário durante a vida foi relatada por cerca de 2 em cada 10 entrevistados. Desses, aproximadamente a metade o fez nos últimos doze meses. As diferenças entre níveis de escolaridade e classes não foram, nesse caso, tão significativas como no caso da leitura de jornais.

TABELA 37 – PRODUÇÃO DE TEXTO LITERÁRIO

ESCREVEU ALGUM TEXTO LITERÁRIO (nos doze meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	9,3	9,4	9,2	27,5	12,4	8,4	5,8	5,2	4,7	13,3	14,9	11,4	9,4	7,0
Não	10,5	9,8	11,1	14,2	20,4	11,9	6,7	5,1	5,5	15,5	15,3	11,6	12,0	7,3
Nunca	85,2	80,7	79,7	58,2	67,1	79,7	87,5	89,7	89,8	71,2	69,8	77,0	78,6	85,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

PRÁTICAS RELATIVAS ÀS ARTES CÊNICAS

TEATRO E CIRCO

Cerca de 6 em cada 10 entrevistados (57,9%) nunca foram ao teatro para ver uma peça, como mostra a Tabela 38 (próxima página). Além disso, 66,5% dos entrevistados nunca viram uma peça em qualquer outro local, como se vê na Tabela 39, adiante. O cruzamento dessas informações mostra que quase metade da amostra (45,3%) nunca viu uma montagem teatral e também jamais foi ao teatro.

A saída de casa para assistir a uma peça no ano anterior à pesquisa (seja num teatro, seja em qualquer outro local) foi relatada por apenas 17,7% dos entrevistados. Níveis de escolaridade e classe social, mais uma vez, foram variáveis decisivas para a frequência a esses espetáculos. Saliente-se, entretanto, que os entrevistados com nível médio de escolaridade registraram porcentagens significativas de frequência, superando sua representação na amostra.

TABELA 38 - FREQUÊNCIA AO TEATRO NO ANO ANTERIOR

FOI AO TEATRO ASSISTIR A UMA PEÇA (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	17,7	14,1	15,3	18,1	17,6	15,6	14,9	8,0	3,3	16,0	46,8	29,1	11,5	4,2
Não	27,4	27,5	27,3	34,4	26,4	25,2	29,7	24,1	18,4	34,8	39,1	39,9	27,4	14,4
Nunca	57,9	58,4	57,4	47,5	55,9	59,3	55,4	67,8	78,3	49,2	14,2	31,0	61,1	81,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

É interessante notar que cerca de um terço dos entrevistados das classes A/B (31,0%) afirmou jamais ter ido ao teatro para ver uma peça. Isto ocorreu ainda com 14,2% dos entrevistados com alto nível de escolaridade e com cerca da metade dos que têm nível médio. A frequência ao teatro diminui progressivamente com o avanço da idade, caindo de 18,1% (na faixa de 15 a 19 anos) para 8,0% (na faixa acima dos 60 anos). Uma das hipóteses para a concentração dos percentuais mais elevados entre os entrevistados mais jovens é que ir ao teatro para assistir peças integra, de alguma maneira, as atividades escolares, hipótese confirmada pelas entrevistas.

TABELA 39 - FREQUÊNCIA A PEÇAS DE TEATRO EM OUTROS LOCAIS NO ANO ANTERIOR

ASSISTIU A UMA PEÇA EM QUALQUER OUTRO LUGAR (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	11,5	12,4	21,1	11,9	13,4	10,8	5,2	6,5	14,9	22,3	17,0	12,0	6,7	11,5
Não	20,7	22,2	23,7	28,8	24,4	19,3	12,1	15,6	29,7	22,6	23,4	23,8	16,6	20,7
Nunca	67,8	65,4	55,2	59,3	62,2	69,9	82,7	77,9	55,4	55,1	59,7	64,2	76,7	67,8
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Diferentemente do teatro, a ida ao circo alguma vez na vida foi relatada por pouco mais de três quartos dos entrevistados (76,1%). No entanto, essa foi uma prática relativamente rara nos doze meses anteriores à pesquisa, citada por cerca de 9% dos entrevistados – percentual menor que as menções a saídas para ver uma peça (em um teatro ou qualquer outro local).

Ainda que importantes, as clivagens entre os diferentes níveis de escolaridade não foram tão significativas no caso do circo quanto foram no caso do teatro e do cinema.

TABELA 40 - FREQUÊNCIA A CIRCO NO ANO ANTERIOR

FOI AO CIRCO (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	8,9	8,8	9,0	9,9	9,1	10,8	8,7	4,0	5,4	10,7	15,8	17,0	7,2	4,6
Não	67,2	69,3	65,3	64,6	65,7	67,1	69,1	66,0	65,6	68,1	70,0	23,4	67,1	63,0
Nunca foi	23,9	21,9	25,7	25,5	25,2	22,1	22,2	30,0	29,0	21,1	14,2	59,7	25,7	32,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

No caso de frequência a circo, duas variáveis mostraram-se especialmente importantes: a faixa etária e o fato de ter ou não ter filhos. No recorte etário, a diferença significativa fica por conta dos entrevistados com mais de 60 anos, cuja frequência no ano anterior foi menos da metade das demais faixas etárias.

Além disso, entre os entrevistados de 25 a 59 anos as porcentagens de frequência recente ao circo são sete vezes maiores no caso dos que têm filho(s) comparados aos que não o(s) têm, como indica a Tabela 41.

TABELA 41 – ASSOCIAÇÃO DE FAIXA ETÁRIA E PATERNIDADE ENTRE OS ENTREVISTADOS QUE AFIRMARAM TER IDO AO CIRCO NO ANO ANTERIOR

FAIXA ETÁRIA DOS QUE FORAM AO CIRCO (nos 12 meses anteriores)	Tem filho (s) (%)	Não tem filho (s) (%)	TOTAL (%)
15 a 19 anos	1,2	8,9	10,0
20 a 24 anos	4,9	6,2	11,1
25 a 39 anos	34,8	8,4	43,2
40 a 59 anos	28,0	1,1	29,1
Mais de 60 anos	6,1	0,4	6,5
TOTAL	75,0	25,0	100,0

DANÇA E BALÉ

Já se esperavam baixas porcentagens de frequência a espetáculos de dança – num nível próximo aos concertos de música clássica, por exemplo. Essa hipótese se confirmou, visto que 78,1% dos entrevistados afirmaram nunca ter ido a uma apresentação de dança (moderna, folclórica etc.) e 88,5% afirmaram o mesmo em relação ao balé clássico. Ou seja, 74% dos entrevistados jamais foram a qualquer espetáculo de dança.

Para os dados de freqüência recente (nos doze meses anteriores à pesquisa) essas porcentagens foram ainda menores: apenas 1,8% dos entrevistados afirmaram ter ido a espetáculos dos dois tipos nos últimos doze meses. Destes, quase 80% são das classes A/B e dois terços são mulheres.

TABELA 42 - FREQUÊNCIA A ESPETÁCULO DE BALÉ NO ANO ANTERIOR

FOI A ESPETÁCULO DE BALÉ CLÁSSICO (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	3,7	2,5	4,8	3,1	2,3	3,5	4,6	3,7	1,7	3,5	10,4	8,9	1,8	1,0
Não	7,8	5,5	9,9	4,6	5,8	6,7	10,2	8,7	3,4	7,6	21,6	16,1	5,4	2,5
Nunca foi	88,5	92,0	85,3	92,3	91,9	89,8	85,1	87,6	95,0	89,0	68,0	75,1	92,8	96,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Como mostram as Tabelas 42 e 43, os freqüentadores de espetáculos de dança, bem como os de outras práticas raras, pertencem aos níveis mais altos de escolaridade e renda. Não obstante, mesmo entre entrevistados com essas características, a prática mostrou-se relativamente rara: cerca metade dos entrevistados da classe A/B afirmaram jamais ter ido a qualquer espetáculo de dança.

Além da variável gênero, a idade também constitui diferencial para a freqüência à dança: no caso do balé clássico, a faixa dos 40 aos 59 anos é a que concentra o maior número de freqüentadores (tanto na vida quanto nos doze meses anteriores); nos outros tipos de dança, as maiores porcentagens de freqüência concentram-se entre os jovens de 15 a 24 anos.

TABELA 43 - FREQUÊNCIA A APRESENTAÇÃO DE DANÇA NO ANO ANTERIOR

FOI A APRESENTAÇÃO DE QUALQUER TIPO DE DANÇA (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/ E
Sim	9,4	9,2	9,6	16,3	11,6	8,1	10,5	4,1	4,0	11,0	22,4	15,4	8,7	4,1
Não	12,5	11,8	13,2	12,9	12,0	15,1	10,4	10,8	5,7	15,0	28,0	20,0	11,5	6,1
Nunca	78,1	79,1	77,2	70,8	76,4	76,8	79,1	85,1	90,3	74,0	49,6	64,7	79,7	89,8
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

O aprendizado de dança, seja nos doze meses precedentes à pesquisa, seja antes, apresenta associação significativa com a frequência a apresentações – relação semelhante àquela observada entre o aprendizado de trabalhos artísticos e a frequência a museus e exposições de arte, que se verá mais adiante.

TABELA 44 - CURSO DE DANÇA NO ANO ANTERIOR

FEZ CURSO DE DANÇA (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/ E
Sim	2,8	2,1	3,4	6,7	5,1	2,5	1,6	1,9	1,7	3,9	3,9	2,9	3,6	1,5
Não	9,9	4,1	15,2	16,0	15,2	11,0	7,7	4,3	2,7	11,8	28,0	18,8	8,0	3,4
Nunca fez	87,3	93,9	81,3	77,4	79,7	86,6	90,8	93,7	95,6	84,4	68,1	78,3	88,4	95,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Guardadas as observações feitas quanto aos os níveis de escolaridade e classe, há mais chance de um entrevistado freqüentar espetáculos de dança se tiver estudado ou estiver estudando dança. Considerando os entrevistados com nível baixo de escolaridade, os entrevistados que fizeram ou faziam algum curso de dança apresentou índices de freqüência a espetáculo de dança cerca de 5 vezes maior que os demais do mesmo nível de escolaridade, como mostra o Quadro 13.

QUADRO 13 – ASSOCIAÇÃO DE APRENDIZADO DE DANÇA E ESCOLARIDADE ENTRE OS ENTREVISTADOS QUE FORAM A UM ESPETÁCULO DE DANÇA NO ANO ANTERIOR

APRENDIZADO DE DANÇA (nos 12 meses anteriores)	NÍVEL ESCOLARIDADE (%)		
	Baixo	Médio	Alto
Fez ou faz curso de dança	16,1%	24,2%	28,0%
Nunca fez curso de dança	3,4%	8,6%	19,2%

Indicador de leitura: Entre os entrevistados com nível alto de escolaridade que fizeram – ou fazem – curso de dança, 28,0% foram a um espetáculo de dança no último ano, contra 19,2% com a mesma escolaridade que não fizeram – ou não fazem – curso de dança.

Sair para dançar mostrou-se uma prática bastante difundida: cerca de um terço dos entrevistados afirmou tê-lo feito pelo menos uma vez no ano anterior.

TABELA 45 – SAÍDAS PARA DANÇAR

SAIU PARA DANÇAR (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/ E
Sim	27,7	26,5	28,9	45,8	50,9	31,5	19,2	7,5	17,4	36,1	41,9	37,1	27,0	19,1
Não	37,8	39,1	36,7	12,9	24,4	42,2	41,6	44,5	42,7	32,5	34,0	34,5	37,0	42,2
Nunca saiu	34,5	34,5	34,5	41,3	24,8	26,2	39,2	48,0	39,9	31,4	24,2	28,4	35,9	38,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

TABELA 46 - FREQUÊNCIA COM QUE SAIU PARA DANÇAR

FREQUÊNCIA COM QUE SAIU PARA DANÇAR (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/ E
Toda semana	5,5	5,7	5,4	14,8	14,9	3,6	3,1	2,6	3,2	8,1	7,2	6,2	5,6	4,7
Pelo menos 1 vez por mês	8,2	6,9	9,5	12,6	13,6	10,5	5,8	1,0	4,4	11,7	12,9	11,6	8,1	5,0
De vez em quando	14,0	13,9	14,0	18,4	22,4	17,5	10,2	4,0	9,8	16,3	21,8	19,3	13,4	9,3
Não saiu nos 12 meses anteriores ou nunca saiu	72,3	73,5	71,1	54,2	49,1	68,5	80,8	92,5	82,6	63,9	58,1	62,9	73,0	80,9
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

PRÁTICAS RELATIVAS ÀS ARTES PLÁSTICAS E AO PATRIMÔNIO

Três tipos de práticas externas relacionadas às artes plásticas e acervos históricos ou científicos foram incluídas na pesquisa sobre "O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo": visitas a museus, a exposições de arte e a cidades históricas. Em todas elas não houve registro de porcentagens surpreendentes, o que indica a baixa disseminação dessas práticas.

Cerca de 5 em cada 10 entrevistados (44,7%) nunca esteve em um museu; e mais de 6 em cada 10 (64,7%) nunca foi a uma exposição de arte (ver Tabelas 47 e 48). São dados preocupantes, que expressam ou a pouca relevância atribuída pela maioria absoluta da população a tais equipamentos e eventos culturais ou sua falta de conhecimento e informação sobre tais equipamentos e eventos – lembrando-se que, por exemplo, as grandes exposições de arte têm tido grande repercussão na mídia.

Entre a pequena parcela de entrevistados que visitou um museu ou uma exposição de arte nos doze meses precedentes, a maioria provém dos grupos mais ricos e mais escolarizados, como era previsível. No entanto, saliente-se que 14,4% dos entrevistados com nível alto de escolaridade nunca foram a um museu e 27,5% nunca foram a uma exposição de arte.

TABELA 47 - FREQUÊNCIA A MUSEU DE QUALQUER TIPO NO ANO ANTERIOR

FOI A MUSEU (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	14,0	14,5	13,6	17,0	16,5	14,2	14,2	9,3	5,0	15,7	37,7	27,6	10,2	5,0
Não	41,3	42,6	40,2	40,5	44,4	42,4	39,9	40,0	34,5	48,1	47,9	46,8	43,7	32,5
Nunca foi	44,7	42,9	46,3	42,5	39,1	43,4	45,9	50,7	60,5	36,2	14,4	25,6	46,1	62,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

TABELA 48 - FREQUÊNCIA A EXPOSIÇÃO DE ARTE NO ANO ANTERIOR

FOI A EXPOSIÇÃO DE ARTE (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	14,9	14,4	15,4	24,5	16,9	13,4	16,5	8,0	4,6	17,4	41,4	29,1	11,6	4,8
Não	20,4	20,5	20,3	20,6	25,2	23,1	18,0	14,6	11,3	28,5	31,1	28,0	21,0	11,6
Nunca foi	64,7	65,1	64,3	54,9	57,8	63,5	65,5	77,4	84,2	54,1	27,5	42,9	67,4	83,6
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

A idade é uma variável significativa em relação à frequência a museus e exposições de arte. O peso dessa variável é especialmente significativo no caso dos que já foram a museu alguma vez na vida, com maior concentração de respostas positivas entre os mais jovens. Duas razões podem ser aventadas para explicar tal diferença. Em primeiro lugar, as excursões escolares para museus mais conhecidos, como o Museu Paulista, são bastante comuns e, portanto, ajudam a entender o percentual razoável de

entrevistados que responderam ter praticado essa atividade ao menos uma vez na vida. Em segundo lugar, os museus são muito mais numerosos e tradicionais que as mega exposições de arte, cujo fenômeno de expansão é recente³³.

Complementarmente, perguntou-se aos entrevistados se haviam realizado algum trabalho artístico durante a vida e nos últimos doze meses (excetuando-se trabalhos de tricô, crochê e bordados). Como esperado, o percentual dos que desenvolveram esse tipo de prática foi baixo, concentrando-se entre os mais escolarizados, mais ricos e mais jovens (neste caso, provavelmente devido à idade escolar).

TABELA 49 - PRODUÇÃO DE TRABALHO ARTÍSTICO³⁴

REALIZOU ALGUM TRABALHO ARTÍSTICO (durante a vida)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	13,2	11,3	14,9	26,8	18,9	12,8	10,4	6,9	6,0	18,9	22,8	18,1	14,0	6,9
Não	15,9	14,7	16,9	23,0	20,3	17,5	12,5	11,0	9,5	20,8	24,9	21,5	14,4	12,1
Nunca fez	71,0	74,0	68,2	50,2	60,8	69,6	77,1	82,0	84,4	60,2	52,4	60,4	71,6	81,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Da mesma forma que na relação entre aprendizado e frequência a espetáculos de dança, o fato de o entrevistado ter realizado algum trabalho artístico durante a vida aumentou a sua chance de ter ido a tanto a um museu quanto a uma exposição de

³³ O circuito de grandes exposições populares (que se iniciou a partir da mostra de obras de Auguste Rodin, na Pinacoteca de São Paulo em 1995, evento visitado por cerca de 150 mil pessoas) vem provavelmente alterando esse quadro, visto que a quantidade de público que atraem supera, e muito, a dos grandes museus da cidade de São Paulo. A título de exemplo, a última grande mostra paulista, realizada em 2004, que expôs obras do pintor Pablo Picasso, levou quase um milhão de visitantes ao Ibirapuera. A grande recordista, a Mostra do Redescobrimto, realizada em 2000, teve cerca de um milhão e oitocentos mil espectadores.

arte. E, o que é interessante, essa associação é ainda mais forte entre os entrevistados com baixo nível de escolaridade, em ambas as atividades.

QUADRO 14 - ASSOCIAÇÃO ENTRE PRODUÇÃO DE TRABALHO ARTÍSTICO E ESCOLARIDADE DAQUELES QUE FORAM A MUSEU NO ANO ANTERIOR

PRODUÇÃO DE TRABALHO ARTÍSTICO (durante a vida)	ESCOLARIDADE DOS FREQUENTADORES DE MUSEU (nos 12 meses anteriores) (%)		
	Baixo	Médio	Alto
Já realizou algum trabalho artístico	7,0	18,8	44,9
Nunca fez trabalho artístico	4,6	13,1	31,6

Indicador de leitura: Entre os entrevistados com nível alto de escolaridade que já realizaram trabalho artístico, 44,9% foram a museu no último ano, contra 31,6% com a mesma escolaridade que nunca fizeram trabalho artístico.

QUADRO 15 - ASSOCIAÇÃO ENTRE PRODUÇÃO DE TRABALHO ARTÍSTICO E ESCOLARIDADE DAQUELES QUE FORAM A EXPOSIÇÃO DE ARTE NO ANO ANTERIOR

PRODUÇÃO DE TRABALHO ARTÍSTICO (durante a vida)	ESCOLARIDADE DOS FREQUENTADORES DE EXPOSIÇÃO DE ARTE (nos 12 meses anteriores) (%)		
	Baixo	Médio	Alto
Já realizou algum trabalho artístico	9,0	25,0	49,6
Nunca fez trabalho artístico	3,7	12,4	34,3

³⁴ Não foram aceitos tricô, crochê ou bordados.

Quase 6 em cada 10 entrevistados (58,1%) afirmaram jamais ter visitado uma cidade histórica. Como era esperado, os maiores percentuais dos que já realizaram essa atividade alguma vez na vida ou no ano anterior concentram-se entre os de escolaridade mais alta e que têm maior renda, como mostra a Tabela 50. Observe-se que, comparativamente a visitas a museus e exposições, os dados referentes a visita a cidades históricas apresentam uma diferença significativa: as menores porcentagens situam-se entre os entrevistados de 15 a 19 anos.

TABELA 50 - VISITA A CIDADE HISTÓRICA A PASSEIO NO ANO ANTERIOR

FOI A UMA CIDADE HISTÓRICA A PASSEIO (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Sim	15,1	14,3	15,8	10,1	17,1	16,1	17,4	9,7	8,5	16,2	32,9	26,0	13,4	6,3
Não	26,8	27,7	25,9	19,0	21,7	25,4	30,9	30,3	20,4	30,3	38,5	36,6	25,4	18,4
Nunca foi	58,1	58,0	58,2	70,9	61,3	58,6	51,8	60,1	71,0	53,5	28,6	37,5	61,2	75,3
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

OUTROS HÁBITOS E PRÁTICAS DE LAZER

Ao lado da ênfase sobre as práticas culturais socialmente legitimadas como tais, outras formas de uso do tempo livre também foram objeto de observação da pesquisa. De maneira geral, verificou-se que os entrevistados que mais acumulam práticas culturais são justamente os que mais acumulam atividades de lazer de outros tipos, como práticas esportivas, jogos diversos, passeios, idas ao zoológico, a festas etc. Ou seja, analisar o acúmulo de práticas exige que se vá além das atividades e motivações culturais *stricto sensu*.

O levantamento mais preciso da vida cultural dos entrevistados, tarefa da segunda fase da pesquisa, permitirá analisar mais profundamente as práticas de lazer e sua relação com as demais atividades pesquisadas. Por ora, apresentam-se os dados gerais e uma pequena análise sobre a disseminação de algumas práticas e sua distribuição pela amostra.

DIVERSÕES FORA DE CASA

Passear num *shopping center* revelou-se a atividade de lazer externa mais disseminada entre os entrevistados: cerca de 7 em cada 10 (70,7%) a praticaram nos doze meses anteriores, sem distinção significativa entre homens e mulheres – contrariamente a outras práticas de lazer. Os entrevistados mais jovens, mais ricos e mais escolarizados foram os que mais realizaram essa atividade – recortes que também predominam na prática de outras diversões, como ir à praia (56,7%), a festas populares (46,2%), a parque de diversões (42,2%), a feiras de artesanato ou de antiguidades (31%) e a jardim zoológico ou botânico (28,6%), como indica o Quadro 16.

QUADRO 16 - DIVERSÕES FORA DE CASA NO ANO ANTERIOR
(Resposta múltipla e estimulada)

FEZ UMA DESSAS ATIVIDADES PELO MENOS UMA VEZ (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Foi a um parque de diversões	42,2	44,0	40,7	58,5	50,0	51,1	35,1	19,3	31,6	52,4	53,4	49,2	43,7	33,1
Foi a um zoológico ou jardim botânico	28,6	31,8	25,7	31,1	29,4	32,4	28,1	17,9	22,2	33,3	38,1	34,3	29,3	21,7
Foi à praia	56,7	59,9	53,8	64,6	60,4	62,7	55,6	36,2	42,3	64,3	84,5	77,4	56,0	36,1
Foi ao shopping para passear	70,7	70,0	71,4	82,8	87,2	76,0	66,0	47,3	55,5	85,1	87,1	86,4	72,3	52,3
Assistiu ou participou de desfiles carnavalescos	19,9	21,6	18,3	21,4	25,2	21,4	19,6	11,6	16,0	24,3	22,4	22,2	20,7	16,3
Assistiu ou participou de festas populares (juninas, religiosas, rodeios, festa da cerveja etc.)	46,2	45,8	46,6	58,4	50,6	50,3	45,6	26,4	37,1	53,4	59,1	56,5	47,2	34,2
Foi a uma feira de artesanato ou de antiguidades	31,0	28,6	33,2	28,7	29,4	35,8	32,9	17,6	16,9	36,5	62,4	52,3	25,5	16,3

A única atividade que apresentou freqüência mais equilibrada entre as classes sociais, ainda que haja diferenças sutis, foi a dos desfiles carnavalescos – quer como participante, quer como público. É curioso observar ressaltar um significativo engajamento dos habitantes da RMSP em atividades carnavalescas, numa cidade considerada pouco “favorável” ao carnaval em relação a contextos como os do Rio de Janeiro, de Salvador ou de Recife.

Também é notável que a única atividade em que o público feminino predomina significativamente é a ida a feiras de artesanato ou de antigüidades – na qual também ocorre inversão no recorte etário, com preponderância dos que têm entre 25 e 59 anos.

Se tomarmos esses sete tipos de atividades de lazer – que, em seu conjunto, exigem deslocamento – percebemos que cerca de 1 em cada 5 entrevistados (20,1%) não realizaram qualquer delas nos doze meses anteriores à pesquisa. Mais da metade desse grupo também não teve qualquer prática cultural externa e teve pouco ou nenhuma prática cultural domiciliar. Trata-se basicamente de entrevistados com mais de 40 anos, baixa escolaridade e pertencentes às classes C e D/E, como se observa na Tabela 51.

TABELA 51 - CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DOS ENTREVISTADOS QUE NÃO REALIZARAM UMA SÓ ATIVIDADE DE LAZER FORA DE CASA NO ANO ANTERIOR

ATIVIDADE DE LAZER FORA DE CASA (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Não realizou atividade desse tipo	100,0	43,3	56,7	3,7	4,5	24,3	32,5	35,1	83,5	14,1	2,4	7,5	37,7	54,8

ATIVIDADES LIGADAS A ESPORTES

Os habitantes da região metropolitana jogam duas vezes mais futebol (30,3%) do que assistem a partidas profissionais (15,7%). Os entrevistados do gênero masculino e os mais jovens são predominantes nessas práticas, ainda que a participação feminina tenha sido bem mais alta que a esperada: entre quase de um terço da amostra que se declarou praticante de futebol, 1 em cada 10 (9,9%) é mulher. Tanto entre os praticantes quanto entre os freqüentadores de partidas de futebol, há predomínio dos mais ricos e mais escolarizados, bem como dos mais jovens – quase 7 jovens até 19 anos para cada entrevistado com mais de 60 anos. Observe-se que o futebol profissional atraiu público apenas um pouco inferior à soma das outras práticas e competições esportivas.

A manutenção de práticas tradicionais, como pescaria e sinuca, apareceram de forma significativa. A pescaria tem 26% de adeptos, enquanto 35,7% fazem algum tipo de ginástica e 30% jogam bilhar. A prática dessas atividades tem o mesmo perfil da freqüência a partidas de futebol: tende a ser mais alta entre homens jovens, mais ricos e escolarizados. Vale ressaltar, entretanto, a presença significativa de mulheres em pescarias e caçadas, bem como de jovens 15 a 19 anos. A ginástica foi a única prática esportiva em que houve equilíbrio de praticantes dos gêneros masculino e feminino.

QUADRO 17 - PRÁTICAS ESPORTIVAS OU RELACIONADAS A ESPORTE
(Múltipla escolha estimulada)

FEZ UMA DESSAS ATIVIDADES PELO MENOS UMA VEZ (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Jogou futebol	30,3	53,0	9,9	66,6	47,0	32,5	20,8	9,6	21,0	40,8	36,8	31,4	34,8	23,1
Praticou qualquer outro tipo de esporte	29,9	38,9	21,8	62,1	47,0	33,1	18,9	11,9	13,4	42,1	54,4	42,0	31,2	15,7
Fez algum tipo de ginástica	35,7	35,7	35,7	37,3	40,9	39,3	32,7	28,1	21,9	42,1	64,2	56,1	32,6	18,8
Foi a uma partida de futebol profissional	15,7	26,0	6,3	23,3	19,4	17,9	13,0	8,0	10,9	18,8	23,7	19,2	16,8	10,4
Foi a outras partidas esportivas	19,0	28,0	10,8	28,7	28,4	21,5	16,2	5,3	12,6	24,9	26,1	23,6	20,5	12,1
Foi a alguma caçada ou pescaria	25,8	36,5	16,1	22,3	27,2	29,0	27,9	14,4	22,7	28,3	30,0	29,0	26,6	21,4

De maneira geral, na prática de modalidades esportivas e na frequência a partidas e competições as clivagens de escolaridade e renda foram quase tão marcantes quanto as registradas para as práticas culturais tidas como “nobres” – resultado instigante que demanda uma análise posterior mais detida.

É interessante chamar a atenção para duas práticas esportivas que apresentam percentuais próximos tanto entre os entrevistados das classes D/E e com baixo nível de escolaridade quanto entre os de classes mais altas e escolarizadas: jogar futebol e pescar. Quanto à primeira, sua disseminação é traço marcante e conhecido do repertório cultural brasileiro. Já a pesca tem

ganhado força com a proliferação dos chamados “pesqueiros” na RMSP, principalmente nas zonas periféricas, atraindo público crescente nos finais de semana.

JOGOS DIVERSOS

Uma atividade com distribuição surpreendente foi fazer palavras cruzadas (45,5%), que se revelou maior entre a população mais jovem: 58% dos que têm de 15 a 19 anos, 55% dos de 20 e 24 anos e 47% dos que estão entre 25 e 39 anos se declararam praticantes. Os entrevistados com mais de 60 anos foram, inesperadamente, os menos aficionados: 30%. Esse pode ser um efeito da variável escolaridade, decisiva na resposta positiva a esse tipo de atividade, mas há também que considerar problemas de memória, que eventualmente podem desestimular essa prática entre os mais idosos.

Os videogames têm 31% de fãs e 36% gostam de jogos eletrônicos, que praticam em casas especializadas ou no computador. Os mais jovens foram os mais aficionados, como era de se esperar: mais de dois terços dos entrevistados de 15 a 19 anos afirmaram ter jogado videogame no ano anterior. Há mais praticantes homens que mulheres e, para todos os jogos eletrônicos, quanto mais alta a classe do entrevistado, mais alta a porcentagem de respostas afirmativas.

Sinuca ou bilhar revelaram-se atividades predominantemente masculinas: há cinco vezes mais homens que mulheres entre os que afirmaram ter jogado no ano anterior. Os jovens de 15 a 24 anos também se destacaram nessa prática, que cai progressivamente com o aumento da idade. Não obstante uma distribuição socioeconômica relativamente equilibrada, as classes A/B e os níveis alto e médio de escolaridade registraram porcentagens maiores para a sinuca. Esse mesmo grupo jogou mais na loteria, sendo que, nesse caso, também predominam homens com mais de 25 anos.

QUADRO 18 - PRÁTICA DE JOGOS DIVERSOS

FEZ UMA DESSAS ATIVIDADES PELO MENOS UMA VEZ (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Jogou em qualquer tipo de loteria	45,2	55,3	36,0	11,7	33,7	47,9	55,8	45,3	41,8	43,9	57,9	54,3	47,1	33,0
Jogou sinuca/bilhar	30,1	52,1	10,2	42,8	45,7	32,9	25,0	13,8	22,8	36,9	37,8	34,6	32,1	22,5
Jogou videogame	31,1	39,1	23,8	72,1	53,2	37,1	16,8	3,7	17,6	47,4	38,0	36,9	35,6	18,9
Jogos eletrônicos de máquina em casa especializada	13,4	20,3	7,2	28,4	23,4	14,4	9,5	2,6	10,6	18,7	11,2	13,7	14,2	12,1
Jogos eletrônicos no computador	22,6	26,6	18,9	45,1	40,5	24,9	15,0	5,1	6,6	32,0	51,4	41,8	18,9	7,7
Fez palavras cruzadas	45,5	47,6	43,6	58,3	54,7	47,1	43,5	30,5	31,0	57,4	64,6	60,7	47,5	27,1

ATIVIDADES DE LAZER DOMICILIARES

Mais de metade dos entrevistados mencionaram os concertos não profissionais como uma prática, entre as diversas que se realizam em casa, desenvolvida no ano anterior – atividade que é mais masculina que feminina e com maior número de praticantes entre os 25 aos 59 anos de idade. A escolaridade e a renda também se mostraram variáveis importantes, concentrando mais praticantes nos níveis mais altos. O mesmo ocorreu com a prática de jardinagem, atividade que atrai homens e mulheres de forma equilibrada, e apresenta maior número de praticantes entre os entrevistados com mais de 40 anos. A experimentação ou invenção de

receitas culinárias registrou um índice surpreendente (46,5%), atividade na qual os homens, embora representem a metade da porcentagem de mulheres, têm uma participação expressiva (31%). Os adeptos dessa prática estão principalmente entre os entrevistados mais ricos e escolarizados.

Trabalhos manuais como crochê, tricô, bordados mostraram-se como as únicas práticas tipicamente femininas. Democráticas, são equilibradamente distribuídas em todas as classes sociais (em torno de 20% em cada uma delas). Apesar de uma distribuição razoável entre as diversas faixas etárias, quanto mais velha a entrevistada maior a chance de ter realizado esse tipo de atividade no ano anterior.

QUADRO 19 - PRÁTICA DE ATIVIDADES DE LAZER DOMICILIARES

FEZ UMA DESSAS ATIVIDADES PELO MENOS UMA VEZ (nos 12 meses anteriores)	TOTAL (%)	GÊNERO (%)		IDADE (anos) (%)					NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)			CLASSE (Critério Brasil) (%)		
		Mas	Fem	15-19	20-24	25-39	40-59	+ de 60	Baixo	Médio	Alto	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Fez tricô, crochê, bordado, rendas	20,1	2,2	36,2	15,1	18,4	18,4	20,9	26,8	20,8	20,0	17,9	20,7	19,7	19,8
Inventou ou experimentou novas receitas culinárias	46,5	31,3	60,2	42,5	46,3	52,9	45,0	36,3	37,0	54,0	59,9	61,3	45,8	32,2
Fez algum conserto em casa	51,9	62,5	42,3	41,2	44,7	56,9	53,9	47,1	45,0	56,8	62,3	62,1	53,3	39,3
Praticou jardinagem	29,2	27,9	30,3	12,7	14,3	27,1	37,8	37,7	24,6	31,1	39,1	40,9	26,6	20,5

COMPORTAMENTO DE ALGUMAS VARIÁVEIS

Pesquisas realizadas em outros países já indicaram a influência das variáveis socioeconômicas no perfil das práticas culturais: idade, nível de escolaridade da pessoa, escolaridade dos pais, classe ou nível de renda, localização domiciliar. Ao longo do texto foi possível observar o peso desses fatores nas diferentes práticas pesquisadas. Vale aqui destacar apenas uma variável que não foi tratada com maior profundidade ao longo do relatório e que se relaciona à bagagem cultural das pessoas : a escolaridade dos pais. Além disso, pareceu-nos interessante abordar também a variável gênero em relação às práticas culturais, uma vez que ela apresentou um comportamento pouco típico quando se comparam as regressões gerais e regressões específicas.

Em busca de esmiuçar diferenciais entre os hábitos e práticas culturais dos indivíduos, como forma de levantar hipóteses que pudessem ser mais bem testadas na etapa qualitativa, já nesta primeira fase fizemos alguns ensaios de análise transversal de algumas das variáveis apontadas por Lahire em seu trabalho. Ainda que os fatores socioeconômicos coletivos tradicionalmente abordados demonstrem seu peso, pôde-se perceber alguns elementos simbólicos coletivos "consonantes" (termo que usamos em diálogo com o sociólogo francês) bem como algumas características específicas que podem indicar "dissonâncias" individuais, a serem conferidas na segunda etapa da pesquisa.

A VARIÁVEL GÊNERO

De modo geral, verificou-se que a variável gênero não tem grande influência nas práticas culturais pesquisadas pois, como se observou na Tabela 1 (página 23), mulheres e homens apresentam hoje níveis praticamente equivalentes de atividades culturais externas e domiciliares.

Nas regressões gerais, o gênero não se mostrou importante para a clivagem entre ser muito ou pouco praticante. Mas houve dois ou três aspectos em que a variável gênero teve peso significativo. Um deles corresponde ao grupo de médios ou grandes praticantes culturais externos com baixo nível de escolaridade e na faixa de 15 a 25 anos (uma das exceções encontradas na pesquisa): o fato de ser mulher significa ter menos chances de pertencer a esse grupo. O outro caso é o de pessoas com mais de 60 anos, faixa etária em que, ao contrário, ser mulher aumenta em mais de 200% as chances de ter pelo menos uma prática externa ao ano.

Ambos os gêneros se igualam nas atividades de lazer realizadas fora de casa, embora os homens representem um contingente cerca de 2% superior ao das mulheres no caso das atividades domiciliares. Estes dados são indicativos de mudanças na sociedade. Se o espaço doméstico ainda é considerado como privilégio – ou obrigação – feminino, observa-se que tudo aponta para a transformação do papel da mulher na vida social. A mulher acrescenta novos espaços no contexto de sua vida: assumir uma vida profissional lhe permite o convívio com o mundo extra-doméstico, sem que haja necessariamente o abandono de suas tradicionais obrigações na casa.

Há um contingente maior de mulheres (20,65%) do que de homens (12,6%) entre os grandes praticantes externos com alta escolaridade; mas 7,2% das mulheres e 11,2% dos homens com esse nível de formação escolar são não-praticantes externos –

índice surpreendente uma vez que a literatura especializada considera o alto nível de escolaridade (em associação com a renda) um bom preditor da “cultura do sair”.

Como se viu, canta-se bastante: mais de 6 em cada 10 entrevistados cantam, sem clivagens de classe social e escolaridade que mereçam destaque. No entanto, as mulheres cantam mais (71%) do que os homens (55%). O aprendizado de canto ou dança foi mencionado por 18,7% das mulheres e por apenas 6,1% dos homens. No caso do aprendizado de instrumento, há uma inversão: os homens correspondem a 22,5% dos que já aprenderam ou estão aprendendo a tocar, enquanto entre as mulheres esse índice é de somente 8,1%.

Há um equilíbrio entre os gêneros no caso de frequência a bibliotecas, mas as mulheres superam os homens na leitura por prazer: 44,7% delas leram pelo menos um livro por prazer no ano anterior, enquanto o índice masculino foi de 36%. Entre os leitores assíduos de jornais, os homens prevalecem: 41,2% deles lêem jornal com regularidade, contra 28% das mulheres. Já a leitura de revistas é uma preferência feminina: 45,6% das mulheres têm o hábito de lê-las, contra 34% dos homens.

A VARIÁVEL ESCOLARIDADE DOS PAIS

Tal como em pesquisas similares realizadas em outros países, o nível de escolaridade dos pais mostrou seu peso na relação dos entrevistados com o mundo da cultura. Quando ambos os pais têm nível de escolaridade baixo, a pessoa tem 395% mais chances de não ser praticante da “cultura do sair”. Mas se um dos pais tem escolaridade de nível médio, aumenta sua possibilidade de ter práticas extra-domiciliares em níveis significativos.

A bagagem cultural herdada dos pais é um preditor decisivo na vida de um adepto da “cultura do sair”: para tornar-se um grande praticante externo é mais importante ter pais altamente escolarizados do que o nível de renda e a formação escolar do próprio indivíduo³⁵ Como é sabido, a transmissão familiar tem importância fundamental no acesso à cultura: o nível alto de escolaridade dos pais propicia ao(s) filho(s) acesso facilitado à cultura tradicional.

Os resultados desta primeira etapa da pesquisa sobre o uso do tempo livre e as práticas culturais na RMSP confirmaram, de maneira geral, o peso da escolaridade, da renda, da faixa etária e da localização domiciliar na relação entre as pessoas e a vida cultural. No entanto, tais resultados também apontaram questões como as que pautam o trabalho de Bernard Lahire: a compreensão das práticas e do consumo culturais exige que se vá além das diferenças entre classes sociais, atentando para as diferenças entre os indivíduos.

³⁵ Para maiores detalhes, ver: DEP. Les pratiques culturelles des Français. Paris: La documentation Française, 1990.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

A primeira etapa da pesquisa "O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo" corrobora, em grande medida, resultados de pesquisas realizadas em outros países: idade, nível de escolaridade, escolaridade dos pais, localização domiciliar e renda são fatores que têm influência significativa no perfil das práticas culturais dos indivíduos. Os dados obtidos na Região Metropolitana de São Paulo confirmam tanto a "lei do acúmulo" quanto a forte presença da "cultura em domicílio". Consideradas as diferenças econômico-sociais em relação ao chamado Primeiro Mundo, pode-se imaginar que o peso relativo dessa "cultura de apartamento" talvez seja até maior na RMSP, devido às várias ordens de dificuldade (sejam econômicas, sociais ou urbanas estrito senso) para ter acesso à "cultura paga". Confirmam-se ainda as "dissonâncias" no seio das práticas culturais, principalmente entre os mais escolarizados e ricos, a exemplo do que encontrou Lahire.

Os pouco praticantes externos (aqueles entrevistados que mencionaram ter realizado de uma a três "saídas culturais" no ano anterior) estão presentes em todas as práticas. Mais que isso, compõem percentual significativo do público das atividades mais legitimadas socialmente, como se vê nas colunas que projetam as relações da amostra para o universo pesquisado (apresentadas no Quadro 4, página 28). Ou seja, o quadro indica a existência de um público "dissonante" – mesmo que pequeno.

É interessante observar que 27,4% dos muito praticantes externos (que tiveram de oito a quatorze saídas culturais e correspondem a 3,5% da amostra, como se viu na Tabela 2, página 26), declararam ter ido à ópera no ano anterior – contra apenas 1,1% dos entrevistados dos três outros grupos (médio, pouco e não-praticantes externos) somados. No entanto, como esses três grupos correspondem a 96,5% do total da amostra, as projeções apontam que os muito praticantes corresponderiam a 46,4% do público de ópera, sendo os 53,6% restantes compostos por entrevistados dos demais grupos – provavelmente aficionados pelo gênero, somados freqüentadores eventuais. Um resultado instigante que vai ao encontro das observações de Lahire, pois falamos

aqui de uma composição mais complexa desse público que inclui pessoas não habitualmente “classificadas” dentre aquelas que freqüentam atividades culturalmente legitimadas como ir à ópera, considerada uma das mais distintivas em todo o mundo.

Da mesma maneira, se 89% dos grandes praticantes foram ao teatro e 12% dos médio ou pouco praticantes afirmaram o mesmo, o público de teatro teria a seguinte composição: 21% seria formado pelos grandes praticantes e o restante, pelos médio ou pouco praticantes – provavelmente pessoas que adoram teatro e não se interessam muito por outras artes, além de uma parcela de freqüentadores eventuais.

Pela lei do acúmulo, já referida, pode-se compreender melhor a razão entre os índices de disseminação de uma determinada prática entre o total da amostra e entre os muito praticantes externos. Os grandes praticantes externos constituem apenas 3,5% da amostra, porém corresponderiam a quase metade (46,4%) do público de ópera e a apenas 9,4% do público de cinema. Ter ido ao cinema, portanto, é uma atividade que não pressupõe um grande acúmulo de práticas externas, enquanto ter ido à ópera ou a um concerto de música erudita são atividades mais diretamente associadas aos que acumulam muitas saídas culturais. As menções sobre freqüência ao cinema, distribuídas de forma mais equilibrada entre os diferentes grupos do que as menções a qualquer outra prática externa, indicam a popularidade dessa prática. Inversamente, as menções à ópera são as que têm maior associação com o grupo de muito praticantes. Ir à ópera e a um concerto de música clássica são, portanto, práticas muito mais associadas aos grandes praticantes externos do que ir ao cinema ou à biblioteca.

O que parece mais interessante aqui é verificar que há médio e pouco praticantes nas atividades mais distintivas, como no caso da ópera ou dos concertos de música erudita, o que aponta na direção das observações dos novos estudos sociológicos sobre as práticas culturais, mencionados anteriormente. Tais resultados indicam a necessidade de um olhar mais fino sobre os mecanismos de transmissão de gostos, relativizando o peso das variáveis classe, renda e escolaridade.

O mesmo se aplica às práticas domiciliares desenvolvidas por dois pólos opostos, os muito praticantes e os não-praticantes externos³⁶, o hábito de ver televisão e ouvir música são disseminados de maneira uniforme, enquanto o acesso à Internet, por exemplo, tem alta associação com o grupo dos que acumularam de oito a quatorze saídas culturais no ano anterior.

Por ser a primeira pesquisa com tal amplitude realizada no Brasil, é necessário cautela na interpretação dos dados. O refinamento que será propiciado pela etapa qualitativa poderá apontar novos aspectos a serem explorados, caso se possa contar com a possibilidade de uma investigação continuada, com novas enquetes por sondagem geradoras de dados a serem comparados com estes.

Como um primeiro raio X sobre práticas culturais e uso do tempo livre pela população, esta pesquisa pretende oferecer uma plataforma a partir da qual se realizem estudos pontuais, promovidos por instituições e órgãos públicos para orientar a condução de políticas referidas às várias artes e também aos usos diversificados da metrópole e de seus equipamentos, não só culturais como de esportes e de lazer.

São Paulo, abril de 2005

³⁶ Ver Quadro 4, apresentado na página 30.

ANEXO

NOTA METODOLÓGICA

Consultores Estatísticos:
Maria Paula Ferreira³⁷
Gizelton Pereira Alencar³⁸

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A AMOSTRA DO LEVANTAMENTO QUANTITATIVO

A amostra selecionada para a primeira fase da pesquisa sobre "O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo", do Centro de Estudos da Metrópole (PPC/CEM) foi composta por 2002 entrevistas para a toda RMSP, número considerado estatisticamente relevante. O universo da pesquisa foi a população total da RMSP com mais de 15 anos, sendo a amostra selecionada através de extração probabilística em três estágios.

No primeiro estágio foram selecionados probabilisticamente os municípios que formaram a amostra através do método PPT (Probabilidade Proporcional ao Tamanho), tomando como base o número de habitantes de cada município. Em um segundo estágio, foram selecionados os setores censitários a serem pesquisados dentro de cada município, também pelo método PPT. Finalmente, em um terceiro estágio foi feita a seleção dos entrevistados dentro do setor censitário, utilizando-se método *kish*. O intervalo de confiança estimado é de 95% e a margem de erro máxima estimada é de 2,2 pontos percentuais para mais ou para menos sobre os resultados encontrados no total da amostra. O software utilizado para processamento dos dados foi o *SPSS for Windows*.

³⁷ Maria Paula Ferreira foi a responsável pela reponderação dos dados para a distribuição censitária.

³⁸ Gizelton Alencar colaborou com a leitura geral dos dados e com a construção dos modelos de regressão logística.

O campo foi realizado no período entre 15 de maio e 6 julho de 2003. Após seu término e a digitação dos resultados, fases que foram realizadas pelo Ibope, os dados passaram por um primeiro tratamento, no qual foi feita sua reponderação em relação à variável gênero – única que, segundo a consultoria estatística, apresentou problemas mais sérios de representação quando se comparou a amostra aos dados censitários.

**TABELA A – DISTRIBUIÇÃO DE GÊNERO E FAIXA ETÁRIA DA RMSP
SEGUNDO A AMOSTRA DA PESQUISA E O CENSO 2000**

FAIXA ETÁRIA	GÊNERO (%)				TOTAL (%)	
	Masculino		Feminino		Amostra	Censo
	Amostra	Censo	Amostra	Censo		
15 a 19	9,4	13,9	8,4	12,9	8,8	13,4
20 a 24	11,0	13,8	10,5	13,0	10,7	13,4
25 a 39	35,7	35,2	35,0	33,9	35,3	34,5
40 a 59	31,8	27,6	29,5	27,9	30,5	27,8
60 e mais	12,1	9,6	16,6	12,2	14,7	11,0
TOTAL	42,4	47,4	57,6	52,6		

Fontes: Censo 2000 IBGE e PPC/CEM

Além disso, diferenças de metodologia na coleta dos dados pelo Censo e pela PPC resultaram em disparidades quanto à classificação da cor dos entrevistados. No Censo os dados de cor são coletados de forma aberta e com pós-estímulo sem cartela: caso a cor que o entrevistado se atribui não conste entre as pré-determinadas, ele é estimulado a se classificar em uma destas. Já na pesquisa CEM/Ibope adotou-se uma cartela na qual, junto da opção pardo estava assinalada a opção moreno, diferença importante com relação ao Censo/2000. Provavelmente em decorrência de tais diferenças metodológicas, a amostra da pesquisa apresentou

resultados bastante divergentes em relação aos dados censitários, com uma quantidade razoavelmente maior de pretos/negros e substancialmente maior de pardos/morenos, e com a conseqüente diminuição da porcentagem de brancos, como se observa na Tabela B. São resultados curiosos que apontam para a complexidade da classificação de cor na sociedade brasileira.

**TABELA B – DISTRIBUIÇÃO DE COR/RAÇA NA RMSP
SEGUNDO A AMOSTRA DA PESQUISA E O CENSO 2000**

COR / RAÇA	AMOSTRA PPC/CEM	CENSO
Branca	48,9%	65,9%
Negra/Preta	8,2%	5,3%
Amarela/Oriental	1,8%	1,9%
Parda/Morena	39,5%	25,9%
Indígena	0,2%	0,2%
Não sabe/não opinou	1,3%	0,7%
TOTAL	100,0%	100,0%

Fontes: PPC/CEM e Censo 2000 IBGE.

Diante dessas disparidades, por precaução metodológica, a variável cor não foi objeto de análise nesta fase da pesquisa. No mais, a amostra se comportou dentro dos padrões esperados, conforme o Censo 2000: baixa escolaridade (até ensino fundamental) de mais da metade da população entrevistada, números elevados de população jovem em determinadas áreas periféricas e, finalmente, grande concentração da população nas classes mais baixas: 70% de todos os entrevistados estão concentrados nas classes C, D ou E, de acordo com os critérios da ABIPEME.

Para que as análises pudessem ser mais claras e os erros amostrais minimizados, alguns resultados de variáveis importantes, como escolaridade e classe social, foram reagregados. No caso da escolaridade dos entrevistados e dos seus pais foi feito o seguinte reagrupamento:

QUADRO A – AGRUPAMENTO DOS DIFERENTES NÍVEIS DE ESCOLARIDADE

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	AGRUPAMENTO DA ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS	AGRUPAMENTO DA ESCOLARIDADE DOS PAIS DOS ENTREVISTADOS
BAIXO	Analfabetos, semi-analfabetos e nível fundamental (completo ou incompleto)	Ambos com nível baixo de escolaridade
MÉDIO		Pelo menos um dos pais com nível médio (completo ou incompleto)
ALTO	Nível superior (completo ou incompleto)	Pelo menos um dos pais com nível superior (completo ou incompleto)

No caso do nível de renda, foi adotada a estratificação por classes a partir dos critérios ABIPEME, embora houvesse pergunta específica sobre a renda familiar e individual. Essa escolha se deu por dois motivos: o alto índice de respostas inexistentes (cerca de 10 %) para renda quantificada e o baixo grau de confiabilidade da resposta dada pelos entrevistados que não eram a principal fonte de renda da família, notadamente no caso dos jovens. Os entrevistados foram, então, agrupados nas divisões entre classes A/B, classe C e classes D/E.

No que concerne à distribuição espacial da residência dos entrevistados, optou-se, nesse primeiro momento, apenas pela divisão entre os bairros do eixo Centro/Entre-rios (ver Quadro B a seguir), região da cidade que concentra grande parte dos equipamentos culturais disponíveis. Embora limitada nesta primeira fase da pesquisa, a relação com a cidade e o local de moradia será mais explorada quando os dados da fase qualitativa estiverem analisados. A divisão entre moradores e não-moradores do

Centro Expandido teve como objetivo avaliar se, do ponto de vista quantitativo, morar numa região com mais opções de equipamentos culturais interfere de alguma forma no acúmulo de práticas.

QUADRO B – DISTRITOS DA RMSP QUE COMPUSERAM O CENTRO EXPANDIDO

REGIÃO AGRUPADA	DISTRITOS	NÚMERO DE ENTREVISTADOS
Centro Expandido (Entre rios)	Bela Vista, Bom retiro, Brás, Cambuci, Consolação, Liberdade, Pari, República, Santa Cecília, Sé, Alto de Pinheiros, Pinheiros, Barra Funda, Perdizes, Jardim Paulista, Itaim Bibi, Lapa, Moema, Vila Mariana, Ipiranga.	195
Demais regiões da RMSP	Todos os outros bairros e municípios da RMSP	1807

2. CONSTRUÇÃO DO ÍNDICE DE PRÁTICAS CULTURAIS

O índice é composto por vinte e dois tipos de práticas, habituais ou realizadas nos últimos doze meses, divididas em dois grupos: oito delas realizadas geralmente em casa e quatorze realizadas fora do domicílio. Cada prática é uma variável dicotômica, ou seja, só é possível o valor 1 (se o entrevistado responde sim) e o valor 0 (se responde não). Cada uma das práticas foi assim agrupada e dividida (as características apontadas representam o valor 1):

2.1. Práticas domiciliares:

2.1.1 Informática:

- a) Uso de computador – hábito de usar um computador diariamente ou algumas vezes por semana
- b) Acesso a Internet – ter acesso à Internet

2.1.2 Leitura:

- a) Leitura de revista – hábito de ler alguma revista
- b) Leitura de jornal – hábito de ler algum jornal diariamente ou algumas vezes por semana
- c) Leitura de livro – ter lido algum livro por prazer (sem obrigação profissional ou escolar) nos últimos 12 meses

2.1.3 Audiovisuais:

- a) Televisão – hábito de ver televisão

b) Videocassete/DVD – hábito de assistir filmes em videocassete ou DVD, pelo menos uma vez por mês

2.1.4 Música – hábito de ouvir música diariamente ou algumas vezes por semana.

2.2. Práticas externas:

2.2.1 Cinema – Ter ido ao cinema nos últimos doze meses

2.2.2 Artes cênicas

a) Circo – ter ido ao circo pelo menos uma vez nos últimos 12 meses

b) Teatro – ter ido a um teatro especialmente para ver uma peça, pelo menos uma vez nos últimos 12 meses

c) Peça teatral em outros locais – ter assistido a uma peça teatral em qualquer outro lugar, pelo menos uma vez nos últimos 12 meses

d) Balé clássico – ter ido a um espetáculo de balé clássico, pelo menos uma vez nos últimos 12 meses

e) Dança moderna ou popular – ter ido a qualquer espetáculo de dança (moderna ou popular), pelo menos uma vez nos últimos 12 meses

2.2.3 Patrimônio histórico, monumentos e artes plásticas

a) Museus – ter ido a um museu, pelo menos uma vez nos últimos 12 meses

b) Exposição de arte – ter ido a uma exposição de arte, pelo menos uma vez nos últimos 12 meses

c) Cidade histórica – ter ido a uma cidade histórica a passeio, pelo menos uma vez nos últimos 12 meses

2.2.4 Espetáculos musicais

a) Show de música popular – ter ido a um espetáculo de música popular, pelo menos uma vez nos últimos 12 meses

- b) Música erudita – ter ido a um concerto de música clássica ou erudita, pelo menos uma vez nos últimos 12 meses
- c) Ópera – ter ido a ópera, pelo menos uma vez nos últimos 12 meses

2.2.5 Outras práticas externas

- a) Casa de Cultura ou Centro Cultural – ter ido a uma Casa de Cultura ou Centro Cultural, pelo menos uma vez nos últimos 12 meses
- b) Biblioteca – ter ido a uma biblioteca, pelo menos uma vez nos últimos 12 meses.

Nenhuma dessas práticas foi ponderada, ou seja, sua pontuação máxima é um ponto. Dois índices iniciais foram construídos, um para as práticas domiciliares e outro para as práticas externas:

$$\text{Índice de práticas domiciliares} = \frac{\text{Informática} + \text{Leitura} + \text{Audiovisuais} + \text{Música}}{8} \times 100$$

$$\text{Índice de práticas externas} = \frac{\text{Cinema} + \text{Artes Cênicas/Dança} + \text{Patrimônio/Artes} + \text{Outras}}{14} \times 100$$

As fórmulas foram criadas para que os índices tivessem valores que variassem entre 0 e 100 e, desta forma, facilitassem a análise dos dados. Assim, na análise dos dados deve-se sempre levar em consideração que um índice de práticas externas de 56%, por exemplo, significa que o entrevistado realizou 56% das 14 práticas externas levantadas, ou seja, algo em torno de 7 a 8 práticas.

3. SOBRE A METODOLOGIA DE CONSTRUÇÃO DOS MODELOS DE REGRESSÃO³⁹

1. Todos os modelos de regressão logística foram realizados com base na amostra desponderada, ou seja, com os 2002 casos tal como foram coletados. Esse procedimento é necessário para que níveis de significância não sejam superestimados nos modelos, embora isso acarrete um pequeno nível de distorção da variável sexo, com relação à qual se fez a única correção amostral. Assim, no modelo as variáveis só se mantiveram preditoras porque tiveram um peso significativo numa amostra n=2002 e, provavelmente, teriam efeito explicativo ainda maior caso tivéssemos uma amostragem de tipo censitário.

2. Em todas as etapas da regressão foram mantidas as variáveis socioeconômicas principais (sexo, idade, escolaridade e classe), com o objetivo de garantir que os resultados tivessem como pressuposto o controle dessas variáveis, entendidas como recortes fundamentais.

3. A escolha das outras variáveis testadas foi baseada tanto em sua viabilidade estatística como na sua recorrência nas pesquisas internacionais. Para citar um exemplo, sabe-se que o fato de ter filhos diminui consideravelmente a frequência com que se sai de casa. A partir desses dois critérios, as variáveis testadas no modelo foram as seguintes:

- outras características socioeconômicas: ser brasileiro ou estrangeiro, estar trabalhando, ter filhos, religião atual, nível de escolaridade dos pais, carga de trabalho nos dois dias do final de semana, morar ou não no Centro Expandido da cidade de São Paulo.

³⁹ Os procedimentos na construção dos modelos de regressão foram inspirados em Lavale e Castello (2004), a quem agradecemos pelo auxílio e pelas sugestões.

- histórico cultural/artístico: se, alguma vez durante a vida, freqüentou curso de canto ou dança, aprendeu ou está aprendendo a tocar algum instrumento musical, realizou algum trabalho artístico, escreveu algum texto literário, teve participação cultural/associativa (grupos folclóricos, partidos políticos, grupos religiosos etc.).
- práticas domiciliares: nível alto, médio ou baixo de acúmulo de práticas domiciliares (segundo os critérios já citados).

Em um primeiro momento, todas essas variáveis foram cruzadas com o pertencimento ao grupo em questão e, então, testadas isoladamente, com base no coeficiente de associação de Pearson. Para serem incluídas e novamente testadas no modelo de regressão logística, exigiu-se que a associação apresentasse índice inferior a 0,10. Não obstante esse nível de significância ser mais alto do que o admitido comumente, ele foi usado para uma filtragem inicial, refinada na etapa seguinte, a partir da qual as variáveis foram novamente testadas por regressão logística binária para a explicação de pertença ao grupo. Foram então mantidas apenas as variáveis que apresentassem nível de significância inferior a 0,05.

4. SEGUNDA FASE – LEVANTAMENTO QUALITATIVO

A partir do nível de acúmulo de práticas culturais externas e das duas variáveis que tiveram relação direta com seu resultado (escolaridade e faixa etária), uma sub-amostra de 105 entrevistados foi selecionada para a realização da segunda fase da pesquisa. Esta segunda amostra foi definida em função de uma tipologia determinada a partir do critério consonante/dissonante: casos que correspondem estritamente ao que a literatura especializada define como padrão – jovens altamente escolarizados e com um alto nível de práticas externas, por exemplo – e casos que fogem dele, como o inverso do exemplo mencionado. Assim, foram compostos quatorze subgrupos representativos do conjunto de casos encontrados na primeira fase.

Os entrevistados dessa sub-amostra foram submetidos a uma nova bateria de perguntas de um roteiro pré-estruturado e, dessa vez, realizado por uma equipe de pesquisadores especialmente treinados. Com cerca de 45 minutos de duração, essas entrevistas tiveram por objetivo detalhar as práticas relatadas objetivamente na primeira fase e, além disso, coletar dados de história de vida, trajetória familiar e mobilidade espacial na metrópole. Das 105 entrevistas pretendidas apenas 93 foram realizadas, em função das dificuldades de localizar os entrevistados.

O trabalho de campo da segunda fase já foi realizado e, assim que sistematizado e analisado, comporá o conjunto de dados finais da pesquisa.

São Paulo, abril de 2005